

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

CARLOS DONATO PETROLINI JUNIOR

**MAIS UMA IMAGEM NO ESPELHO:
A COLOCAÇÃO DE CLÍTICOS PRONOMINAIS EM SEQUÊNCIAS
VERBAIS DO ESPANHOL E DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

SÃO PAULO

2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA ESPANHOLA E
LITERATURAS ESPANHOLA E HISPANO-AMERICANA

**MAIS UMA IMAGEM NO ESPELHO:
A COLOCAÇÃO DE CLÍTICOS PRONOMINAIS EM SEQUÊNCIAS
VERBAIS DO ESPANHOL E DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

CARLOS DONATO PETROLINI JUNIOR

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Neide T. Maia González.

São Paulo

2009

*A meus pais, que cuidaram de mim
quando eu era criança.*

*Ao Flávio, que é meu companheiro agora
que sou adulto.*

AGRADECIMENTOS

A Neide T. Maia González, uma pessoa muito querida acima de tudo. Agradeço pela confiança, pelo incentivo e pela grande e inestimável dedicação como orientadora e mesmo antes, na graduação. É, sem dúvida, um modelo e um estímulo para minha própria atuação como docente.

A Mirta Groppi, outra professora que, em inúmeras ocasiões, marcou meu caminho ao longo de mais de dez anos de Letras. Sou grato pela disponibilidade e pela interlocução tão precisa e enriquecedora, agora, no mestrado, e também em várias disciplinas tanto da Área de Língua Espanhola como da de Língua Portuguesa.

A Ângela C. de Souza Rodrigues, Adrián P. Fanjul e a María Teresa Celada, pela qualificação, pelas oportunidades de levar a público partes de minha pesquisa e, nesses diferentes momentos, pelas valiosíssimas contribuições para esta dissertação que chega a seu final.

Aos amigos todos e, em particular, aos mais que especiais Ferdinando Crepalde Martins, Benivaldo José de Araújo Jr., Solange Mayumi Lemos e Hélade Scutti Santos, por tanto carinho e pela força na forma de leituras e revisões, de sugestões bibliográficas, de discussões acadêmicas e até mesmo de verdadeiras aulas particulares.

A minha mãe, Dolores, a meu pai, Carlos, e a meus irmãos, Amanda e Arthur, pelo amor e pela torcida que, de perto ou de longe, foram sempre presentes e intensos, não importando a distância. Agradeço ainda pela ajuda que inúmeras vezes me possibilitou mais tempo livre para dedicar à investigação.

A Flávio C. Goldman, por tanta, tanta coisa: sobretudo pela enorme paciência, por estar sempre a meu lado e por trazer cor a certos dias que, depois de bastante trabalho, às vezes se tornavam meio cinzentos.

RESUMO

As possibilidades de colocação dos pronomes pessoais átonos em sequências de verbos do espanhol e do português brasileiro não são simétricas: enquanto neste último se verificam menos oportunidades para a chamada subida do clítico, naquele ela é claramente mais frequente. Para descrever tal situação, esta dissertação analisa a configuração de composições verbais, perifrásticas ou não, dos dois sistemas linguísticos, de modo a classificá-las de acordo com seus diferentes níveis de gramaticalização e, a partir daí, com base em determinadas características sintáticas e semânticas relevantes para a problemática do posicionamento dos clíticos nessas estruturas. A seguir, se constata, mediante o exame de alguns exemplos representativos, que a coincidência nos parâmetros anteriores não implica um mesmo padrão quanto aos lugares ocupados pelas formas pronominais átonas junto a cadeias de verbos da língua espanhola e do português do Brasil. Com o objetivo de incluir outros fatores e de encontrar respostas mais completas, se pesquisam, então, novas explicações sobre o fenômeno e essas, por fim, também são debatidas, já que se identifica que nem sempre são suficientes ou totalmente precisas.

Palavras-chave: colocação pronominal, subida do clítico, sequências verbais, gramaticalização, tópicos gramaticais contrastivos.

RESUMEN

Las posibilidades de colocación de los pronombres personales átonos en secuencias de verbos del español y del portugués brasileño no son simétricas: mientras en este último se observan menos oportunidades para la llamada subida del clítico; en aquel, esta es claramente más frecuente. Para describir dicha situación, en esta tesina se analiza la configuración de composiciones verbales, perifrásticas o no, de los dos sistemas lingüísticos, de modo que se las pueda clasificar de acuerdo con sus distintos niveles de gramaticalización y, a partir de ese punto, en base a determinadas características sintácticas y semánticas relevantes a la problemática de la posición de los clíticos en esas estructuras. A continuación, se constata, mediante el estudio de algunos ejemplos representativos, que la coincidencia en los parámetros anteriores no supone una misma correspondencia en cuanto a los lugares ocupados por las formas pronominales átonas junto a cadenas de verbos de la lengua española y del portugués de Brasil. Con el objetivo de incluir otros factores y de encontrar respuestas más completas, se investigan, entonces, nuevas aclaraciones sobre el fenómeno, explicaciones que, por fin, también discutimos, ya que se identifica que no siempre son suficientes o totalmente precisas.

Palabras clave: colocación pronominal, subida del clítico, secuencias verbales, gramaticalización, temas gramaticales contrastivos.

ABSTRACT

The possibilities of positioning atonic pronouns in verbal sequences in Spanish and Brazilian Portuguese are not symmetrical: while in the latter less opportunities for clitic climbing are noted, in the former it is clearly more frequent. To describe this situation, this dissertation analyses the configuration of periphrastical or not periphrastical verbal compositions of the two linguistic systems, in order to classify them according to their different levels of grammaticalization and, from there, based on certain syntactical and semantic characteristics relevant to the question of clitic positioning in those structures. Subsequently, it is evidenced, through the exam of a few representative examples, that the coincidence in previous parameters does not imply the same standard regarding the positions of atonic pronominal forms in verbal chains in the Spanish language and Brazilian Portuguese spoken in Brazil. With the objective of including other factors and finding more complete answers, we research new explanations for that phenomenon, which are finally also debated, since it is identified that not always they are sufficient or totally precise.

Keywords: use of pronouns, clitic climbing, verbal sequences, grammaticalization, contrastive grammatical items.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
Proposta e justificativa	13
Objetivos	15
Estrutura do trabalho	16
CAPÍTULO 1 – AS SEQUÊNCIAS VERBAIS: CARACTERIZAÇÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA DA GRAMATICALIZAÇÃO	19
1.1. A gramaticalização: definição e princípios teóricos	20
1.1.1. Conceito	20
1.1.2. Princípios, mecanismos e estágios	23
1.1.2.1. Princípios da gramaticalização	23
1.1.2.1.1. Abstratização	25
1.1.2.1.2. Recategorização	26
1.1.2.1.3. Frequência	27
1.1.2.1.4. Mudanças semânticas, fonético-fonológicas, morfossintáticas e pragmáticas	28
1.1.2.1.5. Unidirecionalidade	28
1.1.2.1.6. Continuidade	30
1.1.2.1.7. Gradualismo	31
1.1.2.1.8. Persistência	31
1.1.2.1.9. Estratificação	32
1.1.2.1.10. Divergência	32
1.1.2.1.11. Especialização	32
1.1.2.1.12. Obrigatoriedade	33
1.1.2.1.13. Fixação	33
1.1.2.1.14. Coalescência	33
1.1.2.1.15. Condensação	33

1.1.2.2. Mecanismos da gramaticalização	34
1.1.2.2.1. Alteração semântica	34
1.1.2.2.2. Reanálise	35
1.1.2.2.3. Paradigmatização	35
1.1.2.2.4. Analogia	36
1.1.2.3. Estágios da gramaticalização	37
1.2. A gramaticalização de verbos	38
1.2.1. Estágios da gramaticalização de verbos	39
1.2.1.1. Estágio I	39
1.2.1.2. Estágio II	40
1.2.1.3. Estágio III	41
1.2.1.4. Estágio IV	43
1.2.1.5. Estágio V	44
1.2.1.6. Estágio VI	46
1.2.1.7. Estágio VII	46
CAPÍTULO 2 – AS SEQUÊNCIAS VERBAIS: CARACTERIZAÇÃO SINTÁTICA	47
2.1. As perífrases de fato	51
2.1.1. Recursos para a identificação das perífrases verbais	59
2.1.1.1. As perífrases de infinitivo	59
2.1.1.2. As perífrases de particípio	63
2.1.1.3. As perífrases de gerúndio	65
2.2. Os casos fronteiros	67
2.3. As combinações que não constituem um bloco	76
2.4. As locuções verbais	77

CAPÍTULO 3 – AS SEQUÊNCIAS VERBAIS: CARACTERIZAÇÃO SEMÂNTICA	84
3.1. Sequências com valor de voz	87
3.2. Sequências com valor de tempo	89
3.2.1. Os tempos perifrásticos: [<i>haber</i> + participio] (E) / ["ter"/"haver" + participio] (PB)	93
3.2.2. Os tempos perifrásticos: [<i>ir</i> + <i>a</i> + infinitivo] (E) / ["ir" + infinitivo] (PB)	97
3.3. Sequências com valor de aspecto	101
3.4. Sequências com valor de modalidade	111
CAPÍTULO 4 – AS SEQUÊNCIAS VERBAIS: ANÁLISE DE EXEMPLOS	116
4.1. A perífrase de voz [<i>ser</i> + participio] (E) / ["ser" + participio] (PB)	119
4.2. A perífrase de tempo [<i>haber</i> + participio] (E) / ["ter"/"haver" + participio] (PB)	122
4.3. A perífrase de tempo [<i>ir</i> + <i>a</i> + infinitivo] (E) / ["ir" + infinitivo] (PB)	128
4.4. A perífrase de aspecto [<i>estar</i> + gerúndio] (E) / ["estar" + gerúndio] (PB)	133
4.5. A perífrase de modalidade [<i>tener</i> + <i>que</i> + infinitivo] (E) / ["ter" + "que"/"de" + infinitivo] (PB)	137
4.6. O caso fronteiro de modalidade [<i>querer</i> + infinitivo] (E) / ["querer" + infinitivo] (PB)	141
CAPÍTULO 5 – A COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS	146
5.1. Os clíticos pronominais	147
5.2. A colocação dos clíticos pronominais no E	148
5.2.1. Posição com relação ao verbo	149
5.2.1.1. Posição com relação a formas verbais simples	149
5.2.1.2. Posição com relação a sequências verbais	152
5.2.1.2.1. Perífrases verbais	152

5.2.1.2.2. Sequências verbais não perifrásticas	156
5.2.1.2.2.1. Casos fronteirços	158
5.2.1.2.2.2. Combinações que não constituem um bloco	159
5.2.1.2.2.3. Locuções verbais	166
5.2.2. Posição com relação a outros clíticos pronominais	167
5.3. A colocação dos clíticos pronominais no PB	171
5.3.1. Posição com relação ao verbo	172
5.3.1.1. Posição com relação a formas verbais simples	172
5.3.1.2. Posição com relação a sequências verbais	180
5.3.1.2.1. Perífrases verbais e sequências verbais não perifrásticas	180
5.3.1.2.2. Locuções verbais	186
5.3.2. Posição com relação a outros clíticos pronominais	187
A TÍTULO DE CONCLUSÃO	190
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	199

INTRODUÇÃO

Segundo González (1994: 66), "a classe dos pronomes é importante para a aquisição de qualquer língua, mas [...] sua importância cresce quando o que observamos é a aquisição do espanhol por falantes do português brasileiro". Isso porque, no que diz respeito ao sistema pronominal, essa variedade da língua portuguesa e o espanhol de um modo geral se apresentam em uma relação "inversamente assimétrica" (*idem, ibidem*), isto é, em uma situação oposta de desequilíbrio entre a frequência de emprego de pronomes tônicos e átonos, o que acaba por implicar uma longa sequência de disjunções, sobretudo sintáticas, que podem configurar um significativo obstáculo para a aprendizagem e a aquisição do espanhol por brasileiros.

No caso específico desta investigação, as disjunções aludidas, mais que relacionadas com a seleção de certas formas pronominais para desempenhar esta ou aquela função, estão voltadas, a partir do desequilíbrio existente entre o espanhol (E) e o português brasileiro (PB) atuais, para as posições de fato sancionadas aos clíticos que atuam como complementos de sequências verbais dos dois idiomas, posições essas que, como acreditamos, também configuram uma assimetria, na qual parecem verificar-se maiores possibilidades no caso do E e, ao contrário, mais restrições no do PB.

Considera-se, portanto, a já descrita "situação de tensão pronominal" (KATO & TARALLO 1986, *apud* GONZÁLEZ 1994) por que passa o PB, para focalizar o objeto aqui submetido a exame, destacando-se aspectos relevantes para a linguística contrastiva E-PB que são passíveis de intervir na aquisição/aprendizagem daquele sistema por falantes deste e vice-versa.

Nesse sentido, temos presente o papel que a referida tensão pronominal pode ter para a aquisição do espanhol como língua estrangeira¹ (E/LE), já que, de acordo com Lightfoot (1991) e Clark & Roberts (1992), "se há mecanismos internos de seleção que operam na aquisição da L1² e desencadeiam mudanças do tipo da que está sofrendo o português brasileiro, é lícito supor [...] que esses mecanismos internos possam estar atuantes na aquisição de um conjunto de fenômenos paralelos de uma língua considerada 'irmã' e que, em uma série de outros aspectos, é bastante semelhante à L1" (*apud* GONZÁLEZ 1994).

PROPOSTA E JUSTIFICATIVA

Assim, a proposta desta dissertação de mestrado é analisar a configuração das sequências verbais – sejam elas perifrásticas ou não – do E e do PB, de modo a classificá-las de acordo com os diferentes níveis de gramaticalização das formas que as introduzem e, a partir daí, com base em determinadas características sintáticas e semânticas relevantes para a problemática da colocação de clíticos pronominais nessas estruturas. A seguir, se fará a identificação, articulação e discussão do que se sabe sobre tal posicionamento, para que, então, sejam fundamentados questionamentos acerca de tal descrição.

¹ Com base na terminologia empregada por Baralo (1999), neste trabalho consideramos como língua estrangeira aquela aprendida por um indivíduo adulto em um contexto institucional. Por vezes, também a denominaremos "segunda língua" ou "L2", embora estejamos conscientes de que, para alguns autores – entre eles, a própria Baralo –, esta última expressão defina outra categoria de sistema linguístico, a saber, aquele que, sem ser a língua materna de um indivíduo em particular, também é adquirido por ele na infância ou na juventude em um contexto natural – não apenas institucional – de aprendizagem, sem grandes esforços de estudo e em comunidades que dispõem de duas línguas em contato (bilinguismo ou diglossia) ou em situação de imersão (quando o núcleo familiar se desloca para uma nova comunidade idiomática).

² Ainda conforme a reflexão desenvolvida por Baralo (1999), entendemos, indistintamente, como "língua nativa", "língua materna" ou "primeira língua" (L1) o sistema linguístico por meio do qual o indivíduo desenvolve sua capacidade inata para a linguagem e adquire uma competência linguística e comunicativa que lhe serve para interagir com seus semelhantes; para construir seu mundo interior através de suas percepções, suas emoções e suas inferências; para organizar seu pensamento; e, em geral, para se desenvolver como ser humano. Todas as línguas que esse indivíduo aprender depois de ter adquirido sua língua materna podem ser consideradas línguas estrangeiras ou segundas línguas (L2).

Pretende-se, dessa maneira, oferecer subsídios para que, em estudos posteriores, se possa aperfeiçoar a caracterização do fenômeno aqui focalizado e, a partir daí, verificar também se as diferenças e semelhanças que venham a ser encontradas entre o E e o PB exercem alguma influência no processo de aquisição/aprendizagem daquele idioma por brasileiros adultos ou deste último por falantes de E.

A pesquisa procuraria contribuir, portanto, para a reflexão acadêmica existente sobre a língua espanhola e sobre sua aquisição/aprendizagem como idioma estrangeiro no Brasil, uma linha de investigação de grande importância no panorama atual, no qual o interesse pelo E em nosso país e a oferta de cursos para atender a essa demanda têm crescido sobremaneira, embora, ao mesmo tempo, seja ainda significativa a carência de bases teóricas sobre as quais os professores possam fundamentar suas aulas.

Encontrando o apoio de uma reflexão estruturada, acreditamos que esse ensino também possa crescer qualitativamente, de forma que as aulas de E/LE ministradas no Brasil sejam cada vez mais eficazes e produtivas, colaborando ao máximo para que um número maior de pessoas que se tenha proposto a aprender esse idioma consiga observar uma evolução em sua interlíngua³ e, de fato, alcançar resultados satisfatórios.

³ Denominamos "interlíngua" o sistema linguístico que caracteriza a produção do falante não nativo em qualquer estágio anterior à completa aquisição de uma determinada língua-alvo, quando este se dá, o que, segundo muitos estudiosos, pode não ocorrer em muitos casos.

OBJETIVOS

Como foi dito, a finalidade geral deste trabalho é estudar as sequências verbais – perifrásticas ou não – do E e do PB contemporâneos, para caracterizar e debater a forma como se dá a colocação dos pronomes átonos nessas estruturas. Parte-se da hipótese de que, como em outros âmbitos de seus sistemas pronominais, também nesse há significativas assimetrias entre as duas línguas.

Assim, nossos objetivos pontuais são:

- A. Considerando sua relevância para o posicionamento dos clíticos que a elas se adjungem, descrever os diferentes tipos de sequências verbais existentes em E e no PB a partir dos critérios da Gramaticalização⁴.
- B. Com base em seus diferentes níveis de gramaticalização, descrever certas características sintáticas e semânticas das combinações de verbos do E e do PB, de modo a poder delimitar unidades discretas relevantes para a questão do posicionamento dos pronomes átonos em tais estruturas.
- C. Identificar, a partir da análise de alguns exemplos representativos, se os parâmetros anteriores são suficientes para traçar um padrão na colocação dos clíticos pronominais junto a verbos dispostos em cadeia.
- D. Observar se, no caso de essa regularidade existir, ela é análoga em E e no PB.

⁴ Nesta dissertação, o termo "gramaticalização" é grafado com inicial maiúscula quando corresponde ao nome de uma linha teórico-metodológica e com inicial minúscula quando se refere a um processo de mudança.

- E. Na eventualidade de as respostas às questões levantadas em "C" e "D" serem negativas, buscar explicações mais consistentes sobre como se dá a colocação pronominal nos idiomas estudados, organizando-as para focalizar sobretudo o caso das sequências verbais e para promover a comparação dos dois sistemas linguísticos.

- F. Discutir essas últimas informações encontradas e verificar se são suficientes ou se também devem ser problematizadas.

ESTRUTURA DO TRABALHO

Para atingir as metas citadas, os caminhos percorridos pela dissertação se distribuem em cinco capítulos seguidos de uma conclusão.

O primeiro deles – As sequências verbais: caracterização a partir da perspectiva da gramaticalização – privilegia o objetivo "A" e procura definir e caracterizar a gramaticalização de maneira geral, para, a partir daí, compreender como ela se verifica especificamente no caso de verbos. Trata-se de um esforço por estabelecer uma base consistente para descrever as sequências do E e do PB que admitem ou não a subida do clítico, de modo a observar se, quando ela ocorre, é apenas em verdadeiras perífrases e se estas a admitem sempre.

No segundo capítulo – As sequências verbais: caracterização sintática –, são relacionadas algumas propriedades sintáticas das composições verbais que, a se associar a diferentes níveis de gramaticalização, permitem identificar, tanto em E como no PB, unidades discretas relevantes para a questão do posicionamento dos pronomes átonos em tais estruturas. São representadas, assim, as ocorrências aqui denominadas: perífrases, casos fronteiros, combinações que não constituem um bloco e locuções.

A seguir, o capítulo 3 – As sequências verbais: caracterização semântica – promove uma nova descrição que, desta vez do ponto de vista semântico, focaliza mais especificamente aquelas combinações de verbos cujo elemento que as introduz tem, devido à alteração de sentido promovida na gramaticalização, uma redução de seus traços originais – mais lexicais –, para dar lugar a outros de ordem mais gramatical. Esses novos valores são organizados de acordo com as categorias de voz, tempo, aspecto e modalidade e se pretende observar se as perífrases e os casos fronteiriços que apresentam cada um deles demonstram comportamentos análogos quanto à colocação dos clíticos.

No capítulo 4 – As sequências verbais: análise de exemplos –, os conteúdos dos três segmentos anteriores são articulados para que se leve a cabo a análise de alguns exemplos significativos quanto ao tema da posição pronominal. Este último, por sua vez, também é debatido a partir daquelas mesmas ocorrências.

As questões que derivam de toda essa apreciação levam, finalmente, ao capítulo 5 – A colocação dos clíticos pronominais –, no qual se faz uma revisão bibliográfica da questão do posicionamento dos clíticos do E e do PB, para que se possa avaliar em que medida a gramaticalização esgota, por si só, suas possibilidades de deslocamento. Verifica-se, ainda, se o comportamento de tais pronomes átonos é semelhante em E e no PB e também são levantados novos problemas sobre o assunto em discussão.

Nas conclusões, são retomadas e reorganizadas as descobertas realizadas ao longo da pesquisa, que, então, tem seu fechamento.

Posto que foi no âmbito do Funcionalismo que a Gramaticalização teve seu desenvolvimento, é possível afirmar que, ao lançar mão dessa linha teórico-metodológica, este trabalho se enquadra em uma concepção funcional de língua⁵ e suas demais concepções – sobretudo as de sintaxe – são coerentes com tal perspectiva.

Não obstante, aqui não vamos nos aprofundar acerca do que seja a gramática funcional, pois, no termos de Neves (1997: 1) essa é:

[...] uma tarefa difícil, já que os rótulos que se conferem aos estudos ditos 'funcionalistas' mais representativos geralmente se ligam aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que se colocam.

Porém, assim como faz Mendes (1999: 9), cabe afirmar que a concepção de linguagem que é adotada nesta dissertação é a defendida pela Linguística Funcional, porque esta "não separa o sistema linguístico e suas peças das funções que têm de preencher" e "[...] reconhece, na instabilidade da relação entre estrutura e função, a força dinâmica que está por trás do constante desenvolvimento da linguagem" (GEBRUERS 1987: 129, *apud* NEVES 1997: 3).

⁵ Não se está afirmando, contudo, que seja impossível conciliar estudos sobre esse tipo de mudança com a chamada Linguística Formal. Para mais detalhes, cf.: Vitral & Ramos (2006).

CAPÍTULO 1

AS SEQUÊNCIAS VERBAIS: CARACTERIZAÇÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA DA GRAMATICALIZAÇÃO

Em certas sequências verbais, nem sempre o clítico pronominal se posiciona junto ao verbo encaixado que o seleciona e lhe atribui papel temático, podendo se mover, então, para junto da forma conjugada que antecede a anterior. Esse fenômeno recebe o nome de *clitic climbing* (subida do clítico) e, para que ele possa ocorrer sem que daí resultem construções agramaticais, é necessário, em princípio, que os itens verbais dispostos em cadeia sofram uma reestruturação prévia que, por meio do aumento no nível de gramaticalização da forma finita, os torne um complexo único, ou seja, uma perífrase (cf.: RIZZI 1982, *apud* GROPPPI 1997: 137).

No entanto, a gramaticalização, uma modalidade específica de mudança linguística na qual um determinado termo perde traços de sua natureza mais lexical para desempenhar funções mais gramaticais, constitui um processo contínuo e gradual, o que significa que nem todas as combinações verbais que estejam passando por ele se encontrem em uma mesma etapa de evolução.

Nesse sentido e como se verá mais adiante, as possibilidades de colocação do pronome átono junto ao primeiro verbo de estruturas que se consideram perifrásticas não parecem ser iguais em todas elas, sobretudo quando se comparam sistemas linguísticos diferentes como o E e o PB. Isso pode levar a pensar em diferentes níveis de gramaticalização para cada um desses casos ou em novos fatores que, juntamente com o anterior, sejam necessários para que efetivamente se dê o fenômeno de deslocamento do clítico.

Antes de se tratar dessa última hipótese e tentar determinar que agentes seriam esses, é preciso, contudo, entender o que é exatamente esse tipo de transformação linguística, quais são os estágios das sequências verbais que passam por ela, quais são as propriedades sintáticas e semânticas particulares dos verbos gramaticalizados e como de fato se dá o posicionamento dos pronomes átonos junto a eles. São essas, como já foi dito, as finalidades desta investigação de mestrado, objetivos que, segundo acreditamos, podem oferecer subsídios para novas pesquisas que venham a se debruçar sobre a hipótese aludida no início deste parágrafo.

Por ora, neste primeiro capítulo da dissertação pretendemos definir e caracterizar a gramaticalização de maneira geral, para daí compreender como ela se verifica especificamente no caso de verbos. Trata-se de procurar estabelecer uma base consistente para descrever as sequências do E e do PB que admitem ou não a subida do clítico, de modo a observar se, quando ocorre, é apenas em verdadeiras perífrases e se estas a admitem sempre.

1.1. A GRAMATICALIZAÇÃO: DEFINIÇÃO E PRINCÍPIOS TEÓRICOS

1.1.1. CONCEITO

Apesar da polêmica existente acerca do estatuto da gramaticalização, ela é aqui entendida como, ao mesmo tempo, uma teoria – isto é, um conjunto de leis ou regras mais ou menos sistemáticas que se aplicam a uma área do conhecimento e a um objeto específicos – e um processo – ou seja, uma sequência de fatos ou operações que apresentam certa unidade ou que se reproduzem com alguma regularidade. Isso porque, de momento, não foram encontrados argumentos convincentes contrários a essas escolhas, que, de resto, são relativamente comuns entre os autores que estudam o tema e não interferem de modo significativo nos procedimentos desta investigação⁶.

⁶ Para mais detalhes, cf.: Gonçalves *et al.* (2007: 27-31 e 58-65).

Assim, a gramaticalização pode ser definida como um tipo particular de mudança linguística na qual um termo autônomo e de natureza mais lexical⁷ passa, gradativamente e de forma continuada, a desempenhar, em construções dependentes, papéis de ordem cada vez mais abstrata e gramatical, podendo chegar a se tornar, em um estágio muito avançado desse processo, uma partícula, um clítico, um afixo aglutinativo ou uma flexão (CASTILHO 1997a: 26). Nesse *continuum*⁸, um lexema pode adquirir características e funções gramaticais ou um item já gramatical (como, por exemplo, um verbo auxiliar) pode se transferir para outro nível ainda mais ligado à gramática (como, por exemplo, um morfema flexional).

Essa conversão de itens lexicais em formas gramaticais não deve ser compreendida apenas como uma transformação morfológica, mas sim como uma mudança global que afeta também a fonologia, a semântica e a sintaxe (McMAHON 1996, *apud* LIMA-HERNANDES 2005: 21; BYBEE 2003), pois nela as unidades linguísticas perdem parte de sua substância fonética, a complexidade de seus traços semânticos e sua liberdade e categoria sintáticas (HEINE & REH 1984, *apud* CASTILHO 1997a: 26).

⁷ De acordo com Travaglia (2002: 3) e com Gonçalves *et al.* (2007: 17), nesta dissertação entendemos, como elemento, item, termo ou unidade lexical, aquele que pode ser associado a classes prototípicas cujo significado se caracteriza por meio de um conteúdo semântico ligado à indicação de algo do mundo biopsicofísicosocial, designando entidades, ações, processos, estados ou qualidades. Por outro lado, consideramos um elemento, item, termo ou unidade gramatical aquele que faz parte de categorias modelares definidas por um conteúdo de natureza funcional, gramatical ou relacional, dentro dos limites da organização interna da língua e sem referência a entes do mundo biopsicofísicosocial ou, em as tendo, sendo elas uma indicação referencial direta, como a dêitica e a anafórica. Os diferentes membros desse segundo grupo de palavras tratam de organizar, no discurso, os elementos de conteúdo, já que ligam tais vocábulos e também orações e partes do texto, marcando ainda estratégias interativas na codificação de noções como voz, tempo, aspecto, modo, modalidade, etc.

⁸ Vale esclarecer que, ao contrário do que se possa pensar a partir da leitura da nota 7, a distinção que aqui se faz entre itens lexicais e itens gramaticais se presta apenas a diferenciar o conjunto de propriedades predominantes que identificam um e outro grupo de expressões. Tal procedimento não deve ser confundido, portanto, com a adoção de uma concepção de língua na qual ela seria portadora de categorias efetivamente discretas no que se refere à oposição entre lexemas e morfemas.

Ademais, por seu caráter gradual e continuado, a gramaticalização reúne duas dimensões que, com as dicotomias estabelecidas por Saussure (1916), costumam ser estudadas em separado: a sincrônica, responsável pela variação, e a diacrônica, responsável pela mudança. Nessa evolução, Givón, em trabalho de 1979 (*apud* HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER 1991: 13), propõe uma escala de níveis de atuação que valeria para todos os itens, independentemente do ponto em que iniciam o processo: discurso⁹ > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero.

Segundo Gonçalves *et al.* (2007), esse fenômeno requer, assim, uma concepção dinâmica das línguas humanas, o que, em outros termos, significa admitir que as estruturas linguísticas estão em permanente renovação e, dessa maneira, que não há, a rigor, gramática como produto acabado, mas sim como efeito de contínua gramaticalização:

Esse fazer constante da gramática, observável pela variação e pela mudança linguística, bem como pela gramaticalização, um tipo especial de mudança, revela-se em instâncias diversas, como a morfologia, fonologia, semântica e sintaxe. Não é, contudo, um privilégio da língua portuguesa [ou espanhola]. É um movimento seguido e altamente produtivo em todas as línguas naturais. (*idem, ibidem*: 29)

E, embora se trate de uma modalidade de transformação intrínseca aos mais diversos idiomas e que apresenta princípios e mecanismos estáveis, cada uma de suas ocorrências específicas parece ser desencadeada pela articulação de variados agentes tanto internos como externos aos sistemas, podendo ser alguns deles mais relevantes em determinadas manifestações do processo e menos importantes em outras.

⁹ De acordo com Gonçalves *et al.* (2007: 24), "nos termos de Givón, 'discurso' deve ser entendido como macrossintaxe e não como modelo de interação".

Para inúmeros estudiosos que se debruçam sobre o tema, a gramaticalização configura apenas uma das possibilidades de evolução constitutivas das línguas vivas, juntamente com outras duas de igual importância e produtividade: a semantização e a discursivização. Cada um desses fenômenos aponta para módulos distintos a partir dos quais a linguagem tacitamente se organiza, a saber, a gramática, a semântica e o discurso (CASTILHO 2002a, *apud* GONÇALVES *et al.* 2007: 28).

1.1.2. PRINCÍPIOS, MECANISMOS E ESTÁGIOS

Na gramaticalização: os *princípios* constituem as características regulares das ocorrências desse tipo de mudança; os *mecanismos* são considerados os meios pelos quais esses princípios se realizam, promovendo a passagem de um estágio para outro; e esses *estágios* devem constituir os distintos momentos nos quais se encontra o item em seu processo de transformação (cf.: TRAVAGLIA 2002: 5-17).

1.1.2.1. PRINCÍPIOS DA GRAMATICALIZAÇÃO

Como se pode observar a seguir, são muitos os princípios fundamentais da gramaticalização. No entanto, Gonçalves *et al.* (2007) defendem que, entre todos, o mais importante é o da unidirecionalidade, já que, no limite, é o que diferencia tal mudança das demais que constituem a linguagem. Para o autor (*ibidem*: 38), essa afirmação se apoia no fato de que se trata do único traço do fenômeno que, de maneira genérica, realmente lhe é essencial, pois os outros que existem são, de acordo com cada episódio particular analisado, variáveis em número e espécie e, portanto, não necessários nem suficientes para caracterizar um processo de gramaticalização como tal.

Nessa hierarquização, é só na sequência que vêm a abstratização e a recategorização, que integram, respectivamente, a dimensão semântica e a morfossintática dos itens submetidos à modalidade de evolução que aqui se discute. A eles se seguem, ainda, a questão da frequência e a articulação entre alterações semânticas, fonético-fonológicas, morfossintáticas e pragmáticas, ambas reforçando a ideia de que as transformações nas línguas naturais estão associadas ao uso e atravessam todos os níveis nos quais se conformam os termos que delas fazem parte.

Há também o princípio da continuidade e o do gradualismo, relacionados com a linearidade do fenômeno. Após esses últimos, temos o da persistência, que mais uma vez reúne distintos planos da análise linguística; o da estratificação e o da divergência, que, em certa medida, relativizam o caráter linear para o qual, em princípio, a continuidade e o gradualismo apontam¹⁰; e, por último, o da especialização, o da obrigatoriedade, o da fixação, o da coalescência e o da condensação, que, segundo seus próprios nomes indicam, fazem referência a como um termo submetido a gramaticalização momentaneamente se estabiliza em um contexto específico.

¹⁰ Diz-se que, assim como a abstratização, também a continuidade e o gradualismo assinalam a linearidade do processo, porque, ao se dar mediante um *continuum*, ele pode ser segmentado apenas artificialmente, para possibilitar a análise teórica. Contudo, a persistência e a estratificação explicam a manutenção de características prévias de determinados itens que estão se modificando e tanto essa conservação como os desvios de rota (princípio da divergência) que dela podem derivar parecem se contrapor à concepção estritamente linear da gramaticalização. Nesse mesmo sentido, é importante considerar que, embora ela constitua um tipo de transformação que ocorre sempre em uma certa direção (princípios da abstratização e da unidirecionalidade), para Gonçalves *et al.* (2007: 31) isso não significa que um termo que em determinado período de tempo se gramaticaliza não possa, em um momento seguinte, interromper essa trajetória e passar a se submeter a outra como, por exemplo, a da semantização, sofrendo, assim, uma reversão em seu percurso de mudança. Outros autores consideram, entretanto, que, uma vez iniciado seu desenvolvimento rumo a um papel de ordem cada vez mais abstrata e gramatical, não é possível que uma unidade qualquer se desgramaticalize (cf.: HOPPER & TRAUGOTT 1993).

É importante esclarecer que tal atribuição de maior ou menor relevância a certos princípios da gramaticalização é apresentada aqui com o objetivo específico de descrever mais detalhadamente esse tipo de mudança linguística, considerando, para tanto, o posicionamento dos vários autores consultados. Todavia, chamou a atenção o fato de que, embora tampouco a questionem, nem todos eles fazem referência a essa gradação e, portanto, é plausível pensar que ela não seja consensual. Em todo caso, como a questão não acarreta maiores consequências para os temas e procedimentos deste trabalho, não parece ser necessário que ele assuma uma postura própria a esse respeito e, portanto, a dissertação se limita a apresentar o ponto de vista defendido sobretudo por Gonçalves *et al.* (2007) e a mencionar seu possível caráter controverso.

1.1.2.1.1. ABSTRATIZAÇÃO

Ao ser a gramaticalização um processo de mudança em que determinados termos se tornam menos lexicais e mais gramaticais, nela esses itens vão sempre do sentido mais concreto para o mais abstrato e do mais específico para o mais geral.

Segundo Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991b, *apud* LIMA-HERNANDES 2005: 30), isso ocorre de acordo com as seguintes categorias conceptuais: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade.

O mecanismo da alteração semântica, apresentado mais adiante (seção 1.1.2.2.1. Alteração semântica), se vincula muito estreitamente ao princípio da abstratização.

1.1.2.1.2. RECATEGORIZAÇÃO

Como essa transformação de elementos lexicais em formas gramaticais não se dá exclusivamente no âmbito do significado, as unidades em gramaticalização tendem a perder traços morfológicos e propriedades sintáticas das categorias plenas, como o substantivo e o verbo, e a assumir características das categorias secundárias¹¹, como o adjetivo, a preposição¹², etc. (HOPPER 1991, *apud* CASTILHO 1997a: 52).

Desse modo, na recategorização tem sido observada a seguinte linha evolutiva: categoria maior (nome, verbo, pronome) > categoria mediana (adjetivo, advérbio) > categoria menor (preposição, conjunção)¹³ (HOPPER & TRAUGOTT 1993: 104; CASTILHO 1997a: 23).

Ao associar o nível semântico (princípio da abstratização) à dimensão morfossintática da linguagem, esse princípio faz com que se estabeleçam "subprocessos simultâneos" (GONÇALVES *et al.* 2007: 16) que podem ocasionar uma reordenação geral da estrutura linguística.

¹¹ Embora Hopper (1991, *apud* CASTILHO 1997a: 52) designe tanto os adjetivos como as preposições como constituintes das chamadas "categorias secundárias", nem todos os linguistas entendem tal classificação dessa mesma maneira e muitos deles, como Dubois *et al.* (1978: 102), consideram que os elementos que devem ser assim denominados são apenas os morfemas gramaticais (desinências verbais, flexões nominais, etc.), que indicam, por exemplo, tempo, pessoa, número e gênero. Para esses autores (*ibidem*), fazem parte das "categorias primárias" não só o substantivo e o verbo, mas também o adjetivo, que são, todos os três, morfemas lexicais.

¹² Dubois *et al.* (1978: 469-470) afirmam que "chamam-se formas plenas, por oposição às formas vazias, os morfemas lexicais opostos aos termos gramaticais" e ainda que "a gramática tradicional chama de plenas as preposições que têm uma significação própria ('contra', 'perante') opostas às demais, que exprimem apenas relações sintáticas ('a', 'de')". Com tudo isso, além da questão da nomenclatura já mencionada na nota 11, acreditamos que, embora não seja adequado considerar que um adjetivo conta com os mesmos traços morfológicos e as mesmas propriedades sintáticas de um substantivo ou um verbo, tampouco parece ser razoável atribuir, nesse mesmo sentido, um tratamento homogêneo a eles e às conjunções e preposições e, ainda, a todos os representantes destas duas últimas classes.

¹³ Ver as notas 11 e 12.

Quanto a isso, vale lembrar que estão fortemente relacionados à recategorização tanto o mecanismo da reanálise (seção 1.1.2.2.2. Reanálise) como o da paradigmática (seção 1.1.2.2.3. Paradigmatização), ambos descritos mais adiante.

1.1.2.1.3. FREQUÊNCIA

Embora não sejam determinantes, usos mais recorrentes acarretam uma maior tendência à gramaticalização, pois, segundo Haiman (1994, *apud* BYBEE 2003), a repetição de uma unidade lexical conduz a sua ritualização e, conseqüentemente, ao enfraquecimento de sua força e significação originais.

De acordo com Hopper (2002, *apud* TRAVAGLIA 2002: 10), a rotinização de itens faz com que eles se automatizem e o que é automático se torna mais fácil de processar cognitivamente. Tanto o aumento na frequência como a ritualização constituem, assim, agentes que, na interação com outros presentes no sistema, podem contribuir para o início da gramaticalização.

É por tudo isso que Gonçalves *et al.* (2007: 35) defendem que uma das mais notáveis características dos elementos gramaticais nas construções em que ocorrem é sua reiteração textual, extremamente alta quando comparada à das formas lexicais. Entretanto, como adverte Bybee (2003), "a frequência não é, [isoladamente, causa ou] resultado da gramaticalização, mas apenas uma contribuição primária para a identificação do processo, uma força ativa na investigação envolvendo esse tipo de mudança".

1.1.2.1.4. MUDANÇAS SEMÂNTICAS, FONÉTICO-FONOLÓGICAS, MORFOSSINTÁTICAS E PRAGMÁTICAS

Ao aumentar sua recorrência e se gramaticalizar, os termos em transformação sofrem alterações semânticas, fonético-fonológicas, sintáticas e pragmáticas que se inter-relacionam estreitamente no processo, no qual um âmbito corrobora a mudança nos demais e vice-versa.

Nos itens em gramaticalização, verificam-se, portanto, uma diminuição de seu conteúdo lexical e sua substituição por sentidos gramaticais, uma perda de sua massa fônica por meio de erosão e/ou fusão e, por fim, a transferência de sua significância em nível pragmático para uma significância em nível sintático (cf.: BYBEE 2003: 615 e ss.).

1.1.2.1.5. UNIDIRECIONALIDADE

Para que efetivamente se trate de gramaticalização e não de outro fenômeno de modificação linguística, as ocorrências desse processo devem se dar sempre da esquerda para a direita na linha evolutiva de Givón (1979, *apud* HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER 1991: 13) – "discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero" – e nas demais que com ela dialogam – por exemplo: "categoria maior (nome, verbo, pronome) > categoria mediana (adjetivo, advérbio) > categoria menor (preposição, conjunção)" (HOPPER & TRAUGOTT 1993: 104; CASTILHO 1997a: 23); "justaposição > cliticização > aglutinação > fusão > alternância simbólica" (LEHMANN 1982, *apud* CASTILHO 1997a: 49); e "pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade" (HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER 1991b, *apud* LIMA-HERNANDES 2005: 30).

Porém, isso não significa, segundo Gonçalves *et al.* (2007: 31), que tal curso seja irreversível, já que, se são consideradas as demais modalidades de mudança existentes – isto é, a semantização e a discursivização –, um termo que em dado intervalo de tempo se gramaticaliza – ou seja, segue uma trajetória linear da esquerda para a direita nos eixos apresentados – é passível de, em um momento posterior, percorrer o sentido contrário, ao sofrer, por exemplo, semantização. Esse ponto de vista não parece ser unânime, já que, para Hopper & Traugott (1993), não se verificam casos em que, adotando a direção oposta à que foi seguida anteriormente, um item se desgramaticaliza.

Por outro lado, mesmo quando submetida apenas à gramaticalização, o movimento de uma unidade linguística determinada nem sempre manifesta um ritmo constante e tampouco faz com que ela tenha de passar por todos os estágios esperados na escala de evolução em que se encontra. Podem ocorrer, então, tanto interrupções momentâneas como, até mesmo, suspensões aparentemente definitivas em seu desenvolvimento, de acordo com o princípio da continuidade (seção 1.1.2.1.6. Continuidade).

E, embora também não seja consenso e se contraponha ao princípio do gradualismo (seção 1.1.2.1.7. Gradualismo), alguns linguistas acreditam ser possível que, além de paradas provisórias e suspensões permanentes no progresso da sua transformação, ocorram ainda saltos que façam com que o elemento em gramaticalização mais uma vez não atravesse todas as fases previstas. Nesse sentido, cabe antecipar aqui que, ainda que seja tradicional a concepção de que os verbos que se gramaticalizam seguem uma trajetória fixa e nela passam obrigatoriamente por um período em que são de ligação, Travaglia (2002) encontra indícios de que essa etapa não é de fato necessária para o andamento de um item que esteja se tornando um auxiliar e que ela corresponde, na verdade, a um caminho alternativo, conforme o princípio da divergência (seção 1.1.2.1.10. Divergência). A título de ilustração, o autor (*ibidem*) cita a forma "ir" do PB, que não teve de ser de ligação para poder se tornar um auxiliar de futuro.

É por essas duas últimas ressalvas que, apesar de ser essencial para que a gramaticalização seja entendida como tal (cf.: GONÇALVES *et al.* 2007: 38), muitos pesquisadores questionam enfaticamente a forma rígida como o princípio da unidirecionalidade é caracterizado por certos colegas (cf.: LIMA-HERNANDES 2005: 28-32).

1.1.2.1.6. CONTINUIDADE

A gramaticalização estabelece um desenvolvimento contínuo e sua segmentação em estágios discretos constitui um artifício de análise teórica.

O princípio da continuidade não sugere, no entanto, que cada unidade que se gramaticaliza passe, forçosamente, por toda a rota evolutiva prevista para ela (cf.: GIVÓN 1979, *apud* HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER 1991: 13; LEHMAN 1982a, *apud* CASTILHO 1997a: 32 e ss.), sendo possível que sua modificação comece fora do habitual início da sequência e seja concluída antes do ponto zero final:

Não obstante os desacordos sobre os limites da gramaticalização [...], parece haver um consenso entre os vários estudiosos desse assunto: ela é sempre concebida como um processo [...], que pode ver esgotado todo o percurso de mudança de um item [...], mas que também pode se interromper em determinado lugar dessa escala. (HOPPER & TRAUGOTT 1993: 95, *apud* GONÇALVES *et al.* 2007: 29)

No caso de um termo estacionar em uma etapa anterior ao término de sua linha de evolução, ele pode, passado algum tempo, assumir de novo seu curso original. Contudo, tal retomada não é obrigatória e, ao que tudo indica, há casos em que a suspensão antecipada do fenômeno é mesmo definitiva.

1.1.2.1.7. GRADUALISMO

A gramaticalização é progressiva e, assim, ocorre em graus subsequentes que dão lugar uns aos outros no decorrer do tempo.

Como consequência desse princípio, alguns pesquisadores defendem o fato de que o processo não se daria aos saltos, o que implica que, embora seja possível encontrar ocorrências que começam além do ponto inicial de sua respectiva sequência evolutiva ou terminam antes da fase zero final (princípio da continuidade), elas nunca deixariam de passar por todas as etapas do intervalo que percorrem.

Nesse sentido, tradicionalmente se considera que, como no caso de outros elementos, também a gramaticalização de verbos compreende uma linha fixa e obrigatória de evolução, a saber: verbo pleno ou lexical > verbo de ligação ou funcional > verbo auxiliar > clítico > afixo. Entretanto, já foi mencionado que, para Travaglia (2002), existem evidências de que o estágio funcional não representa um passo necessário na mudança de uma forma que esteja se tornando um auxiliar, pois se trataria, antes, de um desvio, em consonância com o princípio da divergência (seção 1.1.2.1.10. Divergência). Como exemplo, o autor (*ibidem*) cita o verbo "ir" do PB, que não teve de ser primeiro de ligação para só então se transformar em um auxiliar de futuro, e, seguindo a mesma lógica, parece possível acrescentar a esse caso também a forma *ir* do E.

1.1.2.1.8. PERSISTÊNCIA

Quando um item se gramaticaliza, passando de uma função mais lexical para outra mais gramatical, alguns de seus traços semânticos originais tendem a se manter, podendo acarretar restrições para sua distribuição sintática posterior (BYBEE, PERKINS & PAGLIUCA 1994; CASTILHO 1997a).

1.1.2.1.9. ESTRATIFICAÇÃO

Ao surgirem novas funções mais gramaticais para um termo qualquer, seus usos mais antigos não têm necessariamente de desaparecer e, assim, podem continuar coexistindo com aqueles que venham a surgir, constituindo-se duas acepções diferentes (CASTILHO 1997a: 51).

Segundo Gonçalves *et al.* (2007: 21-22):

[...] palavras acessórias e palavras gramaticais podem se desenvolver de palavras principais e [...] palavras acessórias e/ou gramaticais e sua forma-fonte principal podem conviver em um mesmo recorte de tempo.

1.1.2.1.10. DIVERGÊNCIA

Quando um elemento linguístico se gramaticaliza, os usos ainda lexicais do vocábulo que lhe dá origem mantêm sua autonomia, de modo a poder sofrer mudanças como qualquer outra unidade léxica e, assim, a partir de novos processos de evolução, originar termos gramaticais distintos (CASTILHO 1997a: 51).

1.1.2.1.11. ESPECIALIZAÇÃO

Em um estágio mais inicial da gramaticalização, é comum a coocorrência de distintos itens em um mesmo contexto funcional, porém, à medida que a transformação vai avançando, diminuem as possibilidades de escolha e um menor número de formas selecionadas assume tais significados gerais (HOPPER 1996: 230, *apud* TRAVAGLIA 2002: 11).

1.1.2.1.12. OBRIGATORIEDADE

Quanto maior o estágio de gramaticalização de uma unidade específica, mais ela é obrigatória em certos contextos e agramatical em outros (HOPPER 1996: 223, *apud* TRAVAGLIA 2002: 11).

1.1.2.1.13. FIXAÇÃO

De acordo com Travaglia (2002: 11), "o item gramaticalizado tende a ocupar um lugar cada vez mais fixo, inicialmente na sintaxe e depois na morfologia, tornando-se um preenchedor de posições gramaticais".

1.1.2.1.14. COALESCÊNCIA

À medida que um termo se gramaticaliza, maior tende a ser sua aderência ao elemento com o qual se combina, de acordo com a seguinte linha evolutiva: justaposição > cliticização > aglutinação > fusão > alternância simbólica (LEHMANN 1982, *apud* CASTILHO 1997a: 49).

1.1.2.1.15. CONDENSAÇÃO

Quanto mais uma unidade linguística se gramaticaliza, menos complexos se tornam os elementos com os quais ela se combina (LEHMANN 1982, *apud* CASTILHO 1997a: 49).

Este princípio apresenta relação direta com os quatro últimos que o antecedem, visto que todos fazem referência a como um item que sofre gramaticalização momentaneamente se estabiliza em um contexto específico, podendo chegar, inclusive, a se fundir com ele.

1.1.2.2. MECANISMOS DA GRAMATICALIZAÇÃO

Como os principais mecanismos da gramaticalização, devem ser citados os seguintes: a alteração semântica, na qual se observa a chamada metáfora; a reanálise, que opera por metonímia; a paradigmaticização; e a analogia.

1.1.2.2.1. ALTERAÇÃO SEMÂNTICA

Estreitamente relacionada com o princípio da abstratização, a alteração semântica de uma unidade em gramaticalização corresponde à redução de traços de seu sentido original – mais lexical –, para dar lugar a outros, de ordem mais gramatical (cf.: CASTILHO 1997a: 47).

Travaglia (2002: 14) afirma que "muitos estudiosos, focando apenas a perda do significado lexical, chamam esse processo de *bleaching* (branqueamento, descoramento), *fading* (esmorecimento, decadência) ou 'dessemantização". Contudo, "esses termos são impróprios porque o que ocorre, na verdade, não é apenas o esvaziamento, a diminuição ou o apagamento do conteúdo lexical, pois simultaneamente surgem outros de natureza mais gramatical [...]" (*idem, ibidem*).

Ainda segundo o autor (*ibidem*: 15), na alteração semântica acontece a chamada *metáfora*, um fenômeno que se dá no eixo paradigmático, estabelecendo, por similaridade entre significados, a passagem de um sentido X – mais concreto e específico – para um sentido Y – mais abstrato e geral –, associados por pressões experienciais, de uso e/ou estruturais.

1.1.2.2.2. REANÁLISE

É o instrumento por meio do qual novas gerações de falantes articulam uma percepção também inovadora de como os constituintes de sua língua estão ordenados no eixo sintagmático, reorganizando as relações da sequência linguística e alterando, assim, a estrutura dos sintagmas (cf.: CASTILHO 1997A: 53; TRAVAGLIA 2002: 15).

Enquanto a alteração semântica lança mão da metáfora, a reanálise atua por *metonímia*, isto é, através de modificações de sentido por contiguidade, quase sempre entre itens associados sintaticamente.

Para Hopper (1993: 228, *apud* TRAVAGLIA 2002: 15) e Hopper & Traugott (1993: 87-90, *apud* TRAVAGLIA 2002: 15), a metáfora age sempre em conjunto com a metonímia; esta, nos primeiros estágios da gramaticalização; e aquela, em um momento posterior, a partir da nova organização das relações sintagmáticas estabelecida.

1.1.2.2.3. PARADIGMATIZAÇÃO

Trata-se do recurso pelo qual construções sintáticas determinadas se cristalizam como expressões perifrásticas e, então, se integram a paradigmas morfológicos (LEHMANN 1982, *apud* CASTILHO 1997a: 49).

Ao ocorrer o mecanismo da paradigmática, se verifica uma reordenação do sistema linguístico em escala global, de acordo com o princípio da recategorização.

1.1.2.2.4. ANALOGIA

Ao contrário dos demais mecanismos, a analogia não cria estruturas novas, mas estabelece uma uniformização de regras e/ou regularidades, estendendo-as para novos elementos que também podem estar passando pelo processo de mudança. Para Travaglia (2002: 16), a analogia não seria, portanto, um instrumento de gramaticalização propriamente dito, mas sim "uma maneira de explicar por que alguns itens gramaticais são como são".

Para ilustrar os quatro mecanismos citados, veja-se o exemplo do verbo "ir" (PB), que, a partir da elipse de seu locativo, parece se submeter a uma reanálise (metonímia) que, por sua vez, o altera semanticamente (metáfora), para que, por fim, seu novo significado se estenda, por analogia, a contextos que não apresentam nenhuma relação com movimento. Ao se transformar em um auxiliar de tempo, se pode pensar em integrá-lo ao paradigma verbal como uma forma composta indicativa de futuro:

(1)

	(deslocamento espacial)		(deslocamento temporal)
Vou [ao açougue] [comprar carne.]	> Vou Ø [comprar carne.]	> [Vou comprar] carne.	> [Vou ficar] aqui.
(redundância)	(elipse do locativo)	(reanálise)	(analogia)

Em E os procedimentos e os resultados seriam exatamente os mesmos, não fosse por um detalhe: a interessante manutenção da preposição *a*, que passa a fazer parte da atual perífrase temporal de infinitivo (cf.: MELIS 2006):

(2)

	(deslocamento espacial)		(deslocamento temporal)
Voy [a la carnicería] [a comprar carne.]	> Voy a Ø [comprar carne.]	> [Voy a comprar] carne.	> [Voy a quedarme] aquí.
(redundância)	(elipse do locativo)	(reanálise)	(analogia)

1.1.2.3. ESTÁGIOS DA GRAMATICALIZAÇÃO

Fundamentado na linha evolutiva de Givón (1979, *apud* HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER 1991: 13), Lehmann (1982a, *apud* CASTILHO 1997a: 32 e ss.) propõe que, com base na alteração semântica, a gramaticalização ocorre nos seguintes estágios: sintaticização > morfologização > redução fonológica > zero.

No primeiro deles, a *sintaticização*, o item lexical passa por uma recategorização – isto é, se transfere de uma classe mais lexical para outra mais gramatical – ou por uma categorização funcional – "quando categorias sintagmáticas recebem propriedades argumentais e de adjunção na sentença" (TRAVAGLIA 2002: 7).

Mais adiante, na *morfologização*, se verifica a criação de formas presas, sejam elas afixos flexionais ou derivacionais. No caso do E e do PB, são exemplos dessa fase da gramaticalização certas ocorrências de *haber* e "haver", que deixam de ser auxiliares para constituir as atuais desinências de futuro dos paradigmas verbais desses sistemas linguísticos.

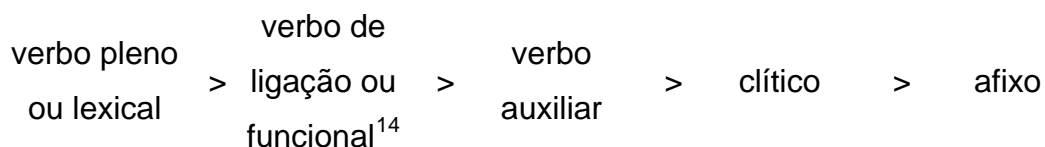
Na *redução fonológica*, unidades livres passam primeiro por erosão e logo por fusão, associando-se mais estreitamente a outros termos e transformando-se, assim, em elementos presos (cf.: BYBEE 2003: 615 e ss.).

Por fim, no *estágio zero*, o item em avançado estágio de mudança se torna tão abstrato e materialmente fraco que desaparece, fazendo com que a língua tenha de reiniciar o processo para criar novas maneiras de expressar aquele conceito cognitivo.

Como dito anteriormente, a gradação do fenômeno não torna obrigatório que cada termo passe por todas as etapas da gramaticalização, sendo possível, portanto, que esta comece fora do início da sequência e seja concluída antes do ponto zero final.

1.2. A GRAMATICALIZAÇÃO DE VERBOS

Segundo Travaglia (2002: 6), entende-se, tradicionalmente, que a gramaticalização de verbos cumpre a seguinte trajetória de evolução:



E, nesse sentido, Castilho (1997) define "verbo pleno" como aquele que, ao apresentar um forte conteúdo nocional, atua como núcleo do predicado; "verbo de ligação", como o que transfere o papel de núcleo de predicado para os constituintes a sua direita; e "verbo auxiliar", como o que acompanha um verbo nuclear na forma infinita e a ele atribui as categorias de pessoa e número, modo e tempo, voz e aspecto, entre outras.

Contudo, é o próprio Travaglia (2002: 6) que questiona o alcance da sequência aludida ou, pelo menos, a obrigatoriedade de que um verbo que se gramaticaliza atravesse todos os seus estágios. Isso porque podem ser identificadas ocorrências que demonstram que a fase funcional não é inevitável para um item que esteja se tornando um auxiliar e que ela constitui, na realidade, um percurso divergente no processo. Como já foi dito, seriam exemplos desse fato tanto o verbo "ir" do PB como sua forma análoga em E,

¹⁴ À denominação "verbo de ligação", Travaglia (2002: 17) prefere "verbo funcional", que, para o autor, inclui não somente aqueles, mas também os chamados verbos suporte, considerados por ele como meros carregadores de categorias. Para mais detalhes, ver a seção 2.4. As locuções verbais.

que não tiveram de ser antes de ligação para só então se transformar em constituintes das perífrases de futuro.

1.2.1. ESTÁGIOS DA GRAMATICALIZAÇÃO DE VERBOS

Com base nos princípios, mecanismos e estágios gerais da gramaticalização descritos anteriormente, Heine (1993: 58-66, *apud* TRAVAGLIA 2002: 18-21) propõe sete níveis para a mudança específica de formas verbais.

É necessário, porém, que se tenha em conta que essas etapas não são estanques, pois, em função dos princípios da continuidade, do gradualismo, da persistência e da estratificação, os verbos podem apresentar, em um mesmo momento, características de mais de uma. Além disso, a continuidade determina ainda que nem todos os casos precisam passar por cada uma das fases, sendo possível, até mesmo, que alguns nunca cheguem à última delas.

1.2.1.1. ESTÁGIO I

É aquele em que os verbos mantêm seu significado lexical pleno, evidenciando um forte conteúdo nocional e possuindo argumentos que se referem, tipicamente, a seres estáticos e concretos do mundo biopsicofisicossocial:

- (3) a. Pedro está en la oficina.
b. Tu hermano cogió la silla.
c. El niño se cayó.

- (4) a. Pedro está no escritório.
b. O seu irmão pegou a cadeira.
c. A criança caiu.

1.2.1.2. ESTÁGIO II

É aquele em que a unidade verbal, embora ainda constitua um lexema, começa gradativamente a caminhar na direção de se tornar um auxiliar, exibindo preferencialmente complementos que configuram situações dinâmicas e não objetos estáticos e concretos. Nessa etapa, os itens em gramaticalização se associam a outros verbos e contam com as seguintes características:

- A. Podem ter complementos nominais, complementos oracionais desenvolvidos e complementos representados por formas verbais infinitas (infinitivo, particípio ou gerúndio).
- B. Podem, para esses complementos, selecionar diversos tipos de construção, como, por exemplo, estruturas que contenham qualquer das três formas verbais não pessoais.
- C. Não exigem uma obrigatoriedade de identidade de sujeitos com o verbo associado.

Vejam-se os exemplos:

- (5) a. Rosa dejó a sus hijos en la escuela.
- b. Rosa dejó que sus hijos fueran solos a la escuela.
- c. Rosa los dejó ir solos a la escuela.
- d. Rosa dejó a sus hijos cansados.
- e. Rosa dejó a sus hijos estudiando.
- f. Rosa dejó caer la cabeza sobre el hombro.
- g. Rosa la dejó caer sobre el hombro.
- h. Rosa se dejó llevar por la multitud.

- (6) a. Rosa deixou os seus filhos na escola.
b. Rosa deixou que seus filhos fossem sozinhos para a escola.
c. Rosa deixou os seus filhos irem sozinhos para a escola.
d. Rosa os deixou ir sozinhos para a escola.
e. Rosa deixou os seus filhos cansados.
f. Rosa deixou os seus filhos estudando.
g. Rosa deixou cair a cabeça sobre o ombro.
h. Rosa a deixou cair sobre o ombro.
i. Rosa se deixou levar pela multidão.

Especificamente quanto a (5h) e (6i), é importante destacar que, embora os verbos grifados ainda não constituam auxiliares típicos, para certos autores se trata já dos casos denominados "quase-auxiliares" ou "semi-auxiliares", elementos que introduzem as sequências compreendidas por alguns como "casos fronteirços" (GÓMEZ TORREGO 1988) e que, assim como outras, também são descritas no capítulo 2 desta dissertação.

Não obstante, o estágio de gramaticalização em que se considera válido falar em semi-auxiliares não parece ser unânime e determinados linguistas, como o próprio Heine (*apud* TRAVAGLIA 2002: 20), começam a empregar essa classificação a partir do nível III.

1.2.1.3. ESTÁGIO III

É aquele em que os termos verbais passam a expressar traços gramaticais como os de número e pessoa, tempo e modo, voz, aspecto ou modalidade. Seu sujeito pode ser de natureza não humana, em função de uma eliminação das restrições de seleção, e seu complemento pode ser um verbo cognato. Tais ocorrências, que assim como as do estágio anterior tampouco correspondem a verdadeiros auxiliares, já podem ser compreendidas, agora de forma mais consensual, como quase-auxiliares.

Esses verbos:

- A. Articulam uma unidade semântica com seu verbo principal ou de complemento¹⁵, tendo perdido traços de valor lexical e adquirido outros de ordem gramatical.
- B. Deixam de contar com a possibilidade de exprimir toda a gama de distinções de tempo, aspecto e modo de seu paradigma, devido a razões de compatibilidade semântica e morfológica. Nesses casos, é comum a impossibilidade de assumirem formas do modo imperativo ou de tempos perfectivos.
- C. Estão fortemente associados a um verbo no infinitivo, particípio ou gerúndio e, mesmo quando seu complemento é representado por um nome, este, muito provavelmente, se refere a um conceito da categoria das atividades ou das situações dinâmicas.
- D. Não podem mais ter como complemento uma oração desenvolvida com conectivo e forma verbal finita.
- E. Não se apresentam em um tempo e modo autônomos com relação a seu verbo principal ou de complemento, devendo se articular com este para, juntos, referirem uma única informação desse tipo.
- F. Apresentam, obrigatoriamente, sujeito correferente com o do verbo na forma não pessoal.

¹⁵ Ao se tratar de um caso ambíguo, Heine (1993) prefere considerar a forma infinita um complemento, enquanto, para Travaglia (2002), se trata já de um verbo principal.

Vejam-se os exemplos:

- (7) a. Tus problemas acaban de acabar.
b. Marta acaba de presentarse.
c. Marta no acaba la presentación.
- (8) a. Os seus problemas acabam de acabar.
b. Marta acaba de se apresentar.
c. Marta não acaba a apresentação.

1.2.1.4. ESTÁGIO IV

É aquele em que os verbos se recategorizam, tornando-se já auxiliares. Eles tendem a:

- A. Perder a possibilidade de formar imperativos, ser nominalizados ou se apassivar.
- B. Não ser mais associados a nomes que funcionem como núcleos de seus complementos.
- C. Ligar-se a apenas uma única forma nominal na constituição de perífrases.

Vejam-se os exemplos:

- (9) Tengo que estudiar.
- (10) Tenho que estudar.

Embora não tenham sido encontradas considerações a esse respeito, a impossibilidade desses verbos de formar imperativos não parece se aplicar a todos os casos entendidos como perífrases:

(11) Ve yendo a casa, que enseguida te alcanzo.

(12) Vai/Vá indo para casa, que eu já te alcanço.

Não obstante, exemplos como (11) e (12) podem ser explicados pelo fato de a gramaticalização ser, como já se disse, um processo contínuo cuja segmentação em estágios discretos constitui um artifício de análise teórica (princípio da continuidade), o que, ao contrário de desqualificar esse modelo, apenas o confirma como produtivo para explicar o fenômeno de mudança de verbos lexicais que se tornam auxiliares.

1.2.1.5. ESTÁGIO V

É aquele em que os verbos em gramaticalização ainda constituem auxiliares, mas apresentam as seguintes características:

- A. São vistos como membros de outra classe que não o verbo.
- B. Perdem a possibilidade de ser negados separadamente.
- C. Perdem a possibilidade de ocorrer em outras posições na oração que não ao lado de uma forma infinita.
- D. Apresentam, de maneira híbrida, alguns traços verbais e outros de marcador gramatical.

E. Podem ser cliticizados e/ou sofrer erosão fonológica, ainda que esta dependa de diferentes aspectos de cada uma das línguas e possa se dar muito cedo ou somente a partir do estágio VI.

De acordo com Travaglia (2002), talvez esteja neste grau de gramaticalização o verbo "estar" do PB na sequência com o gerúndio:

(13) Ele "tá" comendo.

No entanto, ao que tudo indica cabem duas objeções a essa hipótese, pois, por um lado, as marcas de modo/tempo e pessoa/número fazem com que tal ocorrência ainda seja vista como membro da classe do verbo e, por outro, sua erosão pode ser justificada por características fonético-fonológicas gerais do sistema, visto que não se limita ao contexto em questão e aparece, inclusive, no caso divergente de "estar" que, em isolamento, ocupa sozinho o sintagma verbal:

(14) – Ele já "tá" bem?
– "Tá".

Se, independentemente de sua forma erodida, esse item é capaz de por si só preencher o sintagma, isso significa que ele constitui seu núcleo e, assim, que, na classificação de Castilho (1997), se trata de um verbo pleno com significativo conteúdo nocional e não de um auxiliar.

Não foi possível encontrar exemplos de elementos neste estágio para o E.

1.2.1.6. ESTÁGIO VI

É aquele em que os verbos em gramaticalização constituem auxiliares ou afixos e têm o seguinte comportamento:

- A. Mantêm resíduos que permitem identificar sua estrutura de origem.
- B. Perdem as características verbais remanescentes, tornando-se unidades gramaticais firmemente estabelecidas quanto à morfologia e à sintaxe.
- C. Fazem com que seu antigo complemento passe a ser interpretado como verbo principal.
- D. Passam de clítico a afixo.

Não foi possível encontrar exemplos de termos neste estágio nem para o E nem para o PB.

1.2.1.7. ESTÁGIO VII

É o estágio final da gramaticalização do item, que nele perde qualquer característica verbal para se tornar um marcador gramatical puro, na forma de afixo flexional sem tom ou acento próprios distintivos. Neste caso, o outro verbo da estrutura perde completamente qualquer traço de morfologia de nominalização ou adverbial, passando a ser visto como pleno.

(15) Dentro de unos minutos llegaremos a la ciudad de São Paulo.

(16) Dentro de uns minutos chegaremos à cidade de São Paulo.

CAPÍTULO 2

AS SEQUÊNCIAS VERBAIS: CARACTERIZAÇÃO SINTÁTICA

Como foi visto no capítulo 1, as informações de modo, tempo, pessoa e número associadas a um verbo lexical qualquer não têm de se mostrar, exclusivamente, através das desinências morfológicas que suas formas conjugadas venham a conter.

Além dessa possibilidade, há outra em que tais categorias se apresentam mediante estruturas constituídas por pelos menos dois vocábulos independentes: um item verbal entendido como pleno – e que, nesse contexto específico, recebe a denominação de auxiliado – e outro que, de acordo com a fase do processo de gramaticalização em que se encontra, é conhecido como um quase-auxiliar (estágios II e III) ou como um auxiliar propriamente dito (estágio IV e, já rumando na direção de se tornar parte de uma classe ainda mais gramatical, também V e VI).

Do ponto de vista sintagmático, explicou-se anteriormente que esse auxiliar se caracteriza por exigir a presença de uma ocorrência nominal determinada (infinitivo, particípio ou gerúndio), com a qual compõe a chamada perífrase verbal. O núcleo sintático e semântico dessa construção está representado por seu último membro, enquanto o primeiro, transformado em unidade predominantemente gramatical, está encarregado de indicar as já apontadas variações pessoais e modo-temporiais (PORTO DAPENA 1987: 29).

Esses termos, que podem aparecer apenas justapostos ou enlaçados por meio de alguns conectores, se colocam sempre na ordem [auxiliar + auxiliado] (*idem, ibidem*).

Assim, são auxiliares, por exemplo, os pares *ir* e "ir", *haber* e "ter"/"haver", *estar* e "estar"¹⁶ das seguintes expressões:

- (17) a. Vamos a quendarnos aquí.
b. Antes no había notado esos detalles.
c. Ahora estoy trabajando.
- (18) a. Vamos ficar aqui.
b. Antes não tinha/havia notado esses detalhes.
c. Agora estou trabalhando.

É importante considerar, entretanto, que, apesar de serem essenciais, as considerações feitas ao se apresentar tais sentenças são insuficientes para, sozinhas, permitir que se separem as combinações de fato perifrásticas de outras que lhes são formalmente semelhantes, mas que, na realidade, constituem simples associações de dois verbos lexicais:

- (19) a. Entró a ver la exposición.
(não perífrase)
Vamos a ver la exposición.
(perífrase)
- b. Siempre estudia sentado.
(não perífrase)
Todavía no se había sentado.
(perífrase)
- c. Camina observando todo.
(não perífrase)
Está observando todo.
(perífrase)

¹⁶ Para facilitar a compreensão do leitor, as menções metalinguísticas feitas ao longo desta dissertação são indicadas por dois códigos distintos: aspas para a referência a palavras ou expressões da língua portuguesa e itálico para a alusão a elementos análogos da língua espanhola, assim como no caso de qualquer outra ocorrência estrangeira.

- (20) a. Entrou para ver a exposição.
(não perífrase)
Vamos ver a exposição.
(perífrase)
- b. Sempre estuda sentado.
(não perífrase)
Ainda não tinha/havia [se] sentado.
(perífrase)
- c. Caminha observando tudo.
(não perífrase)
Está observando tudo.
(perífrase)

Dessa maneira, para que não haja confusão entre as sequências verbais que não constituem um bloco de sentido único e as verdadeiras perífrases ou ainda entre estas últimas e as construções com quase-auxiliares, é necessário distinguir certas marcas sintáticas e semânticas peculiares a cada uma dessas situações. São propriedades, que, por sua vez, decorrem daquelas que definem as diferentes fases da gramaticalização de verbos, segundo o que foi exposto antes.

Sabe-se que, ao se tratar de um processo de transformação global, os termos que se gramaticalizam sofrem alterações em diversos níveis que se inter-relacionam e se influenciam mutuamente (princípio das mudanças semânticas, fonético-fonológicas, morfossintáticas e pragmáticas). Por motivações metodológicas, no entanto, neste segundo capítulo se apresentam, fundamentalmente, características mais relacionadas com a sintaxe, enquanto no próximo o foco é a semântica.

São, então, discutidas, primeiro daquele ponto de vista, as expressões que neste trabalho denominamos “perífrases”, “casos fronteirços”, “locuções verbais”, etc. Porém, vale lembrar que, embora os aspectos que as definem costumem ser bem aceitos, os nomes dados aqui a tais combinações não são consenso entre todos que se debruçam sobre esse tema, já que a terminologia pode variar significativamente segundo o pesquisador que a emprega ou de acordo com a linha de estudos à qual ele se vincula. Tal quadro se torna ainda mais complexo quando se realiza uma investigação comparativa, que aborda não só distintas tradições de descrição gramatical, mas também a nomenclatura habitual em diferentes países e sistemas linguísticos, especificamente o E e o PB.

Não obstante, justamente para fique claro ao leitor do que se está falando em cada momento é que se torna necessário fazer uma determinada escolha entre as denominações mais comuns encontradas na bibliografia, sem que, com isso, se defenda uma maior adequação de uma ou outra em detrimento das demais. O objetivo é apenas definir e caracterizar essas estruturas, de modo que não sejam confundidas entre si e que sua adequada representação favoreça a compreensão da matéria deste estudo.

Ao mesmo tempo, é preciso ainda que se recorde que, sendo a gramaticalização um processo gradual (princípio do gradualismo) e contínuo (princípio da continuidade), sua segmentação em estágios discretos constitui um artifício de análise teórica, o que faz com que as ocorrências concretas de cada sequência mencionada nem sempre sejam prototípicas e que, exatamente por isso, possam, dentro do intervalo que tal construção prevê, estar mais ou menos gramaticalizadas e, portanto, mais ou menos acordes com o que se espera dessa combinação verbal.

2.1. AS PERÍFRASES DE FATO

As perífrases são composições de dois ou mais verbos morfológicos que, semântica e sintaticamente, constituem um único núcleo de seu sintagma, o que implica que o período no qual se verifica a estrutura seja simples e não composto ou complexo (cf.: GÓMEZ TORREGO 1988; FERNÁNDEZ DE CASTRO 1999).

O último membro da combinação, que deve vir em uma forma infinita ou não pessoal (infinitivo, particípio ou gerúndio), não comporta as flexões indicativas das categorias de modo/tempo e pessoa/número¹⁷, mas apresenta funcionalmente pleno caráter verbal e pode receber, portanto, os complementos que lhe são próprios, sendo responsável por levar a cabo a predicação e por determinar quantos e quais argumentos deve ter a oração.

¹⁷ Em oposição às formas infinitas estão as chamadas "pessoais", que são as que, sim, apresentam tais flexões, e, como exemplos válidos tanto para o E como para o PB, podem ser citados os verbos conjugados nos modos indicativo, subjuntivo e imperativo. Apenas na língua portuguesa existe ainda, ao lado das ocorrências tradicionais do infinitivo, o chamado "infinitivo pessoal", ou seja, casos que contam com sujeito próprio e que podem ser flexionados por meio do acréscimo de desinências especiais para a segunda pessoa do singular e para as três pessoas do plural: "-es" (2ª. p. s.), "-mos" (1ª. p. p.), "-des" (2ª. p. p.) e "-em" (3ª. p. p.):

- (i) Permanecer atento durante toda a aula é muito difícil.
(infinitivo não pessoal: sem sujeito próprio)
- (ii) a. Eu permanecer atento durante toda a aula é muito difícil.
(infinitivo pessoal: com sujeito próprio – "eu")
b. [Nós] permanecermos atentos durante toda a aula é muito difícil.
(infinitivo pessoal: com sujeito próprio – "nós")

Ao contar com sujeito próprio, o infinitivo pessoal não pode ocupar o lugar de verbo principal nas perífrases, pois essa situação seria incompatível com as restrições apresentadas mais adiante, nas seções 2.1.1. Recursos para a identificação das perífrases verbais e, em especial, 2.1.1.1. As perífrases de infinitivo:

- (iii) Amanhã [nós] vamos permanecer atentos durante toda a aula.
(infinitivo impessoal: sem sujeito próprio)

Note-se que em (iii), "nós" é sujeito de toda a construção "vamos permanecer" e não de qualquer um de seus constituintes de maneira isolada.

Por outro lado, o primeiro termo que conforma a sequência – ou os primeiros, se no total há mais de dois – é sempre um auxiliar, o que significa que ele se encontra pelo menos no estágio IV de gramaticalização e que, apesar de em geral conter as desinências pessoais e modo-temporais, não está habilitado a conferir papel semântico¹⁸ e selecionar sujeito ou objetos.

Esse elemento articula uma unidade de sentido com o verbo principal e, tendo perdido traços de tipo lexical e adquirido outros de ordem gramatical, sua presença deve acrescentar uma nova categoria à expressão, atribuindo-lhe voz (21a/22a), tempo (21b/22b), aspecto (21c/22c), modalidade (21d/22d) e/ou diferenciação estilística¹⁹. Nesse sentido, é importante destacar que, nas sentenças (21b) e (22b) a seguir, o valor temporal último observado não é nem o do auxiliar nem o do auxiliado de maneira autônoma, mas sim o da composição de ambos:

- (21) a. Esta catedral fue construída hace muchos siglos.
b. Aún no habíamos comido nada.
c. Siguen esperando sentados.
d. Ahora tengo que irme.
- (22) a. Esta catedral foi construída faz muitos séculos.
b. Ainda não tínhamos/havíamos comido nada.
c. Continuam esperando sentados.
d. Agora eu tenho que/de ir embora.

¹⁸ Neste trabalho, o conceito de papel semântico ou papel temático – Agente, Paciente, Experienciador, Tema, etc. – é compreendido, segundo Cançado (2003), como o conjunto de relações semânticas existentes entre os argumentos e a sentença. Trata-se, em outras palavras, do grupo de propriedades atribuídas a esses argumentos a partir dos acarretamentos estabelecidos por toda a proposição em que eles se encontram.

¹⁹ Para mais detalhes sobre todas essas categorias, ver o capítulo 3 – As sequências verbais: caracterização semântica.

E, embora o mais comum sejam as situações em que o constituinte inicial da estrutura vem conjugado, há também casos perifrásticos em que ele é um infinitivo ou um gerúndio aos quais se segue uma forma verbal de participio:

- (23) a. Al haber dormido poco, ahora tenía sueño.
b. Aun habiendo dormido mucho, se sentía cansado.
- (24) a. Ao ter/haver dormido pouco, agora tinha sono.
b. Mesmo tendo/havendo dormido muito, se sentia cansado.

Essas ocorrências constituem perífrases de valor temporal e aspectual que correspondem a tempos próprios previstos por alguns linguistas que estudam o paradigma verbal do E e do PB, como, por exemplo, Porto Dapena (1987: 87) e Costa (1997: 63-64), que as denominam, respectivamente, *infinitivo compuesto*/"infinitivo composto" e *gerundio compuesto*/"gerúndio composto".

No caso do E, tal *status* parece ser ainda mais tradicional na descrição do idioma, já que consta até mesmo em materiais didáticos e obras de referência dirigidas ao público não especializado (cf.: GONZÁLEZ HERMOSO 1996, por exemplo). No PB, por outro lado, nos livros de natureza semelhante consultados não foi encontrada nenhuma menção ao fenômeno (cf.: FERREIRA s/d; HOUAISS, VILLAR & FRANCO 2001; RYAN 1984).

Para que haja perífrase:

- Cada forma verbal da sequência não pode apresentar argumentos diferentes dos das demais; e
- O último verbo não pode ser parte de um adjunto do(s) primeiro(s).

Vejam-se os exemplos:

- (25) a. Juan va a estudiar mucho para el examen.
(Perífrase: = Juan estudiará mucho para el examen.)
- b. Juan va a estudiar a mi casa desde enero.
(Não perífrase: = Juan se desloca a mi casa para estudiar desde enero.)
- c. He hecho los deberes.
(Perífrase: = Hice los deberes.)
- d. Ya tengo hechos los deberes, me falta mostrárselos al profesor.
(Não perífrase: = Ya tengo los deberes listos, me falta mostrárselos al profesor.)
- e. Esa decisión viene costando mucho dinero al gobierno.
(Perífrase: = Hace algún tiempo que esa decisión cuesta mucho dinero al gobierno.)
- f. Los soldados vienen cantando del cuartel.
(Não perífrase: = Los soldados vienen del cuartel y cantan.)
- (26) a. O João vai estudar muito para o exame.
(Perífrase: = O João estudará muito para o exame.)
- b. O João vai estudar na minha casa desde janeiro.
(Não perífrase: = O João se desloca até a minha casa para estudar desde janeiro.)
- c. Minhas notas melhoraram, porque tenho feito os deveres.
(Perífrase: = Minhas notas melhoraram, porque há algum tempo faço os deveres.)
- d. Já tenho feitos os deveres, me falta mostrar para o professor.
(Não perífrase: = Já tenho os deveres prontos, me falta mostrar para o professor.)
- e. Essa decisão vem custando muito dinheiro para o governo.
(Perífrase: = Faz algum tempo que essa decisão custa muito dinheiro para o governo.)

f. Os soldados vêm cantando do quartel.

(Não perífrase: = Os soldados vêm do quartel e cantam.)

Note-se que, ao contrário do que ocorre em (25a) e (26a), nos exemplos (25b) e (26b) as combinações *va a estudiar*/"vai estudar" não são perifrásticas, pois, como pode ser notado por meio das paráfrases, os verbos *ir*/"ir" contam com argumentos diferentes dos de *estudiar*/"estudar". Nesse sentido, é importante observar que os sintagmas preposicionais *a mi casa*/"até a minha casa" correspondem a Locativos e, como tal, atuam como complementos de *ir*/"ir" e não de *estudiar*/"estudar".

Da mesma maneira, cabe destacar ainda que, diferentemente de (25e) e (26e), em (25f) e (26f) as expressões *vienen cantando*/"vêm cantando" tampouco constituem perífrases, pois os sintagmas preposicionais *del cuartel*/"do quartel" são argumentos apenas dos verbos *venir*/"vir".

Somente no caso das estruturas perifrásticas de infinitivo, pode haver, entre o verbo auxiliar e o principal, algum conectivo, em concreto as preposições *a*/"a", *de*/"de", *por*/"por" ou *para*/"para" ou as partículas *que*/"que" das perífrases de obrigação ([*tener* + *que* + infinitivo], para o E, e ["*ter*" + "*que*" + infinitivo], para o PB).

Como foi dito, o verbo principal – ou verbo auxiliado – é obrigatoriamente aquele que predica, ao passo que o auxiliar não pode fazê-lo. Assim, é essa característica que explica por que a oração do exemplo (27) não é agramatical:

(27) Tiene que haber una salida.

A princípio, essa construção pode suscitar inquietudes e algumas dúvidas, como o motivo pelo qual prescinde de um sujeito, já que uma das diferenças entre o verbo "ter" do PB e sua forma análoga espanhola, *tener*, é exatamente o fato de que esta última seleciona sempre um sujeito, não importando o nível diastrático e diafásico no qual é empregada²⁰.

No entanto, cabe lembrar que, como faz parte de uma perífrase e nela desempenha apenas o papel de auxiliar, *tener* não atua como predicador, função cumprida pela segunda e última forma verbal – o infinitivo, nesse caso, de *haber* –, que não seleciona sujeito, mas sim objeto direto: SN²¹ = [*una salida*].

Dessa maneira, se em determinada sequência os verbos que precedem as formas não pessoais selecionam argumentos próprios e/ou têm essas últimas como constituintes de seus adjuntos, não se trata de fato de auxiliares e, portanto, não podemos falar em perífrase verbal:

- (28) a. Me gustaría ver esa película.
b. La señorita Marta desea probar su vestido.
c. Pedro baila moviendo los brazos.
- (29) a. Eu gostaria de ver esse filme.
b. A senhorita Marta deseja provar seu vestido.
c. Pedro dança mexendo os braços.

²⁰ No PB são usuais orações em que o verbo "ter" substitui o impessoal "haver" na indicação de existência e, apesar de serem de fato muito comuns, alguns autores associam tais ocorrências a falantes com um menor grau de escolaridade ou, pelo menos, a situações que não exigem um nível maior de formalidade no uso da linguagem. Em E, por outro lado, sentenças análogas a essas da língua portuguesa são impossíveis e, independentemente de questões de variação diastrática ou diafásica, *tener* seleciona sempre um sujeito.

²¹ SN: sintagma nominal. Em espanhol, é também habitual o uso da sigla *FN*, que, por sua vez, corresponde à expressão *frase nominal*.

No exemplo (28a), o verbo *gustar* seleciona um Tema que se realiza sintaticamente como sujeito – SV²² = [*ver esa película*] – e um Experienciador que atua como objeto indireto – SN = [*me*]. Por sua vez, no exemplo (29a) o verbo "gostar" determina um Tema que sintaticamente adquire a função de objeto – SPrep²³ = [*de ver esse filme*] – e um Experienciador que desempenha o papel de sujeito – SN = [*Eu*]. Ambas as situações se devem à estrutura argumental desses verbos, ou seja, ao *conjunto de rasgos relativos a su combinatoria semántico-sintáctica* (PORTO DAPENA 1994: 13)²⁴ inscrita no léxico internalizado na mente dos falantes.

Um fenômeno semelhante, mas não idêntico, ocorre com os verbos *desejar* (E) e "desejar" (PB), que, por sua vez, selecionam um Experienciador/sujeito – SN = [*La señorita Marta*] e SN = [*A senhorita Marta*], respectivamente – e um Tema/objeto direto – SV = [*probar su vestido*] e SV = [*provar seu vestido*] –, como se pode demonstrar por meio da impossibilidade dos exemplos (30) e (31), explicada pelo fato de que, em sentido literal, um ser inanimado não pode desejar nada²⁵:

²² SV: sintagma verbal. Em espanhol, é também habitual o uso da sigla *FV*, que, por sua vez, corresponde à expressão *frase verbal*.

²³ SPrep: sintagma preposicional.

²⁴ À expressão "estrutura argumental" Porto Dapena (1994) prefere *contorno definicional*. No entanto, neste trabalho escolhemos a primeira por considerá-la mais difundida na descrição linguística tradicional.

²⁵ O sentido literal, ou próprio, é aquele considerado o primordial ou real de um termo determinado, em oposição ao sentido figurado, que, por sua vez, deriva do primeiro mediante uma comparação implícita de qualquer ordem (metáfora), uma associação por contiguidade (metonímia) ou uma extensão do significado original. Assim, ainda que sejam possíveis construções como *hoy quiere llover* (E) ou "esse carro está querendo quebrar" (PB), nelas os verbos *querer* (E) e "querer" (PB) são empregados de uma forma absolutamente figurada que, em vez de indicar volição, expressa mais propriamente possibilidade deôntica (ver a seção 3.4. Sequências com valor de modalidade) e/ou aspecto inceptivo iminente (ver a seção 3.3. Sequências com valor de aspecto) (cf.: GÓMEZ TORREGO 1988: 99).

(30) #Tu coche desea estropearse.²⁶

(31) #O seu carro deseja quebrar.

No entanto, se se tem uma perífrase – como em (32) e (33) –, não há restrição procedente das características semântico-sintáticas do primeiro verbo, nesse caso um simples auxiliar (PORTO DAPENA 1987: 30), e, desde que compatível com os traços da forma infinita, o sujeito da oração pode ser de natureza não humana. Em maiores níveis de gramaticalização, é possível, inclusive, que ambos os constituintes da sequência sejam cognatos. Vejam-se os exemplos:

(32) a. Tu televisor va a caerse.

(*ir*: auxiliar de tempo)

b. Tu televisor no anda funcionando bien.

(*andar*: auxiliar de aspecto)

c. Poco a poco, la tristeza se va yendo.

(*ir*: auxiliar de aspecto)

(33) a. O seu televisor vai cair.

("ir": auxiliar de tempo)

b. O seu televisor não anda funcionando bem.

("andar": auxiliar de aspecto)

c. Aos poucos, a tristeza vai indo embora.

("ir": auxiliar de aspecto)

²⁶ A partir de Bosque & Demonte (2000), os signos convencionais utilizados nesta dissertação para indicar os juízos sobre os exemplos são os seguintes:

ABC: a sentença ABC é gramatical.

*ABC: a sentença ABC é agramatical.

#ABC: a sentença ABC é gramatical, mas inapropriada para a interpretação desejada ou para o contexto em que se encontra.

?ABC: a gramaticalidade da sentença ABC é duvidosa.

??ABC: a gramaticalidade da sentença ABC é muito duvidosa.

Para concluir a análise dos exemplos (28) e (29), se deve notar que em (28c) não há perífrase porque o verbo *mover* faz parte do adjunto do sintagma verbal, cujo núcleo é *bailar*, enquanto em (29c) a interpretação da construção é a mesma, porque "mexer" é membro do adjunto da oração cujo núcleo é "dançar". Em ambos os casos, as formas não pessoais expressam o modo como o Agente/sujeito dança.

2.1.1. RECURSOS PARA A IDENTIFICAÇÃO DAS PERÍFRASES VERBAIS

Como foi mencionado, nas perífrases o elemento que introduz a expressão não pode apresentar argumentos ou adjuntos próprios, diferentes dos selecionados pela forma infinita à qual corresponde a predicação. Desse princípio geral decorrem alguns recursos sintáticos que permitem identificar esse tipo de estrutura de maneira mais segura e, assim, separá-la das demais combinações de verbos existentes no E e no PB (cf.: PORTO DAPENA 1987; GÓMEZ TORREGO 1988; FERNÁNDEZ DE CASTRO 1999).

2.1.1.1. AS PERÍFRASES DE INFINITIVO

Portanto, para que uma sequência verbal com infinitivo realmente constitua uma perífrase, devem ser respeitadas as seguintes restrições:

- A. O termo que se acredita auxiliado não pode ser comutável por um sintagma nominal, um pronome ou uma oração substantiva introduzida pelas conjunções *que*/"que", o que o caracterizaria como um argumento ou parte de um argumento do verbo que o precede (GÓMEZ TORREGO 1988):

- (34) a. Voy a estudiar aquí. (perífrase)
*Voy [a] eso.
b. Siempre pienso en estudiar aquí. (não perífrase)
Siempre pienso en eso.

- (35) a. Vou estudar aqui. (perífrase)
*Vou isso.
b. Sempre penso em estudar aqui. (não perífrase)
*Sempre penso nisso.

B. Deriva do ponto anterior o fato de que a forma não pessoal tampouco pode fazer parte do sujeito da voz passiva correspondente à oração ativa que contém a suposta perífrase, já que isso a caracterizaria como objeto direto do primeiro verbo (*idem, ibidem*):

- (36) a. ¿Pudiste hacer algo? (perífrase)
*¿Hacer algo fue podido [por ti]?
b. ¿Decidiste hacer algo? (não perífrase)
¿Fue decidido [por ti] hacer algo?
- (37) a. Você pôde fazer algo? (perífrase)
*Fazer algo foi podido por você?
b. Você decidiu fazer algo? (não perífrase)
Foi decidido por você fazer algo?

No entanto, cabe lembrar que, se o infinitivo atua como um argumento não acusativo da unidade que o antecede, o fato de determinada estrutura verbal não admitir sua transformação em sujeito paciente não significa que se trate de uma perífrase:

- (38) Me gusta hablar.
*Hablar es gustado por mí
(Não perífrase: *gustar* não é verbo transitivo²⁷.)

²⁷ Embora haja certa polêmica acerca de o complemento selecionado por *gustar* para realizar seu Experienciador ser ou não um objeto indireto, aqui a caracterização desse verbo como não transitivo – e não como transitivo indireto – se sustenta em todo caso, pois corresponde ao que ela significa em E e não no PB. Nesse sentido, ver a nota 28 a seguir.

(39) Gosto de falar.

*Falar é gostado por mim.

(Não perífrase: "gostar" não é verbo transitivo direto²⁸.)

C. Constitui outro desdobramento a impossibilidade de que o provável verbo principal seja substituído por um pronome interrogativo quando a asserção é transformada em pergunta, já que a ocorrência dessa comutação implicaria que tal interrogativo fosse entendido como prova da existência de um argumento próprio do item conjugado (PORTO DAPENA 1987: 30-31; GÓMEZ TORREGO 1988):

(40) a. Voy a pasar por su casa. (perífrase)

*– ¿A qué vas? / – A pasar por su casa.

b. Quiero pasar por su casa. (não perífrase)

– ¿Qué quieres? / – Pasar por su casa.

(41) a. Vou passar na casa dele. (perífrase)

*– O que você vai? / – Passar na casa dele.

b. Quero passar na casa dele. (não perífrase)

– O que você quer? / – Passar na casa dele.

D. Uma última restrição de grande relevância é o fato de, na perífrase, não ser possível que a forma não pessoal conte com um sujeito diferente do da que a precede (PORTO DAPENA 1987: 30), visto que esse é um impedimento que surge já no estágio III da gramaticalização verbos:

²⁸ Como, em geral, a nomenclatura acerca da transitividade verbal é diferente e/ou tem significados diferentes nos estudos realizados sobre o E e o PB, nos exemplos (38) e (39) as afirmações de que *gustar* não é transitivo – válida para o sentido ao qual a expressão "não transitivo" corresponde em E – e de que "gostar" não é transitivo direto têm o mesmo efeito, isto é, indicam que esses verbos não selecionam complementos acusativos.

- (42)
- a. Voy a estudiar aquí. (perífrase)
*Voy a que estudies aquí.
 - b. ¿Pudiste hacer algo? (perífrase)
*¿Pudiste que hiciera algo?
 - c. Tengo que pasar por su casa. (perífrase)
*Tengo que pases por su casa.
 - d. Siempre pienso en estudiar aquí. (não perífrase)
Siempre pienso en que estudies aquí.
 - e. ¿Decidiste hacer algo? (não perífrase)
¿Decidiste que haremos algo?
 - f. Quiero pasar por su casa. (não perífrase)
Quiero que pases por su casa.
 - g. Me gusta hablar. (não perífrase)
Me gusta que hables.
- (43)
- a. Eu vou estudar aqui. (perífrase)
*Eu vou que você estude aqui.
 - b. Você pôde fazer algo? (perífrase)
*Você pôde que eu fizesse algo?
 - c. Eu tenho que passar na casa dele. (perífrase)
*Eu tenho que você passe na casa dele.
 - d. Sempre penso em estudar aqui. (não perífrase)
Sempre penso em você estudar aqui.
Sempre penso em que você estude aqui.
 - e. Você decidiu fazer algo? (não perífrase)
Você decidiu que vamos fazer algo?
 - f. Quero passar na casa dele. (não perífrase)
Quero que você passe na casa dele.
 - g. Eu gosto de falar. (não perífrase)
Eu gosto de que você fale.

Mais uma vez, todas essas impossibilidades derivam de que, como apenas o último elemento da perífrase atua como predicador, cada forma verbal que compõe essa estrutura não pode apresentar argumentos ou adjuntos distintos dos das demais. Por outro lado, ainda que se percam valores de voz, tempo, aspecto, modalidade e/ou diferenciação estilística, é possível a substituição de toda a sequência por uma única ocorrência do segundo verbo sem que isso comprometa a oração.

2.1.1.2. AS PERÍFRASES DE PARTICÍPIO

Para que de fato uma sequência verbal com particípio constitua uma perífrase é fundamental que este apresente valor funcional de verbo e não de adjetivo, ainda que traços formais, como a concordância de gênero e de número, possam ser mantidos. Assim, devem ser respeitadas as seguintes restrições:

- A. O suposto termo auxiliado não pode ser comutável por um sintagma adjetivo ou um sintagma adverbial (GÓMEZ TORREGO 1988):

- (44) a. La casa fue vigilada por la policía. (perífrase)
*La casa fue bonita por la policía.
*La casa fue así por la policía.
b. El ejercicio está hecho. (não perífrase²⁹)
El ejercicio está listo.
El ejercicio está así.

²⁹ Na realidade, se trata de uma oração atributiva.

- (45) a. A casa foi vigiada pela polícia. (perífrase)
*A casa foi bonita pela polícia.
*A casa foi assim pela polícia.
b. O exercício está feito. (não perífrase³⁰)
O exercício está pronto.
O exercício está assim.

B. A forma não pessoal não pode ser substituída pelos pronomes interrogativos *cómo* (para o E) ou "como" (para o PB) quando a asserção é transformada em pergunta (*idem, ibidem*):

- (46) a. Me había retrasado. (perífrase)
*– ¿Cómo me había? / – Retrasado.
b. Este invierno viene retrasado. (não perífrase)
– ¿Cómo viene este invierno? / – Retrasado.
- (47) a. Eu tinha atrasado. (perífrase)
* – Como eu tinha? / – Atrasado.
b. Este inverno vem atrasado. (não perífrase)
– Como vem este inverno? / – Atrasado.

Ainda que alguns autores os classifiquem em separado, os tempos compostos (em E, [*haber* auxiliar + participípio] e, no PB, ["*ter*"/"haver" auxiliar + participípio]) atendem a todos os requisitos necessários para que sejam considerados perífrases de participípio e, de fato, é exatamente o que são, apesar de que em um grau mais forte de gramaticalização (cf.: CASTILHO 2003³¹) que outros casos.

³⁰ Também aqui se trata de uma oração atributiva.

³¹ "Estrutura funcional da sentença", de A. T. de Castilho, 2003. Texto inédito de apoio ao curso Sintaxe do Português II, ministrado pela Profa. Dra. Mirta Groppi, na graduação em Letras: habilitação Português/Espanhol.

2.1.1.3. AS PERÍFRASES DE GERÚNDIO

Para que uma sequência verbal constitua de fato uma perífrase de gerúndio, devem ser respeitadas as mesmas restrições que no caso do particípio:

- A. O termo que se imagina auxiliado não pode ser comutável por um sintagma adjetivo ou um sintagma adverbial (GÓMEZ TORREGO 1988):

- (48) a. Sigo estudiando ese tema. (perífrase)
*Sigo bonito ese tema.
*Sigo así ese tema.
- b. Mi amigo corre escuchando música. (não perífrase)
Mi amigo corre rápidamente.
Mi amigo corre así.
- (49) a. Continuo estudando esse tema. (perífrase)
*Continuo bonito esse tema.
*Continuo assim esse tema.
- b. Meu amigo corre escutando música. (não perífrase)
Meu amigo corre rapidamente.
Meu amigo corre assim.

E, nesse sentido, é interessante considerar ainda ocorrências ambíguas como:

- (50) a. Andas cojeando un poco.
(= Has estado cojeando un poco.)
*Andas así.
(perífrase)
- b. Andas cojeando un poco.
(= Al andar, cojeas un poco.)
Andas así.
(não perífrase)
- (51) a. Você anda mancando um pouco.
(= Você tem mancando um pouco.)
*Você anda assim.
(perífrase)
- b. Você anda mancando um pouco.
(= Ao andar, você manca um pouco.)
Você anda assim.
(não perífrase)

Nelas, deve-se notar que, em (50a) e (51a), os verbos *andar* (E) e "andar" (PB) não são empregados com seu sentido original de movimento, acrescentando apenas aspecto cursivo a *cojear* e "mancar", respectivamente. Já em (50b) e (51b), a total manutenção do valor de movimento faz com que não se trate de perífrases, mas sim de um período composto.

- B. O gerúndio não pode ser substituído pelos pronomes interrogativos *cómo* (para o E) ou "como" (para o PB) quando a asserção é transformada em pergunta (*idem, ibidem*):

- (52) a. Estoy trabajando mucho. (perífrase)
 # – ¿Cómo estoy? / – Trabajando mucho.³²
 b. Salió quejándose de todo. (não perífrase)
 – ¿Cómo salió? / – Quejándose de todo.
- (53) a. Estou trabalhando muito. (perífrase)
 # – Como estou? / – Trabalhando muito.³³
 b. Saiu reclamando de tudo. (não perífrase)
 – Como saiu? / – Reclamando de tudo.

2.2. OS CASOS FRONTEIRIÇOS

Apesar dos muitos procedimentos formais existentes para reconhecer as perífrases e, dessa maneira, separá-las das demais sequências verbais da língua espanhola e da portuguesa, inúmeras vezes se dão algumas ocorrências problemáticas ou, usando uma expressão de Gómez Torrego (1988: 53), alguns *casos fronterizos*, para os quais, sim, é válida uma parte desses instrumentos, mas não todos eles.

Esse fenômeno pode ser explicado a partir da ideia de distintos graus de gramaticalização, já que o processo de formação de uma sequência perifrástica se dá ao longo de uma evolução diacrônica e, sincronicamente, determinada combinação verbal que é considerada ou não uma perífrase está, na realidade, em um ou outro nível desse percurso (cf.: GÓMEZ TORREGO 1988; FERNÁNDEZ DE CASTRO 1999; CASTILHO 2003).

³² Tanto a pergunta como a resposta que se seguem ao exemplo (52a) são gramaticais. No entanto, o símbolo # indica que se trata de sentenças que não cabem nesse contexto, isto é, que não podem se referir à oração *Estoy trabajando mucho*.

³³ Ver a nota 32, válida também para (53a).

Assim, para que seja válido afirmar que certo item está a meio caminho entre o nível exclusivamente lexical e aquele em que se tornaria um verdadeiro auxiliar, é preciso que ele possa ser associado aos estágios II ou III de gramaticalização, etapas em que começa gradativamente a deixar de expressar apenas conteúdos semânticos ligados à indicação de algo do mundo biopsicofisicossocial, para adquirir outros de ordem gramatical.

Nesses contextos específicos – mas não nos demais em que o termo também é passível de aparecer (princípio da estratificação) –, esse quase-auxiliar não deve apresentar nem sujeito próprio nem tempo e modo autônomos com relação ao verbo principal.

São exemplos de casos fronteirços as composições dos modais *querer*/"querer" e *pensar*/"pensar"³⁴ com infinitivos. Veja-se a seguir a comparação entre essas estruturas e duas perífrases de fato:

- (54) a. Tú tienes que ir a Europa.
(perífrase)
- b. Tú debes ir a Europa.
(perífrase)
- c. Tú quieres ir a Europa.
(caso fronteirço)
- d. Tú piensas ir a Europa.
(caso fronteirço)

³⁴ Para que se compreenda adequadamente esse segundo caso, ele não deve ser confundido com as combinações formadas por [*pensar*/"pensar" + *en*/"em" + infinitivo] que fazem referência à ideia de uma reflexão desenvolvida por parte do sujeito da oração. Estas últimas não possuem nenhuma marca perifrástica (cf.: GÓMEZ TORREGO 1988: 56), enquanto as que aqui nos ocupam, sim.

- (55) a. Você tem que/de ir à Europa.
(perífrase)
- b. Você deve ir à Europa.
(perífrase)
- c. Você quer ir à Europa.
(caso fronteiroço)
- d. Você pensa ir à Europa.
(caso fronteiroço)

As sequências verbais presentes nas orações de (54a), (54b), (55a) e (55b) atendem a todos os parâmetros que definem a perífrase e, assim, não cabe dúvida de que é essa sua classificação:

- (56) a. #Tú tienes eso. (perífrase)
*Tú tienes que eso. (perífrase)
*– ¿Qué tienes? / – [Que] Ir a Europa. (perífrase)
*Ir a Europa es tenido por ti. (perífrase)
*Tú tienes que yo vaya a Europa. (perífrase)
- b. #Tú debes eso.³⁵ (perífrase)
*– ¿Qué debes? / – Ir a Europa. (perífrase)
*Ir a Europa es debido por ti. (perífrase)
*Tú debes que yo vaya a Europa. (perífrase)

³⁵ Para entender corretamente essa oração, é importante observar a diferença existente entre *tú debes ir a Europa* e *tú debes el dinero*, já que apenas no segundo caso são possíveis as comutações: *tú debes eso* e *tú lo debes*. Dessa forma, não parece adequado considerar o verbo *deber* seguido de infinitivo o mesmo que aparece com um sintagma nominal, havendo entre eles inclusive distinção de sentidos, pois aquele significa ter uma obrigação (necessidade epistêmica ou deôntica) e este corresponde a ter uma dívida (cf.: PONTES 1973: 107).

- (57) a. #Você tem isso. (perífrase)
 *Você tem que isso/disso. (perífrase)
 *O que você tem? / – [Que]/[De] Ir à Europa. (perífrase)
 *Ir à Europa é tido por você. (perífrase)
 *Você tem que/de eu vá à Europa. (perífrase)
- b. #Você deve isso.³⁶ (perífrase)
 *– O que você deve? / – Ir à Europa. (perífrase)
 *Ir à Europa é devido por você. (perífrase)
 *Você deve que eu vá à Europa. (perífrase)

Por outro lado, em (54c) e (55c) não se respeitam três das quatro restrições citadas – a regra da comutação por um sintagma nominal, a de substituição por um pronome interrogativo e a da diferenciação de sujeitos –, o que poderia implicar a interpretação dessa sequência como uma combinação que não constitui um bloco ou, em outras palavras, que conta com dois verbos lexicais:

- (58) Tú quieres eso. (não perífrase?)
 – ¿Qué quieres? / – Ir a Europa. (não perífrase?)
 Tú quieres que yo vaya a Europa. (não perífrase?)
- (59) Você quer isso. (não perífrase?)
 – O que você quer? / – Ir à Europa. (não perífrase?)
 Você quer que eu vá à Europa. (não perífrase?)

No entanto, se se aplica a regra da voz passiva, são identificadas construções perifrásticas, já que, se *ir a Europa*/"ir à Europa" são objetos diretos de, respectivamente, *querer* (E) e "querer" (PB), em princípio têm de poder se transformar em sujeitos das orações passivas. Por tudo isso, a esse tipo de sequência verbal damos o nome de fronteira:

³⁶ Ver a nota 35, válida também para (57b).

(60) *Ir a Europa es querido por ti. (perífrase?)

(61) *Ir à Europa é querido por você. (perífrase?)

Quanto a este último aspecto, é importante observar, contudo, que, como se trata de verbos de transitividade mais baixa, em qualquer ocorrência de *querer*/"querer" não se admite a voz passiva com a transformação de seu objeto direto em sujeito:

(62) Quiero ese libro.

*Ese libro es querido por mí.

(63) Eu quero esse livro.

*Esse livro é querido por mim.

Não obstante, como alguns verbos que fazem parte de perífrases também apresentam transitividade mais baixa e, portanto, não admitem, em qualquer contexto, a transformação do objeto direto de sua oração ativa em sujeito de sua oração passiva, talvez se possa pensar que, em verbos como *querer*/"querer", essas características sejam justamente um indício de um maior nível de gramaticalização e, conseqüentemente, de uma forma que rumo na direção de se tornar um auxiliar:

(64) a. Tengo que descansar. (perífrase: verbo auxiliar)

*Descansar es tenido por mí.

b. Tengo ese libro. (não perífrase: verbo pleno)

*Ese libro es tenido por mí.

c. Quiero descansar. (caso fronteiroço)

*Descansar es querido por mí.

d. Quiero ese libro. (não perífrase: verbo pleno)

*Ese libro es querido por mí.

- (65) a. Tenho que descansar. (perífrase: verbo auxiliar)
*Descansar é tido por mim.
- b. Tenho esse livro. (não perífrase: verbo pleno)
*Esse livro é tido por mim.
- c. Quero descansar. (caso fronteiroço)
*Descansar é querido por mim.
- d. Quero esse livro. (não perífrase: verbo pleno)
*Esse livro é querido por mim.

Para que essa hipótese possa ser de fato sustentada, naturalmente são necessários novos estudos.

Em todo caso, é importante observar que, ao ser o verbo auxiliado da perífrase o responsável pela seleção dos complementos do sintagma, devem ser possíveis orações passivas como as de (66) e (67):

- (66) a. Tienes que resolver ese problema.
Ese problema tiene que ser resuelto [por ti].
(perífrase)
- b. Debes resolver ese problema.
Ese problema debe ser resuelto [por ti].
(perífrase)
- c. Puedes resolver ese problema.
Ese problema puede ser resuelto [por ti].
(perífrase)

- (67) a. Você tem que/de resolver esse problema.
 Esse problema tem que/de ser resolvido por você.
 (perífrase)
- b. Você deve resolver esse problema.
 Esse problema deve ser resolvido por você.
 (perífrase)
- c. Você pode resolver esse problema.
 Esse problema pode ser resolvido por você.
 (perífrase)

Nesse sentido, configura um novo indício da distância existente entre tais estruturas perifrásticas e os casos fronteirços o fato de, nestes últimos, não se observar um comportamento semelhante, o que talvez, do ponto de vista semântico, aponte para restrições de seleção decorrentes da manutenção de conteúdos léxicos do quase-auxiliar:

- (68) Quieres resolver ese problema.
 #Ese problema quiere ser resuelto [por ti].³⁷
 (caso fronteirço)
- (69) Você quer resolver esse problema.
 #Esse problema quer ser resolvido por você.³⁸
 (caso fronteirço)

E é justamente esse fator que faz com que se interprete a sequência [*pensar*/"pensar" + infinitivo] também como fronteiraça, visto que, ao contrário das estruturas com *querer*/"querer", naquelas não são viáveis a comutação por um sintagma nominal, a substituição por um pronome interrogativo e a diferenciação de sujeitos:

³⁷ Embora a segunda sentença de (68) não seja gramatical quando sua interpretação é literal, ela parece ser possível em sentido figurado e é por isso que está assinalada com o símbolo #.

³⁸ Ver a nota 37, válida também para (69).

(70) Piensas resolver ese problema.

#Tú piensas eso.

Piensas hacer eso.³⁹

*– ¿Qué piensas? / – Resolver ese problema.

*Piensas que yo resuelva ese problema.

*Resolver ese problema es pensado [por ti].

*Ese problema piensa ser resuelto [por ti].

(caso fronteiroço)

(71) Você pensa resolver esse problema.

#Você pensa isso.

Você pensa fazer isso.⁴⁰

*– O que você pensa? / – Resolver esse problema.

*Você pensa que eu resolva esse problema.

*Resolver esse problema é pensado por você.

*Esse problema pensa ser resolvido por você.

(caso fronteiroço)

Corroborando algumas dessas considerações, Neves (2000: 62-63) recorda que a expressão de volição por meio de um verbo não está no mesmo nível de uma modalização epistêmica ou deôntica⁴¹ também porque o verbo "querer" (PB) – assim como *querer* (E) – não se limita à introdução de sequências verbais:

³⁹ Vale destacar que a obrigatoriedade de que o verbo *hacer* esteja presente para que o demonstrativo *eso* não torne a sentença agramatical é uma característica que as combinações com [*pensar* + infinitivo] compartilham com as que são introduzidas por verbos modais que correspondem a auxiliares de fato:

- (iv) a. Debes resolver ese asunto.
#Debes eso. / Debes hacer eso.
b. Puedes resolver ese asunto.
*Puedes eso. / Puedes hacer eso.

⁴⁰ Ver a nota 39, também válida para (71).

⁴¹ Ver a seção 3.4. Sequências com valor de modalidade.

(72) Quiero que hagas lo que te digo.

(73) Eu quero que você faça o que eu estou dizendo.

Cabe lembrar apenas que se chama volitiva "uma forma verbal ou uma construção que expressa a vontade do sujeito da enunciação" (DUBOIS *et al.* 1978: 615) e, assim, fazem parte desse conjunto não só *querer*/"querer", mas também outros verbos como, por exemplo, *desejar*/"desejar". No entanto, embora Neves (2000: 62-63) não faça nenhuma ressalva a esse respeito e se refira apenas à "expressão de volição por meio de um verbo", Gómez Torrego (1988: 34) e Pontes (1973: 82-83) coincidem em que os infinitivos que se seguem a *desejar*/"desejar", *odiar*/"odiar" e *abominar*/"abominar" constituem claros constituintes dos objetos diretos desses termos.

E, enquanto Gómez Torrego (1988: 34) considera que sequências com *querer* (E) [e "querer" (PB)] correspondem a um nível intermediário entre as perífrases e as combinações que não formam um bloco, Pontes (1973: 83-85), por sua vez, não prevê essa terceira opção e sua classificação se limita a compreender as expressões verbais como perifrásticas ou não. Assim, posto que *querer* (E) ou "querer" (PB) não podem ser entendidos como auxiliares de fato, para essa autora os infinitivos que os seguem são apenas parte de seus objetos diretos. Nesta dissertação, contudo, se adota o modelo proposto pelo linguista espanhol, pois, além de se apoiar em argumentos consistentes e bem articulados, ele parece oferecer respostas mais produtivas para as questões que aqui são levantadas e se alinha mais diretamente com os paradigmas teóricos explorados na pesquisa, como, por exemplo, o da gramaticalização.

2.3. AS COMBINAÇÕES QUE NÃO CONSTITUEM UM BLOCO

Como foi dito, para que se tenha uma perífrase verbal, é necessário que determinada composição submetida a análise atenda aos quatro – ou dois, se se trata de um caso de participípio ou de gerúndio – parâmetros descritos anteriormente. Por outro lado, se apenas se respeita uma parte dessas restrições, temos um caso fronteiro.

Se não é assim, as ocorrências que não atendem a nenhuma das regras mencionadas são ou uma locução verbal (seção 2.4. As locuções verbais) ou uma sequência na qual um dos verbos é argumento ou adjunto do outro. Entende-se este último tipo de estrutura como uma combinação que não constitui um bloco. Vejam-se os exemplos:

- (74) a. Me gusta guardar los platos en este armario.
(= Eso me gusta.)
b. Estudiaba escuchando aquella canción.
(= Estudiaba así.)
- (75) a. Eu gosto de guardar os pratos nesse armário.
(= Eu gosto disso.)
b. Estudava escutando aquela música.
(= Estudava assim.)

Em (74a) e (75a) o SV = [*guardar los platos en este armario*] e o SPrep = [*de guardar os pratos nesse armário*] atuam, respectivamente, como sujeito e complemento de *gustar* e "gostar". Por sua vez, em (68b) e (69b), *escuchando* e "escutando" são núcleo dos adjuntos de *estudiar* e "estudar".

Dessa maneira, ambos os verbos que fazem parte de cada uma das sentenças se encontram no estágio I ou, no máximo, na fase II de gramaticalização, visto que mantêm seu significado lexical pleno, exibem um forte conteúdo nocional e possuem argumentos próprios.

2.4. AS LOCUÇÕES VERBAIS

As perífrases e os demais casos antes apresentados não devem ser confundidos com as construções aqui denominadas "locuções verbais". Ao contrário daqueles, estas últimas se caracterizam por ser uma sequência de termos na qual ao menos um deles é um verbo, enquanto os demais, que estão estreitamente unidos a esse verbo nuclear, podem sê-lo ou não⁴²:

- (76) a. No me lo dijo, pero me lo dio a entender.
(*dar a entender = sugerir*)
- b. Me haces falta.
(*hacer falta = hacer que se sienta la ausencia o la necesidad*)
- c. Me hace falta estudiar más.
(*hacer falta = hacer que se sienta la ausencia o la necesidad*)
- (77) a. Não me disse, mas me deu a entender.
("dar a entender" = sugerir)
- b. Você me faz falta.
("fazer falta" = fazer sentir a ausência ou a necessidade)
- c. Me faz falta estudar mais.
("fazer falta" = fazer sentir a ausência ou a necessidade)

⁴² É evidente que, nas ocorrências em que um dos constituintes é nominal, não se pode falar em uma sequência verbal. No entanto, também existem locuções em que ambos os elementos são verbos e é por isso que interessa a este trabalho caracterizar esse grupo de composições e diferenciá-lo das perífrases, dos casos fronteirços e das combinações que não constituem um bloco.

Como é possível observar, a locução apresenta características léxicas, ou seja, forma um bloco de significação único e novo no qual não se mantêm presentes, de forma autônoma, nem o significado do verbo nem o do acrescentado. Além disso, não se verificam modificações temporais, aspectuais, modais ou estilísticas, já que não há auxiliar.

Os traços particulares das locuções verbais que permitem que elas sejam diferenciadas das perífrases ou dos casos fronteirços podem ser resumidos ao seguinte (GÓMEZ TORREGO 1988: 23-24):

- A. Nas locuções, o elemento acrescentado ao termo que ocupa a primeira posição pode ser um novo verbo ou qualquer outro item léxico. Nas perífrases e nas expressões fronteirças, a sequência sempre é formada por dois ou mais verbos, unidos, no caso de algumas estruturas com infinitivo, por certas preposições ou pelas partículas *que*/"que".
- B. As locuções não são sintaticamente segmentáveis. Quanto às perífrases e aos casos fronteirços, eles sempre podem ser fracionados em um ou mais verbos auxiliares e um verbo principal que atua como predicador.
- C. Nas locuções, não é possível nem a comutação estrutural (substituição de uma palavra ou sequência de palavras por outras funcionalmente equivalentes, mas de nova categoria gramatical) nem a comutação léxica (substituição de uma palavra por outra de mesma função e mesma categoria). No entanto, nas perífrases e nas sequências fronteirças, apesar de não se dar nunca a comutação estrutural, sim é possível a comutação léxica, ainda que muitas vezes de forma limitada.

- D. Nas locuções formadas por mais de um verbo, é sempre o primeiro que seleciona os argumentos da oração. No caso das perífrases e das construções fronteiriças, o verbo que o faz é sempre o último.
- E. A locução apresenta características léxicas, ou seja, forma um bloco de significação único e novo no qual não costumam se manter presentes nem o significado do verbo nem o do acrescentado; além disso, não se verificam modificações temporais, aspectuais, modais nem estilísticas, já que não há auxiliar. Por outro lado, nas perífrases e nos casos fronteiriços sempre se tem o significado do verbo principal modificado pelo auxiliar ou quase-auxiliar.

Vejam-se os exemplos:

- (78) a. Eso no quiere decir nada.
(locução verbal: *querer decir* = *significar*)
b. ¿No quieres decir nada?
(caso fronteiriço: *querer* = verbo modal)
- (79) a. Isso não quer dizer nada.
(locução verbal: "querer dizer" = *significar*)
b. Você não quer dizer nada?
(caso fronteiriço: "querer" = verbo modal)

Deve-se observar que, em (78a) e (79a), as locuções verbais em questão não são nem sintática nem semanticamente segmentáveis, já que, ao formar um novo bloco de sentido, apresentam características léxicas. É justamente por isso que nelas não pode haver comutações de nenhum dos dois tipos referidos.

Por outro lado, as sequências fronteiriças de (72b) e (73b) podem ser divididas em um primeiro verbo que caminha na direção de se tornar um verdadeiro auxiliar e em um outro principal, responsável pela predicação. Nelas é possível a comutação léxica – *¿No quieres hacer nada? / “Você não quer fazer nada?”* – e se verifica um valor modal acrescentado por *querer* (E) e "querer" (PB), que, assim, modificam o significado original de *decir* e "dizer", respectivamente.

As locuções verbais se distinguem também das expressões conformadas por um verbo-suporte⁴³ e seu objeto direto. Segundo Neves (2000: 54), estas últimas estruturas estão compostas, por um lado, por um item verbal que funciona como instrumento morfológico e sintático na construção do predicado e, por outro, por um sintagma nominal que se agrupa com esse verbo para configurar o sentido do todo e determinar os papéis temáticos da predicação.

Ainda de acordo com a autora (*ibidem*: 55), essa caracterização dá margem a um conjunto variado de combinações mais próximas ou mais distantes das que são consideradas prototípicas, isto é, daquelas em que os verbos-suporte têm como complemento um sintagma nominal não-referencial cujo núcleo é, portanto, um substantivo sem determinante.

Assim como nas locuções, nestas outras ocorrências o termo que dá início à sequência é de natureza semântica básica⁴⁴ e apresenta um significado individual bastante esvaziado, já que, em conjunto com seu complemento, constitui um sentido global próprio que, neste caso, geralmente

⁴³ De acordo com as preferências dos diferentes linguistas que o estudam, o termo designado por alguns como "verbo-suporte" também pode ser chamado "verbo funcional", "verbo geral", "verboide" e ainda "verbalizador".

⁴⁴ Como verbos de natureza semântica básica são entendidos aqui os que apresentam significação genérica, como é o caso, por exemplo, de *dar*/"dar", *hacer*/"fazer", *tener*/"ter" etc. Opõem-se a eles os verbos de alta carga de significado lexical.

corresponde ao de um outro verbo do idioma de que ele faz parte (*idem*, *ibidem*: 53):

- (80) a. Cuando nos encontramos, siempre me da un beso.
(*dar un beso = besar*)
- b. Cuando nos encontramos, siempre me da un abrazo.
(*dar un abrazo = abrazar*)
- c. Cuando nos encontramos, siempre me da una sonrisa.
(*dar una sonrisa = sonreír*)
- d. Cuando nos encontramos, siempre da un grito de alegría.
(*dar un grito = gritar*)
- (81) a. Cuando nos encontramos, sempre me dá um beijo.
("dar um beijo" = "beijar")
- b. Cuando nos encontramos, sempre me dá um abraço.
("dar um abraço" = "abraçar")
- c. Cuando nos encontramos, sempre me dá um sorriso.
("dar um sorriso" = "sorrir")
- d. Cuando nos encontramos, sempre dá um grito de alegria.
("dar um grito" = "gritar")

Algumas das construções com verbo-suporte, entretanto, não têm um verbo simples em relação de paráfrase com a estrutura [verbo + sintagma nominal complemento], como se pode observar nestes novos exemplos:

- (82) a. Dar un puntapié.
(não há verbo correspondente)
- b. Dar un codazo.
(não há verbo correspondente)
- c. Dar una paliza.
(não há verbo correspondente)

- (83) a. Dar um ponta-pé.
 (não há verbo correspondente)
- b. Dar uma cotovelada.
 ("dar uma cotovelada" = "acotovelar")
- c. Dar uma surra.
 ("dar uma surra" = "surrar")

Finalmente, é importante notar que, enquanto nas locuções verbais não se observam nem a comutação estrutural nem a léxica (GÓMEZ TORREGO 1988: 23), nas sequências com verbo-suporte pelo menos a segunda, sim, é possível, o que leva, por sua vez, ao que realmente diferencia estas últimas construções das primeiras, isto é, ao fato de que, sendo ou não capazes de manter relações de paráfrase com verbos simples⁴⁵, só as locuções constituem expressões fixas, cristalizadas (NEVES 2000: 54):

- (84) a. El hombre forma parte de la naturaleza.
 (*formar parte = participar o estar integrado*)
- b. Claro que voy a tener en cuenta a los demás.
 (*tener en cuenta = considerar*)
- (85) a. O homem faz parte da natureza.
 ("fazer parte" = participar ou estar integrado)
- b. Claro que vou levar em conta os demais.
 ("levar em conta" = considerar)

⁴⁵ Embora seja típica das estruturas com verbo-suporte a possibilidade de que seu sentido global próprio corresponda ao de um outro verbo do idioma, já foi esclarecido que nem todos os casos contam com essas paráfrases. Por outro lado, várias locuções verbais também podem ser substituídas por verbos simples sem maiores prejuízos para seu significado:

- (v) Hay que tener en cuenta todos los argumentos.
 Hay que considerar todos los argumentos.
- (vi) É preciso levar em conta todos os argumentos.
 É preciso considerar todos os argumentos.

É também por isso que, ao contrário das locuções, as sequências com verbo-suporte podem ser segmentadas sintaticamente, com, por um lado, o verbo que funciona como instrumento na construção do predicado e, por outro, o sintagma nominal que determina os papéis temáticos da predicação.

No outro extremo estão as construções de verbos plenos com objeto direto, que guardam, um e outro, total individualidade semântica. Esses elementos podem ser os mesmos que, em contextos diferentes, atuam como verbo-suporte:

(86) No podíamos tener problemas otra vez.

(87) Não podíamos ter problemas outra vez.

CAPÍTULO 3

AS SEQUÊNCIAS VERBAIS: CARACTERIZAÇÃO SEMÂNTICA

Como foi dito nos capítulos anteriores, os itens verbais que não constituem predicados atuam como operadores gramaticais que, ao dar início a certas estruturas, contêm suas desinências de número e pessoa e lhes acrescentam, na combinação com um verbo lexical, categorias como voz, tempo, aspecto e/ou modalidade. Eles caminham, portanto, na direção de articular uma unidade semântica com as formas plenas que introduzem, perdendo traços de natureza lexical e adquirindo outros de ordem mais abstrata (princípio da abstratização).

No entanto, se se encontram entre os estágios II e III do processo de gramaticalização e configuram apenas quase-auxiliares, seus conteúdos nocionais ainda se mantêm bastante presentes e os sentido geral das composições fronteiriças de que fazem parte deriva, nessa etapa de evolução, da soma dos significados individuais de cada um de seus membros:

- (88) a. El crío quiere comida ahora mismo.
b. El crío quiere comer ahora mismo.
- (89) a. A criança quer comida agora mesmo.
b. A criança quer comer agora mesmo.

No caso do E e do PB, tais sequências verbais costumam ser entendidas como integrantes ou do grupo das ocorrências classificadas como aspectuais ou do conjunto das modais.

Por outro lado, se se trata já de auxiliares de fato (a partir do estágio IV de gramaticalização), as construções a que estes dão lugar são consideradas verdadeiras perífrases e, em tais vocábulos, os valores ligados a entidades do mundo biopsicofisicossocial estão realmente muito esvaziados. É o que se verifica quando se comparam exemplos de *andar*/"andar" referentes à ação de se deslocar dando passos (92a/93a) com suas formas análogas que exprimem aspecto cursivo habitual:

- (90) a. Andas demasiado rápido.
b. ¿Qué andas haciendo?
c. ¿Dónde andas sentándote? No te veo más en el comedor.
- (91) a. Você anda rápido demais.
b. O que você anda fazendo?
c. Onde você anda sentando? Não te vejo mais no refeitório.

Note-se que, tanto em (90b) e (91b) como em (90c) e (91c), o sentido de movimento desapareceu totalmente e é isso que permite que, neste segundo par, os verbos *andar*/"andar" se associem a uma situação de tipo estático como a de se sentar em um lugar qualquer.

Embora os casos apresentados sejam de categoria aspectual, é preciso esclarecer que, nas perífrases do E e do PB, além dessa e da de modalidade, são comuns também a temporal e a de voz.

Nas sequências de fato perifrásticas, o valor auxiliar do primeiro elemento é dado, em última instância, pelo caráter unitário e global de toda construção a que ele pertence. Do ponto de vista semântico, tal propriedade se manifesta porque a composição como um todo possui algum traço significativo outro que não se limita à simples justaposição dos conteúdos de ambos os verbos. É isso que determina que, sintaticamente, eles sejam indissociáveis,

incapazes de constituir dois núcleos predicativos independentes (cf.: PORTO DAPENA 1987: 29-32):

- (92) a. Por fin, fue encontrado el criminal.
b. Ya había estudiado mucho cuando decidí descansar.
c. ¿Quién va a hablar?
d. Ana también está leyendo ese libro.
e. Tengo que dormir un poco antes de la fiesta.
- (93) a. Por fim, o criminoso foi encontrado.
b. Já tinha/havia estudado muito quando decidi descansar.
c. Quem vai falar?
d. Ana também está lendo esse livro.
e. Tenho que/de dormir um pouco antes da festa.

Assim, em (92) e (93) os respectivos valores de voz passiva, de pretérito mais-que-perfeito, de futuro iminente, de aspecto cursivo e de necessidade epistêmica não são oferecidos, em cada uma das frases, por nenhum dos dois termos relacionados em particular, mas sim por sua própria associação.

Além de se vincular a seu nível de gramaticalização e, dessa maneira, também a seu perfil sintático (princípio das mudanças semânticas, fonético-fonológicas, morfossintáticas e pragmáticas), a caracterização semântica das expressões perifrásticas e fronteiriças possibilita ainda que se compreenda melhor a conformação das principais estruturas nas quais esta dissertação se propõe a observar as possibilidades e os limites para a subida e para o posicionamento dos clíticos pronominais.

3.1. SEQUÊNCIAS COM VALOR DE VOZ

Segundo Dubois *et al.* (2006: 615-616), nesta dissertação o termo "voz" é usado para designar uma categoria gramatical que indica certo tipo de relação sintática de um verbo pleno – ou de uma combinação de auxiliar e auxiliado – com seu sujeito e seu objeto.

Dessa maneira, se afirma que esse item lexical ou essa construção estão na voz ativa quando o sujeito da sentença em que se encontram coincide com o Agente da ação exercida. Porém, se tal sujeito configura o Tema do núcleo verbal, este está na voz passiva. E, independentemente de corresponder ou não a um Agente, o fato de esse argumento ser, ao mesmo tempo, o objeto do evento em questão implica, finalmente, que se trata da voz média (*idem, ibidem*).

Tanto em E como no PB, há uma sequência de voz passiva constituída por uma forma conjugada de *ser*/"ser" associada ao particípio de um verbo principal:

(94) El perro fue abandonado.

(95) O cachorro foi abandonado.

Existe, ainda, outro caso no qual, mediante a substituição por *estar*/"estar", se ressalta a ideia de estado:

(96) La tienda está cerrada.

(97) A loja está fechada.

No entanto, cabe lembrar que, apesar das estruturas comuns aos dois sistemas linguísticos, se observam diferentes frequências de uso sobretudo da primeira – [ser/"ser" + particípio] – em cada um deles, já que, como aponta Araújo Jr. (2006: 42), "[...] enquanto no PB as passivas sintáticas⁴⁶ e lexicais⁴⁷ são mais abundantes que as com 'se', o E mostra uma notória preferência pela construção pronominal⁴⁸.

Em todo caso, o mais importante para as finalidades desta pesquisa é que, ao se admitir que os membros de combinações como as de (94) e (95) são um verbo auxiliar e um auxiliado, também é possível dizer que, tanto na língua espanhola como na portuguesa, se trata de perífrases, nas quais, conseqüentemente, o primeiro elemento tem de estar pelo menos no nível 4 de gramaticalização. É o que se discute no próximo capítulo deste trabalho, juntamente com as implicações que essa caracterização análoga em ambos os idiomas pode ter ou não para uma coincidência também nas possibilidades de alçamento e colocação do clítico pronominal nas composições verbais mencionadas.

⁴⁶ Como ocorrências de voz passiva sintática devem ser entendidas aquelas em que é por meio de uma seqüência verbal que se indica que o sujeito de determinada oração corresponde ao Tema de seu verbo principal (MOINO 1989: 36, *apud* ARAÚJO JR. 2006: 40-41).

⁴⁷ À medida que as ocorrências de voz passiva sintática apresentam um comportamento marcadamente verbal, as de voz passiva lexical têm valor de adjetivo e ocorrem em geral dentro do sintagma nominal ou em aposição a ele (MOINO 1989: 36, *apud* ARAÚJO JR. 2006: 41). Vejam-se os exemplos:

- (vii) Os bares fechados pela prefeitura no ano passado foram por fim reabertos.
Os bares, fechados pela prefeitura no ano passado, foram por fim reabertos.

⁴⁸ Como esclarece Neves (2000: 465), outra maneira de formar a voz passiva é utilizando os pronomes *se*/"*se*" junto a um verbo transitivo:

- (viii) Alugam-se casas.
(ix) Se alquilan casas.

3.2. SEQUÊNCIAS COM VALOR DE TEMPO

Mesmo quando restrita ao âmbito específico das ciências da linguagem, a palavra "tempo" pode suscitar interpretações ambíguas e, para evitar tais equívocos, é importante diferenciar, por um lado, os momentos em que significa o agrupamento das formas verbais em blocos regulares cujos constituintes têm em comum um mesmo morfema modo-temporal que se repete nas ocorrências de certa conjugação e, por outro, aqueles em que conta com um sentido mais amplo, que, focalizando principalmente – mas não só – o verbo, compreende toda a complexa articulação linguística que, com base na relação entre enunciação e narrativa, reflete certa leitura e organização do tempo "real" ou "natural".

Trata-se de conceitos que não devem ser confundidos, ainda que tampouco se deva desconsiderar sua forte ligação. Este último fator não implica, contudo, que se possa esquecer que a categoria do tempo, muitas vezes expressa pelos afixos verbais, também se traduz em outros elementos, como, por exemplo, certos advérbios: *ayer*/"ontem", *hoy*/"hoje", *mañana*/"amanhã", etc.

Assim, de acordo com a segunda definição exposta, Dubois *et al.* (1978: 582) dão a denominação de "tempo" a um valor gramatical que geralmente se associa a um verbo e que refere diversas categorizações do tempo 'real' ou 'natural'.

Para os autores (*ibidem*), a operação mais usual que se estabelece é a que contrapõe os chamados "tempos absolutos": o presente, que se relaciona à ocasião em que o enunciado é produzido, e o não-presente, sendo que este último pode corresponder ao passado – o intervalo anterior ao momento da enunciação – ou ao futuro – o intervalo posterior.

Como o presente representa tanto o não-passado como o não-futuro, formas verbais que lhe fazem referência são próprias para indicar verdades atemporais. Em E e no PB, trata-se dos casos conjugados nos chamados, respectivamente, *presente del indicativo* e "presente do indicativo":

(98) La tierra gira alrededor del sol.

(99) A terra gira ao redor do sol.

Por sua vez, eventos que apontam para o passado ou para o futuro podem ser entendidos como acabados ou em desenvolvimento. Essa variação se efetiva, em E e no PB, pelo contraste entre as formas do "passado histórico" ou pretérito perfeito (em E, *pretérito indefinido* ou *perfecto simple*) – exemplos (100a) e (101a) – e as do pretérito imperfeito (*pretérito imperfecto*, em E) – exemplos (100b) e (101b) – (*idem, ibidem*):

(100) a. En aquellos instantes, Pedro murió.

b. En aquellos instantes, Pedro moría.

(101) a. Naqueles instantes, Pedro morreu.

b. Naqueles instantes, Pedro morria.

Ao se considerar as relações entre dois acontecimentos situados no futuro ou outros dois localizados no passado surgem, ainda, novas oposições secundárias ou, em diferentes palavras, novos tempos relativos. No paradigma verbal do E e do PB, eles correspondem ao *futuro anterior*/"futuro anterior" (102a/103a) e ao *pretérito pluscuamperfecto*/"pretérito mais-que-perfeito" (102b/103b) (*idem, ibidem*):

(102) a. Cuando llegue a casa, todos ya habrán comido.

b. Cuando llegué, todos ya habían comido.

- (103) a. Quando eu chegar em casa, todos já terão/haverão comido.
b. Quando eu cheguei em casa, todos já tinham/haviam comido.

À medida que esse quadro vai se tornando mais complexo, o tempo, sobretudo quando se enfoca o verbo, passa a se combinar, mais ou menos estreitamente, com outros valores gramaticais que podem se atualizar: (1) no emprego de sequências verbais temporais específicas; (2) na confrontação de distintas formas simples que aludem a um mesmo intervalo (passado, presente ou futuro); e (3) no uso de outras para referir um momento diferente daquele a que tradicionalmente estão associadas (*idem, ibidem*).

De um modo geral, tais categorias são:

A. O aspecto⁴⁹, como se nota nas interpretações proporcionadas pelos casos a seguir, adaptados de Costa (1997: 50):

- (104) a. Francisco lavó los platos. Sonia llegó.
b. Francisco lavaba los platos. Sonia llegó.
- (105) a. Francisco lavou os pratos. Sônia chegou.
b. Francisco lavava os pratos. Sônia chegou.

Em (104a) e (105a), os eventos assinalados são singulares, perfectivos⁵⁰ e independentes. São passíveis de ter ocorrido um

⁴⁹ Para mais detalhes, ver a seção 3.3. Sequências com valor de aspecto.

⁵⁰ Segundo Costa (1997: 30), "o [aspecto] perfectivo expressa o fato enunciado como global, sem parcializá-lo ou marcar de alguma forma a sua temporalidade interna. Já o imperfectivo expressa essa temporalidade interna, ou considerando-a como um fragmento de tempo que se desenrola (expressão da cursividade), ou selecionando fases desse tempo interno (expressão das fases inicial, intermediária ou final), ou expressando, ainda, estados resultativos que deem relevância linguística à constituição temporal interna de um processo que os antecedeu". É importante lembrar, entretanto, que o perfectivo representa "a falta de referência explícita à constituição temporal interna de uma situação, mais do que explicitamente implica a falta de tal constituição temporal interna. Por isso, é possível para formas perfectivas serem usadas para situações que são internamente complexas, tais como aquelas que perduram por um considerável período de tempo ou incluem um número de fases internas distintas, desde que o todo da situação seja tratado como um conjunto único" (COMRIE 1976: 16 e ss., *apud* COSTA

após o outro, mas também podem ter sido simultâneos, já que a maneira como os enunciados estão formulados não os articula quanto ao tempo. Sabe-se que ambos constituem acontecimentos passados com respeito ao momento da fala, porém nada é indicado sobre a relação temporal que mantêm entre si (*idem: ibidem*).

Em (104b) e (105b), a flexão verbal do pretérito imperfeito/*pretérito imperfecto* faz com que se compreenda a primeira ocorrência, lavar, como singular continuada ou, em outras palavras, como imperfectiva. O ato de chegar, por sua vez, se mantém sem referência a sua constituição temporal interna e, portanto, tem aspecto perfectivo. Nesse contraste, é como se se observasse o desenvolvimento do fato expresso no início da sentença e o outro fosse transformado em um ponto que é colocado no interior daquele (*idem, ibidem*).

B. A modalidade⁵¹, como na forma de futuro que acarreta um valor de possibilidade ou probabilidade:

(106) Ese muchacho será Juan, ¿no?
Ese muchacho debe (de) ser Juan, ¿no?

(107) Esse rapaz será o João, não?
Esse rapaz deve ser o João, não?

1997: 31). Dessa maneira, exceto quando a imperfectividade já está presente no lexema, as formas verbais no perfectivo são não-marcadas para o aspecto, enquanto alguns tempos verbais do PB [e do E] carregam a marca de imperfectividade (COSTA 1997: 43-44).

⁵¹ Para mais detalhes, ver a seção 3.4. Sequências com valor de modalidade.

C. A modalização⁵², quando, por exemplo, se utilizam os chamados *condicional* (E) ou futuro do pretérito (PB), porque eles contribuem para que o falante não assuma totalmente seu enunciado:

(108) Por lo que sé, José tendría la intención de dimitir.
Por lo que sé, José tiene la intención de dimitir.

(109) Pelo que eu sei, o José teria a intenção de se demitir.
Pelo que eu sei, o José tem a intenção de se demitir.

3.2.1. OS TEMPOS PERIFRÁSTICOS: [HABER + PARTICÍPIO] (E) / ["TER"/"HAVER" + PARTICÍPIO (PB)]

Afirma-se que, tanto em E como no PB, determinadas perífrases correspondem aos tempos do paradigma conhecidos como compostos. Elas são construídas mediante a reunião dos auxiliares *haber* (E) ou "ter"/"haver" (PB) com o particípio de um verbo principal imobilizado na forma masculina:

- (110) a. {He/Había/Habré/Habría} cantado.⁵³
b. {Haya/Hubiera/Hubiese} cantado.
c. {Haber/Habiendo} cantando.

⁵² De acordo com Dubois *et al.* (2006: 414), a modalização define as marcas que, na problemática da produção do texto, o sujeito atribui a seu enunciado. Ele o faz através dos denominados "modalizadores", que, para os autores (*ibidem*: 415), são os meios linguísticos pelos quais esse falante manifesta suas considerações sobre o que diz. Além de determinados empregos dos tempos verbais, são exemplos de tais recursos alguns advérbios – como *tal vez*/"talvez" e *probablemente*/"provavelmente" – e certas expressões – como *creo que*/"creio que" e *según mi opinión*/"segundo minha opinião" – que indicam que o enunciador não assume totalmente sua asserção ou que esta se encontra limitada a uma relação particular com o discurso (*idem, ibidem*). Embora possam se sobrepor em algumas ocorrências concretas, a noção de modalização não deve ser confundida nem com a de modalidade nem com a de modo, que são ainda mais relevantes para este trabalho. Isso porque, ao contrário daquela, estas últimas categorias são membros diretos do conjunto de valores que uma unidade verbal em gramaticalização adquire ao perder parte de seus traços lexicais para dar lugar a outros de natureza mais abstrata.

⁵³ Nesta dissertação, as chaves no interior dos exemplos – {A/B/C/D} – são utilizadas para economizar espaço e tornar mais ágil a leitura, já que permitem enumerar uma série de palavras ou sequências maiores que podem ocupar determinada posição alternativamente.

- (111) a. {Tinha/Terei/Teria} cantado.
- b. {Havia/Haverei/Haveria} cantado.
- c. {Tenha/Tivesse/Tiver} cantando.
- d. {Haja/Houvesse/Houver} cantando.
- e. {Ter/Tendo} cantado.
- f. {Haver/Havendo} cantado.

Para alguns autores, no entanto, combinações verbais como as de (110) e (111) caracterizariam, na verdade, sequências aspectuais. Eles defendem esse ponto de vista por considerar que o que diferencia, por exemplo, o *pretérito pluscuamperfecto*/pretérito mais-que-perfeito (*había cantado* e "tinha/havia cantado") do *pretérito imperfecto*/pretérito imperfeito (*cantaba* e "cantava") seria apenas, no caso dos primeiros, seu aspecto perfectivo ou, mais especificamente, resultativo, já que estão associados aos resultados de um evento. Nessa perspectiva, as composições de partícipio não constituiriam, portanto, tempos propriamente distintos do de seus auxiliares.

Não obstante, Porto Dapena (1987: 88-89) esclarece que, embora não se questionem as evidências de que o valor resultativo é o conteúdo primitivo de tais estruturas⁵⁴, também não há dúvidas de que hoje em dia elas não expressam apenas esse traço aspectual, mas também – e principalmente – uma informação temporal particular frente às formas simples que lhes correspondem, referindo, assim, anterioridade com respeito a elas.

⁵⁴ Para mais detalhes, ver a seção 4.2. A perífrase de tempo [*haber* + partícipio] (E) / ["ter"/"haver" + partícipio] (PB), no próximo capítulo.

Dessa maneira, se entende que *había cantado* e "tinha/havia cantado" apontam para um momento precedente ao aludido por *comía* e "comia", pois "o fato descrito por uma sentença com o auxiliar 'ter' [e também 'haver' (PB) e *haber* (E)] em um tempo verbal qualquer aparece como passado em relação ao momento em que se localizaria, se aquele morfema de tempo fosse aplicado à base verbal" (ILARI 2001: 29).

Essa parece ser a concepção mais aceita e, tanto por isso como porque se apoia em uma argumentação consistente, também é a que aqui se adota. Acreditamos, então, que as perífrases formadas por *haber* (E) e "ter"/"haver" (PB) seguidos de particípio sim configuram tempos específicos que, secundariamente, têm associado o valor aspectual perfectivo-resultativo (cf.: PORTO DAPENA 1987: 87-90; ILARI 2001: 29-30).

É importante destacar, contudo, que, ao contrário do que acontece em E, no PB atual a grande maioria das construções de particípio introduzidas por formas de "ter" ou "haver" conjugadas no presente do indicativo já não pertence à mesma categoria debatida até este ponto e exemplificada em (110) e (111). Isso porque o que se observa em tais ocorrências não é um perfil perfectivo-resultativo, mas sim iterativo-frequentativo (112a/112b) e, sobretudo, cursivo-habitual (112c/112d), com este último englobando o anterior⁵⁵ (cf.: ILARI 2001: 66-68):

- (112) a. Tenho me encontrado com eles nas últimas semanas.
b. Temos estacionado o carro aqui, mas às vezes não há vagas.
c. Tenho estado doente.
d. Tenho ficado de cama.

⁵⁵ Enquanto, como seu próprio nome sugere, o aspecto iterativo-frequentativo contém a ideia de frequência, o cursivo-habitual é aquele que expressa o desenvolvimento de um evento quando este não representa uma progressão. Para mais detalhes, ver a seção 3.3. Sequências com valor de aspecto, neste mesmo capítulo.

Para entender melhor essa questão, podem ser comparados contextos semelhantes a esses últimos com outros em que o verbo auxiliar se encontra em um tempo diferente:

- (113) a. O João morreu hoje.
*O João tem morrido hoje.
b. Alguém me disse que o João morreu.
Alguém me disse que o João tinha morrido.
c. Até o fim do dia, o João morrerá.
Até o fim do dia, o João terá morrido.

Esse caráter divergente da composição com o constituinte finito no presente representa um fenômeno peculiar cujo interesse, segundo Ilari (2001: 66), não é novo entre os gramáticos que estudam a língua portuguesa, visto que ele se mostra "totalmente idiossincrático no confronto com os casos correspondentes das demais línguas românicas" (*idem, ibidem*). De fato, em E são possíveis:

- (114) a. Juan ha muerto hoy.
b. Alguien me dijo que Juan había muerto.
c. Hasta el final del día, Juan habrá muerto.

A partir dessas sentenças, cabe recordar, finalmente, que, quanto ao E, há ainda certa polêmica em torno dos usos mais específicos do denominado *pretérito perfecto* ou *pretérito perfecto compuesto* (114a), que, embora se saiba que indica um passado perfectivo com relação ao presente, parece contar ainda com valores complementares que não estão bem retratados e com empregos que vêm passando por transformações nem sempre equivalentes nas diferentes variedades do idioma. Trata-se de um tempo que tem merecido uma melhor e mais rigorosa descrição, a partir de estudos de *corpora*.

3.2.2. OS TEMPOS PERIFRÁSTICOS: [IR + A + INFINITIVO] (E) / ["IR" + INFINITIVO] (PB)

Existe, ademais, uma perífrase com os verbos *ir*/"*ir*" ao quais se acrescenta um infinitivo e se articula, assim, a ideia temporal de futuro:

(115) Va a llover dentro de tan sólo unos momentos.

(116) Vai chover dentro de apenas uns momentos.

No caso de tais auxiliares estarem no passado, a indicação é de futuridade a partir daquela perspectiva:

(117) Iba a decir algo, pero se dio cuenta de que no valía la pena.

(118) la dizer algo, mas se deu conta de que não valia a pena.

Para Gómez Torrego (1988: 65-75), normalmente se trata de uma temporalidade futura imediata⁵⁶, o que acarreta que, em algumas situações, não seja possível a comutação pelo chamado futuro simples ou imperfeito do modo indicativo, independentemente do registro empregado pelo falante. Em sua investigação, o autor (*ibidem*) faz referência apenas ao E, mas as ocorrências que apresenta se mostram válidas também no PB:

(119) Vámonos, que va a llover.

*Vámonos, que lloverá.

(120) Vamos embora, que vai chover.

*Vamos embora, que choverá.

⁵⁶ Tal imediatismo pode se referir tanto à realidade física temporal como a uma realidade psicológica desejada, temida ou entendida como mais certa (GÓMEZ TORREGO 1988: 65-75).

Os exemplos (119) e (120) podem ser explicados, então, pelo fato de apenas as construções com *ir*/*ir*" exprimirem não só tempo, mas também um aspecto inceptivo⁵⁷ que se associa ao caráter de proximidade que essas estruturas costumam conter.

Quando as expressões de infinitivo e o futuro simples se encontram em variação livre, é comum que, em ambos os sistemas linguísticos aqui analisados – mas talvez sobretudo no PB –, a escolha desse último recurso pareça apontar, em geral, para uma intenção do falante de se afastar de um registro mais coloquial e, dessa maneira, marcar que seu texto faz parte de determinados gêneros com requisitos de formalidade.

Novamente com base no trabalho de Gómez Torrego (1988: 65-75), é possível concluir ainda que a perífrase constituída pelos auxiliares *ir*/*ir*" seguidos por um verbo principal corresponde a um caso bastante ilustrativo de como a categoria temporal frequentemente se relaciona com outras como a aspectual e a de modalidade.

Isso porque, para o autor (*ibidem*), tal composição não se limita a expressar temporalidade futura imediata e pode referir também outros sentidos secundários – valor injuntivo⁵⁸ (121d/122d), conativo⁵⁹ (121e/122e), de inoportunidade (121f/122f), exclamativo-expressivo (121g/122g), etc. –, entre os quais se encontram o já mencionado aspecto inceptivo – exemplos (121a),

⁵⁷ O aspecto inceptivo é aquele que indica o início de um evento. Para mais detalhes, ver a seção 3.3. Sequências com valor de aspecto, logo a seguir.

⁵⁸ Para se reportar ao valor aqui definido como injuntivo, Gómez Torrego (1988: 65-75) utiliza, na verdade, o termo *conativo*, relacionando-o especificamente com a função imperativa ou injuntiva da linguagem ou, em outras palavras, com o esforço de atuação do falante sobre a vontade de seu interlocutor. No entanto, Dubois *et al.* (1978: 135) afirmam que conativa é a modalidade verbal que indica a tentativa de realização de um processo por parte do sujeito e, como essa designação também é empregada para caracterizar ocorrências como as de (121e) e (122e), preferiu-se nesta dissertação o termo "injuntivo" para os casos como os de (121d) e (122d).

⁵⁹ Como se esclarece na nota 58, aqui o valor conativo é o que expressa a tentativa de realização de um processo por parte do sujeito da oração.

(122a), (121b) e (122b) – e a possibilidade epistêmica – exemplos (121c) e (122c):

- (121) a. Va a salir el sol.
b. La estantería iba a caer sobre Mauricio.
c. Vais a creer que estoy loco, pero no me importa.
d. Eso se lo vas a decir a otro.
e. Iba a hablar y no pude, porque estaba muy nervioso.
f. Fue a llover en el peor momento.
g. ¿Cómo iba a ser yo?

- (122) a. Vai sair o sol.
b. A estante ia cair sobre o Maurício.
c. Vocês vão achar que eu estou louco, mas não me importa.
d. Isso, você vai dizer para outro.
e. Eu ia falar e não consegui, porque estava muito nervoso.
f. Foi chover no pior momento.
g. Como é que ia ser eu?

É importante destacar quem em (121b) e (122b), o caráter inceptivo de [*ir a"/ir" + infinitivo*] se apoia, na realidade, na ideia de iminência que essa construção atribui ao fato verbal (GÓMEZ TORREGO 1988: 68-69). Não obstante, Costa (1997: 26) questiona a classificação de tal significado como um traço aspectual, já que ele não se refere à configuração temporal interna do evento, mas sim a um momento anterior a ele.

Cabe observar, por fim, que, do aspecto inceptivo de (121b) e (122b), deriva ainda um valor de descrição (GÓMEZ TORREGO 1988: 75).

Como no caso do emprego dos tempos compostos formados por estruturas de particípio, também a questão dos usos do futuro perifrástico em E e no PB é ainda mais complexa do que foi possível apontar aqui. No entanto, esse não é, evidentemente, o objetivo deste trabalho e, por isso mesmo, nele se pretende apenas apresentar uma descrição geral introdutória que permita compreender melhor, do ponto de vista semântico, as sequências verbais nas quais se vai observar a problemática da colocação dos pronomes.

Da perspectiva da gramaticalização – que, como se sabe, associa fortemente o sentido à sintaxe (princípio das mudanças semânticas, fonético-fonológicas, morfossintáticas e pragmáticas) –, é mais relevante destacar que, em consonância com os significados gerais de ambas as construções temporais debatidas – [*haber*/"ter"/"haver" + particípio] e [*ir a*/"ir" + infinitivo] –, se percebe que os traços lexicais originais dos auxiliares envolvidos deram lugar a outros de ordem mais gramatical (princípio da abstratização) e que, conseqüentemente, se perderam restrições como a de não ser viável associar um verbo como *ir*/"ir" a uma situação estática:

(123) Arturo va a quedarse en su casa todo el día.

(124) O Artur vai ficar na casa dele o dia todo.

Tudo isso permite identificar um determinado estágio no processo de mudança dessas expressões e é, de fato, o que se discute no próximo capítulo, juntamente com as implicações que tal reconfiguração semântica e sintática tem ou não para as possibilidades de alçamento e posicionamento que os clíticos pronominais apresentam quando são complementos de tempos compostos ou de perífrases de futuro.

3.3. SEQUÊNCIAS COM VALOR DE ASPECTO

Quanto a tempo e a aspecto, Costa (1997: 19) esclarece que:

[...] são ambas categorias temporais no sentido de que têm por base referencial o tempo físico. Distinguem-se, contudo, do ponto de vista semântico, fundamentalmente a partir da concepção do chamado tempo interno (o aspecto), diferente do tempo externo (o tempo). As noções semânticas do âmbito do tempo dizem respeito à localização do fato enunciado relativamente ao momento da enunciação; são, em linhas gerais, o presente, o passado e o futuro e suas subdivisões. Já as noções semânticas do âmbito do aspecto são as de duração, instantaneidade, começo, desenvolvimento e fim. Podemos observar, portanto, que se referem à maneira como o tempo decorrido dentro dos limites do fato é tratado.

A esses cinco valores, entretanto, Neves (2000: 63-64) e Gómez Torrego (1988) adicionam alguns outros, dos quais, apesar da polêmica em torno de sua classificação, dois – o aspecto resultativo e o iterativo – são adotados neste texto. Entendemos que essa decisão não é inadequada, pois, considerando as finalidades e o alcance desta pesquisa, é importante lembrar que aqui interessa mais descrever todos esses sentidos aportados por certas estruturas verbais e não avançar no debate de qual a melhor forma de defini-los, se como traços aspectuais, como estados ou como Número, qualificações essas empregadas por Costa (1997). Em todo caso, se tomou o cuidado de citar as ressalvas feitas às ocorrências que não são consensuais.

O aspecto se reporta não só aos verbos, mas também aos substantivos, aos adjetivos e a alguns advérbios. Porém, os objetivos e os limites desta dissertação a levam a examinar, a seguir, apenas a atualização dessa categoria gramatical nos sistemas verbais do E e do PB, apresentando, mais especificamente, as principais noções acrescentadas por itens em gramaticalização que introduzem sequências de tipo aspectual.

Nessa direção, Neves (2000: 63-64) afirma que, de acordo com o termo que as introduz, tais expressões podem indicar:

A. Aspecto inceptivo⁶⁰, ou seja, aquele que refere o princípio de um evento (*idem, ibidem*: 63):

- (125) a. Empecé a estudiar solamente ayer.
b. En cuanto se sintió descansado, se puso a caminar.
- (126) a. Comecei a estudar somente ontem.
b. Assim que se sentiu descansado, se pôs a caminhar.

Acerca de tais construções, Gómez Torrego (1988: 108-109) sustenta que, embora seu valor fundamental seja o de começo de uma atividade, isso não é impedimento para que se identifiquem outros, secundários, que se somam a ele. Assim, existem as combinações que permitem que se intua também sua continuidade e que, por isso, são chamadas inceptivas-progressivas (127a/128a), as que contêm a ideia de irrupção (127b/128b) e, finalmente, as que manifestam iminência (127c/128c):

- (127) a. Jaime pasó a estudiar más.
b. De pronto, se echó a hablar.
c. Mario está para llegar.⁶¹

⁶⁰ O valor aspectual que Neves (2000: 63) denomina "inceptivo" é conhecido ainda como "incoativo".

⁶¹ Para Gómez Torrego (1988: 115), uma forma alternativa à sequência apresentada em (127c) é a seguinte:

- (x) Mario está al llegar.

Todavia, tal composição verbal, na qual o valor de iminência parece ser ainda mais marcado, oferece maiores dúvidas quanto a sua classificação sintática devido à presença do artigo masculino *el* em contração com a preposição *a*. Do mesmo modo, ela também conta com escassas possibilidades de comutação léxica de seu infinitivo (*idem, ibidem*):

- (128) a. Jaime passou a estudar mais.
b. De repente, desandou/disparou a falar.
c. Mário está para chegar.

Não obstante, é preciso apontar que, apesar de o autor (*ibidem*: 115) falar em expressões *incoativas-ingresivas con valor de inminencia*, em casos como os de (127c) e (128c) não parece ser totalmente exato pensar no início de um acontecimento em seu sentido estrito, já que a iminência, na verdade, antecede aquela ocasião. Nesse mesmo sentido, também é relevante citar a visão de Costa (1997: 26), que defende que:

A limitação do âmbito da categoria [aspecto] à constituição temporal interna de um fato verbal resulta também na exclusão de algumas outras noções como, por exemplo, a iminência e a habitualidade, muito citadas como possibilidades ou "tipos" aspectuais, do âmbito da categoria. O chamado "iminencial" [...] não é um tipo aspectual porque não refere a estrutura temporal interna do fato, mas sim um momento anterior a ele.

A argumentação da autora é coerente com sua interpretação do aspecto dentro dos limites dos traços da duração, da instantaneidade, do começo, do desenvolvimento e do fim. No entanto, não acarreta obstáculos para a concepção de que, de acordo com o elemento que introduz cada uma das sequências verbais associadas a essa categoria, diferentes significados

-
- (xi) *Andrés está al ir a su casa. / Andrés está para ir a su casa.
*No voy a salir porque está al llover. / No voy a salir porque está para llover.

Por outro lado, se considera que essas duas estruturas se distinguem das formadas por [estar + por + infinitivo], porque nesta última se exprime *el estímulo o la disposición, más o menos contenida, a realizar una acción* (*idem, ibidem*: 108, grifo nosso), o que muitas vezes não supõe sua concretização:

- (xii) Estuve por acudir a la reunión, pero al final desistí.

complementares podem ser aportados a essas composições e à sentença como um todo. Independentemente de sua classificação mais rigorosa, se trata de valores que se relacionam com uma perda pelo menos parcial de conteúdos lexicais da unidade gramaticalizada e com sua substituição por outros de ordem mais abstrata. Como aqueles primeiros nem sempre desaparecem totalmente (princípio da persistência), o que resta deles pode se articular com os novos para compor a noção semântica final.

B. Aspecto cursivo⁶², isto é, aquele que expressa o desenvolvimento de um evento (NEVES 2000: 63):

- (129) a. Ricardo estaba hablando con Ana cuando llegué.
b. Vengo luchando mucho durante toda mi vida.
c. Los críos siguen/continúan peleándose.

- (130) a. Ricardo estava falando com Ana quando eu cheguei.
b. Venho lutando muito durante toda a minha vida.
c. As crianças continuam/seguem brigando.

O curso desse acontecimento pode configurar:

- Uma progressão – aspecto cursivo-progressivo (*idem, ibidem*):

- (131) a. El cielo se está nublando.
b. La violencia va creciendo en nuestra ciudad.

- (132) a. O céu está se nublando.
b. A violência vai crescendo em nossa cidade.

⁶² Para referir o mesmo valor aspectual que Neves (2000: 63) denomina "cursivo", Gómez Torrego (1988: 139-147) prefere o termo *durativo*. Também procedem dessa maneira outros autores que estudam tanto o E como o PB, entre os quais se encontra Ilari (2001), por exemplo.

- Um hábito – aspecto cursivo-habitual (*idem, ibidem*):

(133) ¿Qué andas leyendo?

(134) O que você anda lendo?

Nesta segunda situação, Gómez Torrego (1988: 139-147) prefere classificar tais sequências como de aspecto cursivo-iterativo-frequentativo – *aspecto durativo-reiterativo-frecuentativo*, em suas palavras exatas. Ao proceder assim, ele parece estabelecer uma associação, em maior ou menor grau, entre tais construções e as que indicam a repetição de eventos e é justamente isso o que também propõe Ilari (2001: 66-68).

Por sua vez, Costa (1997: 27) apresenta um ponto de vista divergente, que não só reforça as fronteiras entre hábito e repetição como questiona a própria compreensão das estruturas cursivas habituais iterativas como de categoria aspectual:

[...] um fato verbal pode tornar-se habitual por iteração ou por continuidade. Se a habitualidade é consequência da continuidade – como em "ele cria gatos há três anos", por exemplo –, estamos diante de um fato no Número singular tratado como durativo e aí, portanto, a natureza aspectual do tratamento parece inequívoca. Se, contudo, um fato verbal torna-se habitual por iteração – como em "ele sai de casa às oito horas" –, estamos diante de um fato verbal no Número plural, ou seja, de fatos verbais idênticos que se distribuem no tempo, e aí já escapamos da constituição temporal interna. (*idem, ibidem*)

Para ela, porém, cabe uma ressalva e, então, sua perspectiva passa a se aproximar da de Gómez Torrego (1988: 139-147) e Ilari (2001: 66-68):

É claro que um estudo da categoria não restrita à sua expressão na frase, mas que a observe nos discursos, poderá deparar-se com conjuntos de fatos distribuídos na linha de tempo, externos uns aos outros quanto à constituição temporal interna, mas que para o falante possam representar, juntos, um só processo. Cada fato verbal então funcionaria como uma fase do processo como um todo e poderiam ser encarados como momentos constitutivos da temporalidade interna do processo. (COSTA 1997: 27)

Gómez Torrego (1988: 139-147) subdivide ainda mais os valores do aspecto cursivo e, além das ocorrências progressivas e habituais (ou iterativas-frequentativas) previstas por Neves (2000: 63), fala também nas cursivas-prolongativas (com limites mais amplos) (135a/136a), nas cursivas-não prolongativas (com limites mais estreitos) (135b/136b), nas cursivas-distributivas (135c/136c) e nas cursivas-inceptivas-progressivas⁶³ (135d/136d), entre outras:

- (135) a. Estuve estudiando ingeniería los últimos cinco años.
b. Ahora estoy estudiando y no puedo hablar contigo.
c. Mucha gente se está yendo del país.
d. Vámonos, que me estoy mareando.
- (136) a. Estive estudando engenharia nos últimos cinco anos.
b. Agora estou estudando e não posso falar com você.
c. Muita gente está indo embora do país.
d. Vamos embora, que eu estou ficando enjoado.

⁶³ Trata-se do aspecto durativo-incoativo-progressivo, de acordo com a terminologia empregada pelo autor (1988: 139-147).

C. Aspecto terminativo ou cessativo, que, como seu próprio nome antecipa, indica o término de um evento (NEVES 2000: 63-64):

- (137) a. Por fin dejé de fumar.
b. Terminé de hacer la comida.
c. Acabo de ver a tu compañero.
d. Acabó por contárnoslo todo.
e. Llegó a ser ministro.
- (138) a. Por fim deixei de fumar.
b. Terminei de fazer a comida.
c. Acabo de ver o seu companheiro.
d. Acabou por contar tudo para a gente.
e. Chegou a ser ministro.

A partir das análises de Gómez Torrego (1988: 121-122 e 125), se infere que o valor de consecução expresso por (137e) e (138e) deriva da concepção de haver sido atingido o ápice de um processo, ideia essa que, por sua vez, se insere na caracterização geral do aspecto terminativo ou cessativo em seu sentido amplo.

Neves (2000: 64), entretanto, não parece pensar da mesma forma, já que considera as sequências compostas por "chegar" (PB) [e *llegar* (E)] seguidos por um infinitivo como casos independentes dos chamados terminativos, atribuindo a eles, inclusive, a classificação de "verbos aspectuais de consecução" (*idem, ibidem*).

Ao mesmo tempo, os significados específicos que são apresentados pelas construções de (137c) e (138c), por um lado, e de (137d) e (138d), por outro, são, respectivamente, de final recente e imediato e, mais uma vez, de culminação de uma ação ou processo (GÓMEZ TORREGO 1988: 120-121 2 e 125).

D. Aspecto resultativo, que indica o resultado de um evento (NEVES 2000: 64):

(139) Después de mucha discusión, el problema está resuelto.

(140) Depois de muita discussão, o problema está resolvido.

Assim como a iminência, essa noção também se encontra à margem da estrutura interna do fato verbal e seguramente é por esse motivo que, ao contrário de Neves (*ibidem*), nem todos os linguistas a preveem entre os valores aspectuais (cf.: COSTA 1997).

E. Aspecto iterativo ou que indica a repetição de um evento (*idem*, *ibidem*). Ele pode ser subdividido em:

- Aspecto iterativo-frequentativo⁶⁴, que contém a ideia de frequência (acontecimentos que se repetem inúmeras vezes):

(141) Solemos venir aquí todos los días.

⁶⁴ De acordo com Gómez Torrego (1988: 116), alguns autores entendem essas ocorrências como "reiterativas", agrupando-as em separado das de aspecto iterativo. Neste trabalho, contudo, se segue, em geral, a classificação e a nomenclatura de Neves (2000) e, nas situações em que não é assim, há algum tipo de observação que chama a atenção para esse fator.

- (142) a. Costumamos vir aqui todos os dias.
b. Tenho ido a esse restaurante com muita constância.⁶⁵

Para certos estudiosos, o caráter aspectual iterativo-frequentativo deve ser associado ao cursivo habitual, já que, na verdade, estaria englobado por este (cf.: ILARI 2001: 66-68; GÓMEZ TORREGO 1988: 139-147).

- Aspecto iterativo-não frequentativo⁶⁶, que não contém a ideia de frequência (eventos que se reproduzem uma única vez):

(143) Después del embarazo, ha vuelto a fumar.

(144) Depois da gravidez, voltou a fumar.

Embora Neves (2000) compreenda a iteração como uma das noções aspectuais, Costa (1997: 24-25), que diferencia essa categoria gramatical da de Número verbal, faz a seguinte ressalva:

[...] levar em conta a constituição temporal interna de um fato significa que devemos nos ater apenas à fração de tempo compreendida entre o limite inicial e o limite final do que ele enuncia. Isso acarreta outra restrição que se coloca para a plena atualização da categoria [aspecto]: [...] o fato enunciado, se é um fato verbal, deve estar no Número singular. [Essa condição] implica automaticamente o afastamento do iterativo como um "tipo" aspectual. É essencial que isso seja observado, visto que a repetição não pode, a rigor, ser interpretada como pertinente a uma estrutura temporal interna.

⁶⁵ Como foi dito na seção 3.2.1. Os tempos perifrásticos: [*haber* + particípio] (E) / ["ter"/"haver" + particípio] (PB), a oração (142b) não encontra correspondência em E e tampouco mantém esses mesmos valores aspectuais quando seu verbo auxiliar é conjugado em outro tempo.

⁶⁶ De acordo com Gómez Torrego (1988: 116), alguns pesquisadores denominam esse caso como de "aspecto iterativo" apenas, empregando "aspecto reiterativo" para as ocorrências em que se observa a ideia de frequência.

Já foi explicado, no entanto, que, apesar de não se questionar a coerência da perspectiva defendida por esta última autora, a proposta deste segmento da dissertação não é avançar no debate teórico, mas sim descrever os valores acrescentados pelas formas conjugadas que introduzem determinadas sequências verbais. Desse modo, mais importante que concluir se a iteração corresponde ou não a um caso estrito de aspecto é definir os significados gramaticais que ela representa para a sentença.

É relevante considerar ainda que, no conjunto de ocorrências que acaba de ser discutido, se encontram, ao contrário do que acontece com as construções de voz e de tempo, não apenas perífrases, mas também casos fronteirícios, o que parece adequado à maior manutenção de traços lexicais observada em certas composições ditas aspectuais. Vejam-se alguns exemplos:

(145) a. Francisco está escuchando música.

b. Pedro anda durmiendo demasiado.

(146) a. Francisco está escutando música.

b. Pedro anda dormindo demais.

(147) a. Juan vive haciendo preguntas.

b. Juan se quedó caminando.

c. Juan se nos quedó mirando.

(148) O João vive fazendo perguntas.

Assim, enquanto em (145) e (146) se identificam auxiliares de fato, em (147) e (148), por sua vez, é preciso falar em semi-auxiliares.

Do ponto de vista da colocação pronominal, resta verificar se, articulados de maneira particular pelo fenômeno da gramaticalização, a configuração sintática e o perfil semântico próprios das estruturas aspectuais têm implicações para a colocação dos clíticos pronominais nessas combinações de verbos. É justamente isso o que se debate no próximo capítulo, a partir da apreciação de alguns casos concretos.

3.4. SEQUÊNCIAS COM VALOR DE MODALIDADE

São denominados "modais" os itens em gramaticalização que, em certas formas conjugadas, introduzem verbos plenos para constituir composições que exprimem as modalidades lógicas, isto é, as diversas maneiras de considerar o predicado da frase: contingente vs. necessário, provável vs. possível, etc. (Dubois *et al.* 1978: 414). O falante e seus interlocutores entendem o evento expresso pela oração como uma obrigação, uma permissão, uma consequência, o resultado de uma decisão, entre outros (*idem, ibidem*: 413).

No conjunto dessas ocorrências, são muito comuns as que, no PB, contam com expressões como “poder”, “dever” e “ter que/de” seguidas de infinitivos (*idem, ibidem*: 413), casos esses que também parecem bastante produtivos em E, com *poder, deber/deber de* e *ter que*, respectivamente.

De acordo com Neves (2000: 62), as principais situações em que determinados verbos se articulam com outros para modalizar enunciados indicam modalidade epistêmica (ligada ao conhecimento) ou deôntica (ligada ao dever). A autora (*idem, ibidem*) as organiza da seguinte maneira:

A. Necessidade epistêmica:

- (149) a. Una empresa debe tener beneficios.
b. ¡Tengo que salir de esta fiesta! ¡Está muy aburrida!

- (150) a. Uma empresa deve ter lucro.
 b. Tenho que/de sair desta festa! Ela está muito chata!

B. Possibilidade epistêmica:

- (151) a. Eso puede transformarse en un problema.
 b. Por lo que me dijo, puede ser que venga.⁶⁷
 c. Carlos ya debe (de) haber llegado.
 d. Como yo, también él debería (de) tener sólo 40 años.
- (152) a. Isso pode se transformar em um problema.
 b. Pelo que ele me disse, pode ser que venha.⁶⁸
 c. Carlos já deve ter chegado.
 d. Como eu, ele também deveria ter só 40 anos.

Note-se que, em (151c) e (152c), *deber*/"dever" introduzem perífrases temporais: [*haber* + participío] e ["ter" + participío].

⁶⁷ Quando seguido do infinitivo *ser* e do conector *que*, *poder* com valor de possibilidade epistêmica constrói uma sequência que equivale, toda ela, a advérbios ou locuções adverbiais de mesma modalidade (GÓMEZ TORREGO 1988: 93):

- (xiii) Puede ser que venga más tarde.
 Posiblemente viene más tarde.
 Tal vez venga más tarde.

Em E também é frequente a elipse de *ser* nesse tipo de estrutura, o que faz com que *poder* – nesse caso, sempre no presente do indicativo – se ligue diretamente à palavra *que* e articule, assim, a locução *puede que* (*idem, ibidem*):

- (xiv) Puede que venga más tarde.

⁶⁸ Ver a nota 67, cujo conteúdo também é válido para o PB, a não ser no que diz respeito à locução *puede que*:

- (xv) Pode ser que ele venha mais tarde.
 Possivelmente ele vem mais tarde.
 Talvez ele venha mais tarde.

Por outro lado, se observa, em todos os exemplos exceto (151a) e (152a), que a possibilidade epistêmica também é passível de apresentar o valor de conjectura.

C. Necessidade deôntica (obrigatoriedade):

- (153) a. Según la ley, tenemos que votar cada elección.
b. Para viajar debemos tener el pasaporte.

- (154) a. Segundo a lei, temos que/de votar a cada eleição.
b. Para viajar devemos ter o passaporte.

D. Possibilidade deôntica (permissão):

- (155) a. ¿Puedo pasar?
b. Si eres libre, puedes hacer lo que quieras.
c. No podemos aparcar aquí: está prohibido.

- (156) a. Posso entrar?
b. Se você é livre, pode fazer o que quiser.
c. Não podemos estacionar aqui: é proibido.

Neste caso, a linguagem coloquial permite a supressão de alguns infinitivos que normalmente se seguem a *poder*/"poder", sem prejuízo do sentido geral da sentença. Quando isso ocorre, o modal tem de vir precedido pela marca de impessoalidade se apenas em E (GÓMEZ TORREGO 1988: 96):

(157) – ¿Se puede (pasar, entrar)?

– Sí, sí. Adelante.

(158) – Posso (entrar)?

– Entra.

É importante esclarecer ainda que, por seu caráter de consentimento, todos esses verbos se distinguem dos que, ao manifestar possibilidade epistêmica, se relacionam mais propriamente com a ideia de potencialidade.

Por sua vez, nenhum dos dois grupos deve ser confundido com as ocorrências que indicam a chamada "modalidade habilitativa" ou, em outras palavras, que exprimem habilidade ou capacidade. Além dos diferentes sentidos que se observam, Neves (2000: 62) recorda que estas nem sempre constituem construções perifrásticas:

(159) a. ¿Podría huir?

(= conseguiría)

b. El tranvía puede andar muy rápido.

(= tiene condiciones de)

c. Sé defender mi opinión.

(160) a. Poderia fugir?

(= conseguiria)

b. O bonde pode andar muito rápido.

(= tem condições de)

c. Sei defender minha opinião.

Assim como os que iniciam composições que expressam necessidade e possibilidade epistêmica ou necessidade e possibilidade deôntica, também podem acrescentar valor de modalidade certos verbos de volição (*idem, ibidem*):

(161) Quiero vivir lejos de todos.

(162) Quero viver longe de todos.

No entanto, esses termos não estão no mesmo nível de gramaticalização que os anteriores, pois, se se examinam os parâmetros que caracterizam cada um dos estágios desse tipo de mudança (capítulo 1) e as restrições sintáticas que permitem separar as distintas combinações verbais que deles derivam (capítulo 2), os resultados obtidos não são equivalentes. Nessa mesma direção, é válido destacar que, quanto ao princípio da abstratização e ao mecanismo da alteração semântica, não se nota um significativo esvaziamento do conteúdo lexical de *querer*/"querer" nos contextos em questão, para dar lugar a traços de natureza mais gramatical.

Conclui-se, portanto, que, diferentemente das sequências de voz passiva, de tempos perfectivos compostos e de futuro do E e do PB, as que indicam modalidade estão, como as de aspecto, sujeitas a configurar não só perífrases, mas também casos fronteirios, estruturas introduzidas, respectivamente, por auxiliares e quase-auxiliares. Tal variação é discutida em torno de exemplos concretos na próxima seção deste trabalho e as considerações acerca da classificação dessas ocorrências são confrontadas com as possibilidades de alçamento e posicionamento dos clíticos pronominais que configuram seus argumentos.

CAPÍTULO 4

AS SEQUÊNCIAS VERBAIS: ANÁLISE DE EXEMPLOS

Na primeira parte deste trabalho, a gramaticalização – um gênero particular de mudança linguística na qual um termo de natureza mais lexical passa a desempenhar papéis de ordem cada vez mais abstrata – foi definida e caracterizada, inicialmente de maneira geral e, então, no caso específico de verbos.

Fundamentadas nesse quadro teórico, foram identificadas, nos dois segmentos seguintes, propriedades sintáticas e semânticas de distintos tipos de sequência verbal do E e do PB, escolhidos em conformidade com sua relevância para o objetivo final da pesquisa, isto é, para a questão da colocação dos clíticos pronominais em tais sistemas.

Procurou-se mostrar, para tanto, traços que permitem diferenciar estruturas não gramaticalizadas de outras em que as formas finitas constituem auxiliares ou quase-auxiliares, itens que introduzem, respectivamente, perífrases e combinações fronteiriças. Quanto a esses últimos elementos, foram descritas ainda as categorias gramaticais que, de acordo com o princípio da abstratização, sua presença deve acrescentar a toda a expressão de que fazem parte: voz, tempo, aspecto e modalidade.

Agora, neste capítulo, analisamos algumas modalidades representativas de composições verbais a partir do que foi levantado nos três momentos anteriores, de modo a articulá-los em torno de novos exemplos concretos. Além disso, as conclusões relativas ao perfil de cada uma dessas sequências são confrontadas com as reais possibilidades que, ao que tudo indica, os clíticos selecionados pelo elemento não pessoal têm de se alçar para junto da unidade conjugada.

Para levar a cabo uma problematização abrangente, os casos selecionados contam com verbos que fazem parte de: (1) perífrases e expressões fronteiriças, estruturas que, embora apresentem um nível de gramaticalização mais elevado, não são simétricas nesse sentido e, portanto, se distinguem sintática e semanticamente; (2) diferentes construções nas quais, no conjunto, os auxiliares ou quase-auxiliares aportam os quatro valores discutidos no capítulo 3; e (3) combinações que apresentam, em seu total, as três formas infinitas existentes: infinitivo, particípio e gerúndio.

Desse modo, as ocorrências examinadas são:

- A sequência [*ser* + particípio] (E) / ["*ser*" + particípio] (PB), formadora de perífrases de voz passiva.
- A sequência [*haber* + particípio] (E) / ["*ter*"/"*haver*" + particípio] (PB), formadora de perífrases cujos valores principais são tempo passado e aspecto perfectivo⁶⁹.
- A sequência [*ir* + *a* + infinitivo] (E) / ["*ir*" + infinitivo] (PB), formadora de perífrases temporais de futuro.
- A sequência [*estar* + gerúndio] (E) / ["*estar*" + gerúndio] (PB), formadora de perífrases que exprimem aspecto cursivo.
- A sequência [*tener* + *que* + particípio] (E) / ["*ter*" + "*que*"/"*de*" + particípio] (PB), formadora de perífrases de modalidade que manifestam necessidade epistêmica ou deôntica.

⁶⁹ Como a grande maioria das atuais composições com ["*ter*"/"*haver*" (presente) + particípio] (PB) não apresenta valor temporal passado e aspectual perfectivo, foram escolhidos, para contrastar as sequências perífrásticas do E e do PB que contam com esse perfil, exemplos em que o verbo auxiliar está no pretérito imperfeito e, portanto, toda a expressão se encontra no pretérito mais-que-perfeito ou *pretérito pluscuamperfecto*. Para mais detalhes, ver as seções 4.2. A perífrase de tempo [*haber* + particípio] (E) / ["*ter*"/"*haver*" + particípio] (PB) ou ainda, no capítulo anterior, 3.2. Sequências com valor de tempo.

- A sequência [*querer* + infinitivo] (E) / ["querer" + infinitivo], formadora de casos fronteiricos que expressam volição.

No que se refere às possibilidades de posicionamento dos pronomes átonos, são diferenciados, nesta oportunidade, os casos mais produtivos para o PB – "me", "te", "lhe(s)" e "nos" – e os clíticos acusativos de terceira pessoa – "o(s)"/"a(s)" –, que, segundo Nunes (1993: 207), "não fazem parte do vernáculo (no sentido de LABOV, 1972)". Foram desconsiderados, por sua vez, "vós" e as formas que lhe correspondem, já que "praticamente desapareceram da linguagem corrente do Brasil" (CUNHA & CINTRA 2001: 285).

Para manter a simetria nas apreciações, essa escolha se estende também ao E, idioma no qual ela não parece ter maiores consequências. Trata-se, contudo, de uma opção que pode ser revista mais adiante, dependendo dos resultados a que se chegue neste capítulo.

De acordo com Bybee (2003: 602-603), vale lembrar, finalmente, que, mais preciso que dizer que a gramaticalização se dá acerca de um determinado termo da língua, é afirmar que ela ocorre com respeito a uma construção específica que contém esse elemento, o que acarreta que, na análise dos exemplos aqui aludidos, estes sejam verificados no contexto em que se encontram, isto é, na estrutura verbal de que são membros.

Sabe-se, entretanto, que, comparando-se a frequência dessas unidades em determinada situação com suas demais ocorrências (lexicais ou também gramaticais, ainda que de outro modo), podem ser descobertos dados importantes e passíveis, inclusive, de contribuir para a definição do grau de gramaticalidade do item naquele primeiro escopo.

É por tudo isso que, conscientes de que estudos de gramaticalização mais conclusivos "[...] devem ser feitos observando os fatos no seu contexto textual-discursivo" (TRAVAGLIA 2002: 4), nesta dissertação não se pretende propor inovações sobre a etapa de evolução de cada expressão avaliada, mas sim, com base nos parâmetros teóricos e nas investigações prévias encontradas, expor tal estágio para, então, debater sua relação com a colocação pronominal nessas sequências.

4.1. A PERÍFRASE DE VOZ [SER + PARTICÍPIO] (E) / ["SER" + PARTICÍPIO] (PB)

Independentemente de divergências na produtividade dessa estrutura em cada um dos sistemas analisados, tanto em E como no PB a voz passiva pode ser expressa pelos auxiliares *ser*/"*ser*" associados ao particípio de um verbo principal:

(163) Los presidentes fueron entrevistados por la prensa argentina.

(164) Os presidentes foram entrevistados pela imprensa argentina.

Nesse contexto, os itens em gramaticalização parecem corresponder ao estágio IV da escala, pois:

- Contam com um conteúdo predominantemente gramatical, indicando as categorias de modo, tempo, pessoa, número e voz da construção;
- Têm, obrigatoriamente, o mesmo sujeito que a forma não pessoal e esse pode ser de natureza não humana;
- Não apresentam, como complemento, nem orações desenvolvidas com conectivo e formas verbais finitas, nem sintagmas cujo núcleo é um substantivo, nem orações reduzidas de qualquer tipo; e

- Associam-se a apenas uma forma nominal, o particípio, com a qual constituem uma unidade semântica e sintática fortemente estabelecida.

Nessas composições, no entanto, não se observa a eliminação da concordância de gênero e número do verbo responsável pela predicação (princípio da condensação), diferentemente do que ocorre com os tempos compostos discutidos mais adiante, na seção 4.2. A perífrase de tempo [*haber* + particípio] (E) / ["ter"/"haver" + particípio] (PB).

Do ponto de vista sintático, é possível afirmar que as expressões de voz passiva configuram perífrases de fato, pois são respeitadas ambas as condições válidas para esse tipo de estrutura:

- A. O suposto termo auxiliado não pode ser comutável por um sintagma adjetivo ou um sintagma adverbial (GÓMEZ TORREGO 1988):

(165) El problema fue resuelto por el portero.
 *El problema fue bonito por el portero.
 *El problema fue así por el portero.
 (perífrase)

(166) O problema foi resolvido pelo porteiro.
 *O problema foi bonito pelo porteiro.
 *O problema foi assim pelo porteiro.

- B. O particípio não pode ser substituído pelos pronomes interrogativos *cómo* (para o E) ou "como" (para o PB) quando a asserção é transformada em pergunta (*idem, ibidem*):

- (167) El criminal fue arrestado.
 #- ¿Cómo fue el criminal? / – Arrestado.
 (perífrase)
- (168) O criminoso foi preso.
 #- Como foi o criminoso? / – Preso.
 (perífrase)

Coerentemente com esses testes, tanto em E como no PB a subida do clítico se mostra produtiva, o que é mesmo possível esperar no caso de uma perífrase de fato. Deve-se notar que as restrições para a ênclise a formas finitas e para qualquer vinculação do pronome a participios concorrem para os juízos de gramaticalidade das sentenças da língua espanhola:

- (169) a. *Como fue {me/te/le(s)/nos} dicho en privado, ...
 b. *Como fue dicho{me/te/le(s)/nos} en privado, ...
 c. Como {me/te/le(s)/nos} fue dicho en privado, ...
 d. *Como fue{me/te/le(s)/nos} dicho en privado, ...⁷⁰
- (170) a. Como foi {me/te/lhe(s)/nos} dito em particular, ...
 b. ??Como foi dito-{me/te/lhe(s)/nos} em particular, ...
 c. Como {me/te/lhe(s)/nos} foi dito em particular, ...
 d. Como foi-{me/te/lhe(s)/nos} dito em particular, ...⁷¹

⁷⁰ Em orações como as de (169d), a ausência de espaço entre o verbo e o clítico indica que ambos são escritos em uma só palavra (**fueme*, por exemplo), como de fato costuma ocorrer nos casos de ênclise em E. Em certos contextos, essa particularidade tem consequências, inclusive, para efeitos de acentuação gráfica: *entregamelo*. Na oralidade, por outro lado, (169a) e (169d) se distinguem pela prosódia e tal observação é válida tanto para essas como para as outras ocorrências análogas que são apresentadas ao longo deste capítulo.

⁷¹ Sentenças como as de (170a) e (170d) podem ser diferenciadas, na oralidade, pela prosódia e, na escrita, pelo emprego ou não de hífen. Esse comentário se aplica tanto a essas como às demais ocorrências semelhantes mostradas neste capítulo.

Acerca de tais exemplos, é preciso dizer, finalmente, que, apesar da aparente tendência de que na atualidade predomine a próclise ao auxiliar em construções como essas do PB⁷² (170c), talvez sejam necessárias novas pesquisas com *corpora* para aferir o quanto podem ser frequentes ocorrências como as de (170a), de (170d) e ainda, se existirem, de (170b).

Quanto aos clíticos acusativos de terceira pessoa, não é possível verificá-los nessas sequências, pois a própria natureza da construção de voz passiva é incompatível com esses pronomes.

4.2. A PERÍFRASE DE TEMPO [HABER + PARTICÍPIO] (E) / ["TER"/"HAVER" + PARTICÍPIO] (PB)

Como explica Castilho (2003: 37-39), tanto *haber*/"haver" como *tener*/"ter" advêm de radicais latinos, especificamente *habere* (= possuir, guardar) e *tenere* (= ter em mãos, segurar). É ainda esse autor (*ibidem*) que esclarece como, a partir desses conteúdos lexicais de origem, tais verbos ocasionam as formas auxiliares contemporâneas que fazem parte de estruturas perifrásticas de particípio.

Em um primeiro momento, eles compartilham certos traços semânticos e selecionam sujeito e complemento e, assim, sua ocorrência nas perífrases deriva de orações nas quais contam com um objeto direto e um predicativo desse último:

- (171) a. Habeo litteras scriptas.
b. Teneo litteras scriptas.

⁷² Para mais detalhes, ver o capítulo 5 – A colocação dos clíticos pronominais.

Não obstante, *habere*, cujo significado é mais amplo que o de *tenere*, pode ser substituído por este em determinados contextos e, ao se estender seu uso durante o período clássico, ambos os termos vão sendo selecionados com preponderância maior de um ou outro ao longo do território romano.

Dessa maneira, na transformação do latim vulgar em línguas romances, esse tipo de oração em que um predicativo concorda com o objeto direto, se transfere para o espanhol e o português arcaicos, nos quais são frequentes construções que, adaptadas à linguagem atual, poderiam ser como estes exemplos:

(172) Tengo las cartas escritas. / Tengo escritas las cartas.

(173) Tenho as cartas escritas. / Tenho escritas as cartas.

Com o passar do tempo, desse tipo de oração com predicativo surgem, por meio do mecanismo de reanálise do processo de gramaticalização, os tempos compostos perfectivos desses idiomas:

(174) He escrito las cartas.

(175) a. Tenho escrito as cartas. (= Escrevi as cartas.)

b. Tenho dito. (= Disse.)

Na atualidade, porém, o sentido da grande maioria dos casos de ["ter" (presente) + particípio] (PB) não apresenta propriamente um valor temporal passado e aspectual perfectivo, enquanto, com respeito à perífrase ["ter" (pretérito imperfeito) + particípio], é exatamente esse o sentido que se observa, não, é claro, constituindo um pretérito perfeito composto, mas sim um pretérito mais-que-perfeito. E, devido a esse fato, é exatamente nessa última forma que aqui vai se comparar esse tipo de perífrase de particípio no E e no PB:

(176) Había escrito las cartas.

(177) Tinha/Havia escrito as cartas.

Nesse contexto, os itens *haber*/"*haver*" e "*ter*" parecem corresponder ao estágio IV na escala de gramaticalização de verbos, pois, além dos principais parâmetros para o nível III:

- Perda de seu valor lexical original (existência ou posse) para expressar as funções gramaticais de modo/tempo, pessoa/número e, ainda, aspecto;
- Admissão de sujeitos de natureza não humana; e
- Obrigatoriedade de coincidência de sujeitos com a forma não pessoal.

Apresentam, ainda, as características da fase seguinte:

- Não têm, como complemento, nem orações desenvolvidas com conectivo e formas verbais finitas (grau III), nem sintagmas cujo núcleo é um substantivo, nem mesmo orações reduzidas de qualquer tipo; e
- Associam-se, assim, a apenas uma forma nominal, o particípio, com a qual constituem uma unidade semântica e morfossintática fortemente estabelecida.

Por fim, essas unidades contam com alguns traços que, dentro ainda do estágio IV, permitem situá-las em um ponto avançado de gramaticalização nesse intervalo:

- Eliminação da concordância de gênero e número do verbo principal (princípio da condensação); e
- Redução, em E, dos elementos que podem desempenhar o papel de verbo auxiliar na construção, embora também no PB seja cada vez mais obrigatória a seleção de apenas uma das formas, no caso "ter" (princípio da especialização).

(178) a. La luz se había apagado.

(179) A luz tinha/havia apagado.

Ao que tudo indica, portanto, se trata de termos que, nesse contexto, se encontram em um ponto avançado da fase IV de gramaticalização, com uma evolução um pouco maior, talvez, no caso de *haber* (E).

Em conformidade com essa análise, os dois parâmetros sintáticos necessários para que se afirme que determinada sequência verbal constitui uma verdadeira perífrase são confirmados com [*haber* + particípio] (E) e ["ter"/"haver" + particípio]:

A. O suposto verbo auxiliado não pode ser comutável por um sintagma adjetivo ou um sintagma adverbial (GÓMEZ TORREGO 1988):

- (180) La policía había vigilado la casa.
 *La policía había bonito/a la casa.
 *La policía había así la casa.
 (perífrase)

- (181) A polícia tinha/havia vigiado a casa.
 *A polícia tinha/havia bonito/a a casa.
 *A polícia tinha/havia assim a casa.
 (perífrase)

B. A forma não pessoal não pode ser substituída pelos pronomes interrogativos *cómo* (para o E) ou "como" (para o PB) quando a asserção é transformada em pergunta (*idem, ibidem*):

- (182) Estaba cansado, porque había corrido mucho.
 *– ¿Cómo había? / – Corrido mucho.
 (perífrase)

- (183) Estava cansado, porque tinha/havia corrido muito.
 * – Como [ele] tinha? / – Corrido muito.
 (perífrase)

Contudo, os exemplos a seguir parecem indicar que, apesar da classificação análoga de tais estruturas, não são igualmente próximas as possibilidades de colocação dos pronomes *me/"me"*, *te/"te"*, *le(s)/"lhe(s)"*, *nos/"nos"* nas sequências perifrásticas com [*haber* + participio] (E) e ["*ter*"/"*haver*" + participio] (PB). Por sua parte, há uma maior coincidência quanto a *lo(s)/"o(s)"* e *la(s)/"a(s)"*:

- (184) a. *No había {me/te/le(s)/nos} dado nada.
 b. *No había dádo{me/te/le(s)/nos} nada.
 c. No {me/te/le(s)/nos} había dado nada.
 d. *No había{me/te/le(s)/nos} dado nada.

- (185) a. Não tinha/havia {me/te/lhe(s)/nos} dado nada.
 b. ??Não tinha/havia dado-{me/te/lhe(s)/nos} nada.
 c. ??Não {me/te/lhe(s)/nos} tinha/havia dado nada.
 d. ??Não tinha/havia-{me/te/lhe(s)/nos} dado nada.
- (186) a. *No había se {lo(s)/la(s)} dado a nadie
 b. *No había dádose{lo(s)/la(s)} a nadie.
 c. No se {lo(s)/la(s)} había dado a nadie.
 d. *No habíase{lo(s)/la(s)} dado a nadie.
- (187) a. ??Não tinha/havia {o(s)/a(s)} dado a ninguém.
 b. ??Não tinha/havia dado-{o(s)/a(s)} a ninguém.
 c. Não {o(s)/a(s)} tinha/havia dado a ninguém.
 d. ??Não tinha/havia-{o(s)/a(s)} dado a ninguém.⁷³

Isso faz com que se conclua que níveis de gramaticalização semelhantes nem sempre têm as mesmas implicações para a subida do clítico em E e no PB e que é preciso considerar ainda outros critérios para, em um momento inicial, descrever e, posteriormente, explicar o comportamento dessas formas pronominais nas diferentes combinações de verbos encontradas nesses sistemas linguísticos. Ainda que sem a pretensão de esgotá-lo, no próximo capítulo procuramos cumprir aquele primeiro objetivo.

Por outro lado, as sentenças de (184) a (187) permitem constatar também que, enquanto em E há uma simetria, no PB se dão divergências entre a colocação dos pronomes átonos acusativos de terceira pessoa e a dos demais. Tal quadro reforça, uma vez mais, a ideia de que novos elementos que não só a gramaticalização intervêm na questão.

⁷³ Acerca tanto das sentenças de (187) como das de (185), vale lembrar que os questionamentos sobre sua gramaticalidade se referem ao PB e que no PE podem se dar outros juízos.

4.3. A PERÍFRASE DE TEMPO [IR + A + INFINITIVO] (E) / ["IR" + INFINITIVO] (PB)

Ao derivar, no conjunto de suas formas, de três radicais latinos distintos – *ire*, *vadere*, *essere* –, os verbos *ir*/"ir" contam com uma etimologia complexa que, nos dias atuais, dá lugar a diferentes significados mais ou menos relacionados à indicação de entidades do mundo biopsicofisicossocial.

Como auxiliares de perífrases temporais de futuro do E e do PB, eles parecem estar no estágio IV de gramaticalização (cf.: TRAVAGLIA 2002: 20), já que, além de ter perdido seu valor lexical original (deslocamento progressivo no espaço) para expressar as funções gramaticais de modo/tempo e pessoa/número, de admitir sujeito de natureza não humana e de poder se associar, coloquialmente para o PB e normativamente para o E, com um verbo cognato (parâmetros para o nível III), esses itens:

- Não apresentam, como complemento, nem orações desenvolvidas com conectivo e formas verbais finitas nem sintagmas cujo núcleo seja um nome⁷⁴; e
- Ligam-se a apenas uma única ocorrência nominal, o infinitivo.

(188) La mesa va a quedarse aquí.

(189) A mesa vai ficar aqui.

⁷⁴ Note-se que as ocorrências de "ir" que admitem complementos na forma de orações ou sintagmas nominais não são as mesmas que estamos submetendo a análise, pois, em vez de apenas indicar o sentido mais gramatical de modo/tempo e pessoa/número, aquelas referem o valor mais lexical de movimento (princípio da estratificação).

Nesse sentido, cabe observar que, embora em E sua combinação com formas cognatas seja já normativa e no PB ainda não, esse dado, que se refere mais à interpretação "oficial" dos fatos da língua que a seu funcionamento propriamente dito, não constitui argumento para afirmar que, naquele idioma, o verbo *ir* da composição de futuro esteja muito mais gramaticalizado que neste.

De outra perspectiva, também parece válido destacar que, apesar de se saber que as preposições encontradas em sequências perifrásticas são pouco significativas como elemento interposto entre seus constituintes verbais, o conectivo que se apresenta em E (a), mas não no PB, pode fazer pensar em uma pressão menos forte unindo os verbos da primeira língua e não o contrário, o que se contrapõe à questão de em E ser aparentemente mais fácil a subida do clítico, como se verifica mais adiante, nos exemplos (198) a (201) e também em toda a discussão do capítulo 5.

Independentemente dessas divergências quanto às possibilidades de colocação pronominal, entretanto, o que foi exposto faz com que não se encontrem motivos para acreditar que em E e no PB haja uma distância considerável no grau de gramaticalização de *ir*/"ir" da estrutura temporal de futuro, que parece, como já foi dito, ser de nível IV, ainda que em uma escala inferior que a de [*haber* + participio] e ["*ter*"/"haver" + participio].

Em todo caso, não é excessivo confrontar esse ponto de vista com as restrições sintáticas válidas para as perífrases de infinitivo, que, para que de fato sejam entendidas como tal, devem respeitar os seguintes limites:

- A. O termo auxiliado não pode ser comutável por um sintagma nominal, um pronome ou uma oração substantiva introduzida pelas conjunções *que*/"que" (GÓMEZ TORREGO 1988):

(190) Voy a vivir aquí.

*Voy [a] eso.

(perífrase)

(191) Vou viver aqui.

*Vou isso.

(perífrase)

B. A forma não pessoal tampouco pode ser constituinte do sujeito da voz passiva correspondente à oração ativa que contém a suposta perífrase (*idem, ibidem*)⁷⁵:

(192) ¿Vas a hacer algo?

*¿Hacer algo es ido [por ti]?

(perífrase)

(193) Você vai fazer algo?

*Fazer algo é ido por você?

(perífrase)

C. O verbo principal não pode ser substituído por um pronome interrogativo quando a asserção é transformada em pergunta (PORTO DAPENA 1987: 30-31; GÓMEZ TORREGO 1988):

⁷⁵ Quanto a essa ocorrência particular, vale lembrar que, como não são transitivos (ou transitivos diretos, de acordo com a classificação mais tradicional empregada no Brasil), *ir* (E) e "ir" (PB), mesmo quando não são membros de perífrases de futuro, não selecionam objeto direto, o que impossibilita que seus possíveis complementos façam parte do sujeito da voz passiva que corresponde às orações ativas em que eles são verbos plenos:

(xvi) ¿Vas a la fiesta?

*¿A la fiesta es ido [por ti]?

(não perífrase: *ir* não é verbo transitivo e seu complemento é um Locativo introduzido por preposição)

(xvii) Você vai à festa?

*À festa é ido por você?

(não perífrase: "ir" não é verbo transitivo direto e seu complemento é um Locativo introduzido por preposição)

(194) Voy a pasar por la oficina.
*– ¿Qué vas? / – [A] Pasar por la oficina.
(perífrase)

(195) Vou passar no escritório.
*– O que você vai? / – Passar no escritório.
(perífrase)

D. Não é possível que a forma não pessoal conte com um sujeito diferente do da que a precede (PORTO DAPENA 1987: 30):

(196) Voy a trabajar aquí.
*Voy a que trabajes aquí.
(perífrase)

(197) Eu you trabalhar aqui.
*Eu vou que você trabalhe aqui.
(perífrase)

Não obstante, o fato de estar confirmado que em ambos os sistemas linguísticos se trata realmente de perífrases não parece acarretar que neles o posicionamento do clítico argumental de objeto seja coincidente. É o que mostram os seguintes exemplos:

- (198) a. *Al parecer, no van a {me/te/le(s)/nos} decir nada hoy.
b. Al parecer, no van a decir{me/te/le(s)/nos} nada hoy.
c. Al parecer, no {me/te/le(s)/nos} van a decir nada hoy.
d. *Al parecer, no van{me/te/le(s)/nos} a decir nada hoy.

- (199) a. Ao que parece, não vão {me/te/lhe(s)/nos} dizer nada hoje.
 b. ?Ao que parece, não vão dizer-{me/te/lhe(s)/nos} nada hoje
 c. ??Ao que parece, não {me/te/lhe(s)/nos} vão dizer nada hoje.⁷⁶
 d. ??Ao que parece, não vão-{me/te/lhe(s)/nos} dizer nada hoje.
- (200) a. *Al parecer, no van a {lo(s)/la(s)} decir hoy.
 b. Al parecer, no van a decir{lo(s)/la(s)} hoy.
 c. Al parecer, no {lo(s)/la(s)} van a decir hoy.
 d. *Al parecer, no van{lo(s)/la(s)} a decir hoy.
- (201) a. ??Ao que parece, não vão {o(s)/a(s)} dizer hoje.
 b. Ao que parece, não vão dizê-{lo(s)/la(s)} hoje.
 c. ??Ao que parece, não {o(s)/a(s)} vão dizer hoje.
 d. ??Ao que parece, não vão-{o(s)/a(s)} dizer hoje.

Essas sentenças fazem com que se pense, uma vez mais, que níveis de gramaticalização próximos não têm, obrigatoriamente, as mesmas consequências para o posicionamento do clítico em E e no PB e que, no caso deste último, são necessárias novas investigações com *corpora* para, além de corroborar a tendência atual do sistema⁷⁷ (199a/201b), verificar a

⁷⁶ Note-se que a gramaticalidade de (199c) só é duvidosa porque se trata de clíticos argumentais e que, no caso de os dativos serem de interesse e não de objeto indireto, esse posicionamento não só parece válido, como provavelmente é até o mais indicado:

- (xviii) Com um clítico argumental (objeto indireto):
 a. Você não vai me dar nenhum presente? Hoje é o meu aniversário.
 b. ?Você não vai dar-me nenhum presente? Hoje é o meu aniversário.
 c. ??Você não me vai dar nenhum presente? Hoje é o meu aniversário.
- (xix) Com um clítico não argumental (dativo de interesse):
 a. Não vai me falar desse assunto para ninguém, ok?
 b. ??Não vai falar-me desse assunto para ninguém, ok?
 Porém:
 c. Não me vai falar desse assunto para ninguém, ok?

Para mais detalhes, ver a seção 5.3.1.2.1. Perífrases verbais e sequências verbais não perifrásticas.

⁷⁷ Para mais detalhes, ver o capítulo 5 – A colocação dos clíticos pronominais.

gramaticalidade e a produtividade de ocorrências como as de (199b), (199c), (199d), (201a), (201c) e (201d).

Por outro lado, os juízos apresentados sobre os exemplos de (198) a (201) conduzem à hipótese de que, além de haver divergências quanto à colocação do pronome átono nos sistemas estudados, também ocorre uma maior estabilidade da língua espanhola no que diz respeito ao tópico em questão, já que nesse idioma não se produzem dúvidas acerca das posições do clítico, que são claras, enquanto no Brasil, embora a próclise ao verbo principal seja inequívoca, não parece se dar a mesma regularidade, podendo intervir, inclusive, condicionantes sociais que estimulem a variação.

Para comprovar ou não essa suposição, são necessários estudos com *corpora* representativos, tanto de gramaticalidade como de uso efetivo.

4.4. A PERÍFRASE DE ASPECTO [ESTAR + GERÚNDIO] (E) / ["ESTAR" + GERÚNDIO] (PB)

Originadas do latim *stare* (= "estar em pé ou em posição vertical"), as ocorrências desses verbos presentes nas perífrases de aspecto durativo do E e do PB parecem se situar, ao que tudo indica, em um mesmo estágio de gramaticalização. Vejamos, contudo, cada um desses sistemas linguísticos separadamente.

Em E, se trata de um item do nível IV, pois, no contexto em questão, ele:

- Guarda ainda menos traços lexicais que sua forma concorrente que atua como verbo de ligação – em E, *verbo copulativo* – de orações atributivas, limitando-se a expressar sentidos quase exclusivamente gramaticais: modo/tempo, pessoa/número e aspecto;

- Não conta com restrições semânticas para a seleção de seus argumentos, sejam eles complementos seja o sujeito;
- Não tem complementos na forma de sintagmas nominais, de orações desenvolvidas com conectivo ou de orações reduzidas; e
- Associa-se a apenas uma única forma nominal, o gerúndio.

(202) María está escribiendo.

Por sua vez, o caso análogo do PB conta com todas essas características e já parece apresentar erosão e fusão fonológicas, ao se associar mais estreitamente – talvez não mais por justaposição – com o gerúndio a sua direita (princípio da coalescência):

(203) Maria "tá" escrevendo.

Porém, já foi mencionado que sua erosão pode ser justificada por características gerais do sistema, visto que não se limita às sequências verbais:

(204) – Ele já "tá" bem?
 – "Tá".

Dessa maneira, se se confirma a relevância de tal mudança fonético-fonológica, é possível afirmar que o auxiliar "estar" da expressão aspectual do PB se encontra no estágio V de gramaticalização (cf.: TRAVAGLIA 2002), mas, no caso de ela não se sustentar, ele deve ser classificado como também de nível IV.

De uma perspectiva sintática, se sabe que, para que uma construção verbal constitua de fato uma perífrase de gerúndio, devem ser respeitadas as mesmas restrições que no caso do particípio. Assim:

- A. O termo que se supõe auxiliado não pode ser comutável por um sintagma adjetivo ou um sintagma adverbial (GÓMEZ TORREGO 1988):

(205) Estoy leyendo este libro.

*Estoy bonito este libro.

*Estoy así este libro.

(perífrase)

(206) Estou lendo este livro.

*Estou bonito este livro.

*Estou assim este livro.

(perífrase)

- B. O gerúndio não pode ser substituído pelos pronomes interrogativos *cómo* (para o E) ou "como" (para o PB) quando a asserção passa a ser uma pergunta (*idem, ibidem*):

(207) Estoy trabajando mucho.

– ¿Cómo estoy? / – Trabajando mucho.

(perífrase)

(208) Estou trabalhando muito.

– Como estou? / – Trabalhando muito.

(perífrase)

Com esses últimos testes, não há dúvidas de que, tanto em E como no PB, [*estar*/"*estar*" + gerúndio] constituem perífrases de fato, nesse caso de valor aspectual cursivo.

Essa caracterização, no entanto, não parece corresponder à assimetria verificada entre ambos no que diz respeito à colocação dos clíticos que desempenham a função de complementos selecionados pelo verbo predicador:

- (209) a. *Siempre están {me/te/le(s)/nos} pidiendo favores.
b. Siempre están pidiendo{me/te/le(s)/nos} favores.
c. Siempre {me/te/le(s)/nos} están pidiendo favores.
d. *Siempre estan{me/te/le(s)/nos} pidiendo favores.
- (210) a. Sempre estão {me/te/lhe(s)/nos} pedindo favores.
b. ?Sempre estão pedindo-{me/te/lhe(s)/nos} favores.
c. ??Sempre {me/te/lhe(s)/nos} estão pedindo favores.
d. ??Sempre estão-{me/te/lhe(s)/nos} pedindo favores.
- (211) a. *Siempre están {lo(s)/la(s)} pidiendo.
b. Siempre están pidiendo{lo(s)/la(s)}.
c. Siempre {lo(s)/la(s)} están pidiendo.
d. *Siempre estan{lo(s)/la(s)} pidiendo.
- (212) a. ??Sempre estão {o(s)/a(s)} pedindo.
b. ?Sempre estão pedindo-{o(s)/a(s)}.
c. Sempre {o(s)/a(s)} estão pedindo.
d. ??Sempre estão-{o(s)/a(s)} pedindo.

Esses exemplos confirmam, outra vez, que, ao se comparar idiomas diferentes, estruturas com níveis de gramaticalização semelhantes e caracterizações sintáticas e semânticas análogas não têm de oferecer, necessariamente, as mesmas oportunidades para que o clítico argumental selecionado pela forma infinita se posicione junto ao item conjugado. Ao que tudo indica, tais possibilidades se mostram mais frequentes em E e, exceto com "o(s)"/"a(s)", menos comuns no PB. Neste último, a composição de voz passiva também parece constituir uma exceção.

Tais considerações demandam estudos que envolvam novos elementos além da classificação das diferentes sequências verbais existentes nos dois sistemas linguísticos e é o que se procura fazer no capítulo 5 desta dissertação.

Além disso, futuras pesquisas com *corpora* podem oferecer respostas quanto às impressões dos falantes acerca da gramaticalidade de casos como (210b), (210c), (210d), (212a), (212b) e (212d).

4.5. A PERÍFRASE DE MODALIDADE [TENER + QUE + INFINITIVO] (E) / ["TER" + "QUE"/"DE" + INFINITIVO] (PB)

Em construções modais que expressam necessidade epistêmica ou deôntica, os verbos *tener*/"ter" parecem corresponder ao estágio IV (cf.: TRAVAGLIA 2002: 20) na escala de gramaticalização, pois:

- Perderam seu valor lexical original (posse) para expressar as funções gramaticais de modo/tempo, pessoa/número e também modalidade;
- Aditem sujeitos de natureza não humana e estes devem ser os mesmos da forma não pessoal;

- Não têm, como complemento, nem orações desenvolvidas com conectivo e formas verbais finitas, nem sintagmas cujo núcleo é um substantivo, nem orações reduzidas de qualquer tipo; e
- Associam-se a apenas uma ocorrência nominal, o infinitivo, com a qual constituem uma unidade semântica e sintática.

(213) El ordenador tiene que funcionar.

(214) O computador tem que/de funcionar.

Em tal contexto, eles fazem parte, portanto, de perífrases, como se demonstra pelo fato de respeitarem as seguintes condições:

- A. O auxiliar não é comutável por um sintagma nominal, um pronome ou uma oração substantiva introduzida pelas conjunções *que*/"que" (GÓMEZ TORREGO 1988):

(215) Ahora tengo que estudiar.

*Tengo [que] eso.

(perífrase)

(216) Agora eu tenho que/de estudar.

*Tenho [que] isso/[d]isso.

(perífrase)

- B. A forma não pessoal não pode fazer parte do sujeito da voz passiva correspondente à oração ativa que contém a perífrase (*idem, ibidem*):

(217) ¿Tienes que hacer algo ahora?

*¿Hacer algo ahora es tenido [por ti]?

(perífrase)

- (218) Você tem que/de fazer algo agora?
*Fazer algo agora é tido [por você]?
(perífrase)

No entanto, o objeto direto selecionado pelo verbo auxiliado sim desempenha essa função:

- (219) Tienes que resolver ese problema.
Ese problema tiene que ser resuelto [por ti].
(perífrase)

- (220) Você tem que/de resolver esse problema.
Esse problema tem que/de ser resolvido [por você].
(perífrase)

C. O verbo principal não pode ser substituído por um pronome interrogativo quando a asserção é transformada em pergunta (PORTO DAPENA 1987: 30-31; GÓMEZ TORREGO 1988):

- (221) Tengo que pasar por su casa.
*– ¿Qué tienes? / – Que pasar por su casa.
(perífrase)

- (222) Eu tenho que/de passar na casa dele.
*– O que você tem? / – Que/De passar na casa dele.

D. Não é possível que a forma não pessoal conte com um sujeito diferente do da que a precede (PORTO DAPENA 1987: 30):

- (223) Tengo que viajar este mes.
*Tengo que viajes este mes.
(perífrase)

- (224) Eu tenho que/de viajar este mês.
*Eu tenho que/de você viajar este mês.
(perífrase)

Não obstante, o fato de estar confirmado que em ambas as línguas se trata realmente de perífrases não implica que nelas o posicionamento do clítico pronominal seja coincidente:

- (225) a. *Tienen que {me/te/le(s)/nos} devolver el dinero hoy.
b. Tienen que devolver{me/te/le(s)/nos} el dinero hoy.
c. {Me/Te/Le(s)/Nos} tienen que devolver el dinero hoy.
d. *Tiénen{me/te/le(s)/nos} que devolver el dinero hoy.
- (226) a. Eles têm que/de {me/te/lhe(s)/nos} devolver o dinheiro hoje.
b. ?Eles têm que/de devolver-{me/te/lhe(s)/nos} o dinheiro hoje.
c. ??Eles {Me/Te/Lhe(s)/Nos} têm que/de devolver o dinheiro hoje.
d. ??Eles têm-{me/te/lhe(s)/nos} que/de devolver o dinheiro hoje.
- (227) a. *Tienen que {lo(s)/la(s)} devolver hoy.
b. Tienen que devolver{lo(s)/la(s)} hoy.
c. {Lo(s)/La(s)} tienen que devolver hoy.
d. *Tiénen{lo(s)/la(s)} que devolver hoy.
- (228) a. ??Eles têm que/de {o(s)/a(s)} devolver hoje.
b. Eles têm que/de devolvê-{lo(s)/la(s)} hoje
c. ??Eles {o(s)/a(s)} têm que/de devolver hoje.
d. ??Eles têm-{no(s)/na(s)} que/de devolver hoje.

Essas novas ocorrências estendem as considerações anteriores aos quatro valores semânticos apresentados pelas perífrases: voz, tempo, aspecto e modalidade. Reitera-se que níveis de gramaticalização semelhantes não significam um mesmo posicionamento do clítico em E e no PB e se deve insistir que, no caso deste último, são necessários estudos de *corpora* para, além de se confirmar a tendência à próclise ao verbo responsável pela predicação⁷⁸, também se verificar a gramaticalidade e, se for o caso, a produtividade de sentenças como (226b), (226c), (226d), (228a), (228c) e (228d).

4.6. O CASO FRONTEIRIÇO DE MODALIDADE [QUERER + INFINITIVO] (E) / ["QUERER" + INFINITIVO] (PB)

Originais do termo latino *quaerere* (= buscar, procurar, aspirar, desejar), *querer*, em E, e "querer", no PB, podem ter suas principais acepções resumidas a estes sentidos: ter o desejo de/por, ter a intenção de, aspirar, pretender, tencionar (cf.: *Diccionario de la lengua española Vox s/d*; REAL ACADEMIA ESPAÑOLA 1992; FERREIRA s/d; HOUAISS, VILLAR, & FRANCO 2001). Também são desse âmbito os significados lexicais que, de acordo com o princípio da persistência, se mantêm nesses vocábulos mesmo quando fazem parte de sequências fronteiriças de modalidade que exprimem volição. Nesse último contexto, eles apresentam as seguintes características:

- Embora continuem configurando itens com evidente conteúdo nocional, desempenham, ao mesmo tempo, a função de indicar valores de ordem mais gramatical, como modo/tempo, pessoa/número e modalidade;
- Vêm seguidos apenas de uma forma nominal específica, o infinitivo;
- Exigem identidade de sujeitos com o verbo associado; e

⁷⁸ Para mais detalhes, ver o capítulo 5 – A colocação dos clíticos pronominais.

- Não contam com tempo e modo independentes.

No entanto, esses elementos:

- Não constituem uma verdadeira unidade semântica com seu verbo principal ou de complemento, já que não experimentam um considerável enfraquecimento de seus significados lexicais; e
- Oferecem restrições de sentido quanto a sujeitos de natureza não humana.

E, em outras situações em que não são membros de estruturas fronteiriças (princípio da estratificação), eles finalmente:

- Não se ligam exclusivamente a uma forma não pessoal determinada, podendo ter complementos nominais, complementos oracionais com núcleo verbal finito e complementos oracionais com distintos núcleos verbais infinitos (infinitivo, particípio ou gerúndio);
- Não exigem identidade de sujeitos com o verbo de complemento; e
- Podem ter tempo e modo autônomos.

Vejam-se os exemplos:

- (229) a. Quiero un perro.
b. Quiero que mañana compres un perro.
c. No te quiero encerrado ahí.
d. Te quiero sonriendo.
e. Quiero comprar un perro.

- (230) a. Quero um cachorro.
b. Quero que amanhã você compre um cachorro.
c. Não quero você trancado aí.
d. Não te quero trancado aí.
e. Quero você sorrindo.
f. Te quero sorrindo.
g. Quero comprar um cachorro.

Como tudo o que foi dito se refere igualmente ao E e ao PB, não há motivos para afirmar que haja, nesses sistemas, uma distância significativa no grau de gramaticalização de *querer* e "querer", que parece ser de nível II (cf.: TRAVAGLIA 2002: 18).

A partir disso, as sentenças com tais verbos seguidos de um infinitivo se confirmam como fronteiriças porque, apesar dos limites para as transformações passivas, não se respeitam as outras três restrições válidas para as perífrases de fato: a regra da comutação por um sintagma nominal, a de substituição por um pronome interrogativo e a da diferenciação de sujeitos. Vejam-se os exemplos:

- (231) Quieres comprar un coche nuevo.
Quieres eso.
– ¿Qué quieres? / – Comprar un coche nuevo.
Quieres que yo compre un coche nuevo.
*Comprar un coche nuevo es querido [por ti].
*Un coche nuevo quiere ser comprado [por ti].

- (232) Você quer comprar um carro novo.
Você quer isso.
– O que você quer? / – Comprar um carro novo.
Você quer que eu compre um carro novo.

*Comprar um carro novo é querido por você.

*Um carro novo quer ser comprado por você.

Ainda que todos esses traços sintáticos e semânticos derivados de um estágio próximo de gramaticalização se apliquem tanto ao E como ao PB, a colocação dos clíticos nos casos fronteiros com *querer*/"querer" não se mostra igual nos dois sistemas:

- (233) a. *Juan quiere {me/te/le(s)/nos} entregar el dinero.
b. Juan quiere entregar{me/te/le(s)/nos} el dinero.
c. Juan {me/te/le(s)/nos} quiere entregar el dinero.
d. *Juan quiere{me/te/le(s)/nos} entregar el dinero.
- (234) a. João quer {me/te/lhe(s)/nos} entregar o dinheiro.
b. ?João quer entregar-{me/te/lhe(s)/nos} o dinheiro.
c. ??João {me/te/lhe(s)/nos} quer entregar o dinheiro.
d. ??João quer-{me/te/lhe(s)/nos} entregar o dinheiro.
- (235) a. *Juan quiere {lo(s)/la(s)} entregar.
b. Juan quiere entregar{lo(s)/la(s)}.
c. Juan {lo(s)/la(s)} quiere entregar.
d. *Juan quiere{lo(s)/la(s)} entregar.
- (236) a. ??João quer {o(s)/a(s)} entregar.
b. João quer entregá-{lo(s)/la(s)}.
c. ??João {o(s)/a(s)} quer entregar.
d. ??João quer{o(s)/a(s)} entregar.

É possível notar, desta vez, que as divergências se repetem até mesmo em composições que não correspondem a verdadeiras perífrases. Apesar de seu menor nível de gramaticalização, no caso fronteiro do E a subida do clítico continua produtiva, enquanto no PB ela se mantém duvidosa, configurando, se não uma sentença agramatical, pelo menos uma variação à tendência geral do sistema.

Assim, de acordo com o que se observa nesses e em quase todos os exemplos deste capítulo, parece claro que um mesmo estágio de evolução em sequências verbais do E e do PB não implica possibilidades análogas de alçamento e posicionamento geral do pronome átono em tais estruturas e que é preciso, portanto, considerar também outros fatores para caracterizar melhor esse fenômeno.

Além disso, se constatou que, entre os casos mais correntes do PB – "me", "te", "lhe(s)" e "nos" – e as formas "o(s)"/"a(s)", se dão assimetrias, ao passo que em E não. Dessa maneira, ao se admitir que novos elementos que não só a gramaticalização podem intervir na questão, se torna relevante focalizar essa diferença, sobretudo porque os clíticos acusativos de terceira pessoa apresentam, em muitos aspectos, um comportamento distinto do dos demais, já que contam com uma origem e uma função peculiares (cf.: CÂMARA JR. 1972) e, especificamente quanto aos dialetos brasileiros da língua portuguesa, com uma frequência de uso cada vez mais baixa nos dias atuais (cf.: CÂMARA JR. 1972; NUNES 1993).

Por tudo isso, no próximo capítulo são pesquisados e discutidos novos parâmetros para descrever a colocação dos pronomes átonos em combinações verbais do E e do PB, de modo que possam ser feitas ponderações mais precisas e completas sobre esse tema.

CAPÍTULO 5

A COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS

Como se mostrou nas seções anteriores desta dissertação, a mera coincidência no nível de gramaticalização e, a partir daí, na configuração sintática e semântica de composições verbais do E e do PB não significa que, nesses contextos, se encontrem, obrigatoriamente, as mesmas possibilidades de alçamento e colocação do clítico pronominal que é selecionado pelo termo responsável pela predicação em tais estruturas.

Isso faz com que outros fatores tenham de ser investigados para que se possa descrever o fenômeno de maneira mais precisa e completa e é essa, portanto, a proposta deste último segmento do trabalho. Nele é feita uma revisão bibliográfica acerca do posicionamento dos pronomes átonos do E e do PB, de modo que sejam considerados aspectos como, por exemplo, novos traços que caracterizam as unidades que introduzem certas sequências de verbos ou a natureza e as peculiaridades dos clíticos em questão em cada caso.

Sem desprezar a importância de um maior ou menor estágio de gramaticalização dos itens que dão início às combinações verbais observadas, pretende-se complementar esse elemento com critérios que concorrem, inclusive, para retratar as divergências nos dois sistemas linguísticos analisados, posto que elas foram identificadas no capítulo 4.

Ao longo do texto, por vezes os novos parâmetros encontrados são problematizados, já que em determinadas ocasiões também eles não parecem totalmente exatos ou suficientes para esgotar a discussão.

5.1. OS CLÍTICOS PRONOMINAIS

Tanto em E como no PB, os pronomes⁷⁹ da série átona correspondem a clíticos fonológicos, ou seja, a itens lexicais sem acento primário que, devido a essa característica, se apoiam obrigatoriamente em outra palavra que tem o acento nuclear⁸⁰, neste caso na forma ou sequência verbal que constitui o núcleo do predicado do qual eles são argumentos⁸¹.

Ao ser o clítico fonologicamente dependente, entre ele e o verbo que o seleciona não pode haver nenhum outro termo, exceto, no caso do E⁸², outra forma pronominal átona, como se discute mais adiante na seção 5.2.2. Posição com relação a outros clíticos pronominais (para o E):

⁷⁹ Ao contrário do que faz a Gramática Gerativa, neste trabalho não diferenciamos anáforas de pronomes, dando esta última denominação a todo o conjunto de termos que, naquela linha linguística, constituem duas categorias distintas. Adotamos, assim, a nomenclatura da gramática tradicional, pois, embora estejamos conscientes das diferenças existentes nas estruturas sintáticas em que se dão essas duas formas nominais, nos apoiamos no fato de essa separação não ser fundamental para as finalidades, os procedimentos e os compromissos teóricos desta pesquisa.

⁸⁰ Com base no exemplo de González (1994: 170), entendemos que "cabe fazer referência aqui a um fenômeno de fala bastante frequente no espanhol americano, embora haja referências a ele também em algumas variantes peninsulares. Trata-se de um deslocamento acentual que transforma a sílaba originariamente tônica em subtônica e a final em tônica, especialmente com os pronomes *lo(s)*, *la(s)*, *le(s)*, *se* e *me* – *tráiganmeló*". De fato, Gili Gaya (1943: 236, *apud* FERNÁNDEZ SORIANO 2000: 1.256) aponta que, para o E em geral, *es frecuente que el habla familiar acentúe los pronombres enclíticos, sobre todo cuando se unen a imperativos: "vámonós", "déjalé", "pídaseló"*. Essas ocorrências, que parecem ser relevantes para explicar algumas peculiaridades morfosintáticas do idioma – como o acréscimo da consoante nasal que corresponde ao morfema de terceira pessoa do plural aos clíticos que se pospõem ao verbo: *tráiganmelón* (cf.: KANY 1976: 144, *apud* GONZÁLEZ 1994: 170) –, talvez também possam oferecer subsídios para a compreensão da grande distância existente na produtividade e nas possibilidades de posicionamento dos clíticos pronominais do E e do PB.

⁸¹ Ao tratar predominantemente de complementos selecionados pelo verbo ou pela sequência verbal que constituem o núcleo de cada oração, vamos enfocar aqui sobretudo os clíticos argumentais. No entanto, o fato de uma forma pronominal átona corresponder ou não a um argumento parece ter implicações para as regras de colocação da mesma junto a perífrases, já que, ao que tudo indica, são maiores as possibilidades de posicionamento dos dativos de interesse quando comparadas às dos objetos indiretos. Para mais detalhes, ver a seção 5.3.1.2.1. Perífrases verbais e sequências verbais não perifrásticas.

⁸² Embora algumas publicações normativas ainda defendam que "o pronome 'se' pode associar-se a 'me', 'te', 'lhe', 'nos', 'vos', 'lhes' (mas nunca a 'o', 'a', 'os', 'as'): 'Dê-se-lhe ajuda' [...]" (MARTINS 1997: 239), esse tipo de construção já não parece ser produtivo no PB atual, pelo menos em contextos que não façam parte de textos escritos com um grau muito alto de formalidade. Para mais detalhes, ver, neste capítulo, a seção 5.3.2. Posição com relação a outros clíticos pronominais (para o PB).

(237) a. No me mandes el libro todavía.

*Me no mandes el libro todavía.

b. No me lo mandes todavía.

(238) a. Não me mande o livro ainda.

*Me não mande o livro ainda.

5.2. A COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS NO E

Segundo González (1994: 85):

O E comporta tantas variedades geográficas que até o nome da língua é objeto de discussão, preferindo alguns – por razões diversas, muitas vezes de caráter político – aquele que marca sua origem – “castelhano” – e outros, aquele que focaliza um sentido de nacionalidade – “espanhol”.

Essas variedades geográficas envolvem, por sua vez, outras de ordem social, étnica, cultural, histórica, etc. No entanto, deixando de lado a questão de fundo que essa complexa realidade implica, é possível afirmar que, embora os clíticos constituam [...] *un grupo muy heterogéneo de elementos que se encuentran posiblemente en proceso de cambio y muestran una gran variación dependiendo del dialecto* (FERNÁNDEZ SORIANO 2000: 1.258), tal variação se relaciona predominantemente com os contextos em que são ou não empregados e as funções que desempenham (cf.: GONZÁLEZ 1994: 88-95; FERNÁNDEZ SORIANO 2000: 1.251) e, assim, ela não chega a ser muito relevante para o fenômeno específico que aqui está sendo estudado.

De fato, até onde foi possível averiguar sobre a colocação dos clíticos pronominais com relação às formas verbais simples e às sequências de verbos, as variedades do E não afetam significativamente as possibilidades de posicionamento desses elementos. Quando for o caso, porém, trataremos em separado de qualquer contra-exemplo que possa vir a se mostrar pertinente.

Pode-se considerar, dessa maneira, que, no E de um modo geral, a colocação pronominal depende fundamentalmente da forma assumida pelo verbo que constitui o núcleo do predicado, de acordo com as possibilidades apresentadas pelo paradigma verbal⁸³. Tais opções são classificadas, primeiramente, em não pessoais e pessoais e, no caso destas últimas, subdivididas em diferentes modos e tempos⁸⁴.

5.2.1. POSIÇÃO COM RELAÇÃO AO VERBO

5.2.1.1. POSIÇÃO COM RELAÇÃO A FORMAS VERBAIS SIMPLES

Quanto à colocação dos clíticos pronominais, no E atual se observa um predomínio da anteposição dos mesmos ao verbo ao qual se adjungem (próclise). Entretanto, há também casos de posposição (ênclise), de acordo com as propriedades da flexão da forma verbal em questão. Como essa variação não depende de outros fatores além das peculiaridades do sistema flexivo, são indiferentes o pronome e o verbo implicados, a posição em que eles se encontram na sentença e as características dos demais termos que

⁸³ Com base em Dubois *et al.* (1978: 452-453), aqui se emprega o termo "paradigma" para designar "o conjunto de unidades que mantêm entre si uma relação virtual de substitutibilidade" e é possível afirmar, então, que "as unidades 'a', 'b', 'c'...'n' pertencem ao mesmo paradigma se elas são susceptíveis de substituir umas às outras no mesmo quadro típico (sintagma, frase, morfema)". Nesse sentido, o paradigma verbal corresponde ao agrupamento das formas que podem ser assumidas por um morfema léxico – no caso, um verbo – combinado com suas desinências, conforme: (1) o tipo de relação que ele mantêm com os outros constituintes da frase; (2) a sua conjugação – primeira, se seu infinitivo termina em "-ar"; segunda, quando em "-er"; e terceira, se é em "-ir" –; e (3) o modo, o tempo, a pessoa e o número que ele assume nesse contexto (*idem, ibidem*: 452).

⁸⁴ Ao contrário do sentido mais amplo atribuído à palavra "tempo" na seção 3.2. Sequências com valor de tempo, neste ponto do trabalho não se está falando de toda a complexa articulação linguística que, com base na relação entre enunciação e narrativa, reflete certa categorização do tempo "real" ou "natural". Trata-se, desta vez, de um sentido mais específico, isto é, do agrupamento sistemático das formas verbais em blocos regulares cujos constituintes têm em comum um mesmo morfema modo-temporal que se repete nos verbos de certa conjugação.

estejam a seu redor⁸⁵. No que se refere às características flexivas que determinam a posição dos clíticos, as ocorrências verbais se dividem em dois grandes grupos: (1) o das formas infinitas (exceto o particípio) e do imperativo afirmativo, que motivam a ênclise, e (2) o dos demais casos finitos, que determinam a próclise.

Desse modo, no E atual as regras de posicionamento dos pronomes com relação ao verbo são as seguintes (cf.: ALARCOS LLORACH 1996: 205-206; SECO 1998: 306-307; FERNÁNDEZ SORIANO 2000: 1.260-1.261):

- O particípio nunca admite a adjunção de clíticos;
- As formas pronominais átonas são pospostas a verbos no infinitivo, gerúndio ou imperativo afirmativo; e
- Em todos os demais casos (formas do modo indicativo e do modo subjuntivo, usadas como tal ou como imperativo negativo), os pronomes da série átona são antepostos ao verbo.

Vejam-se os exemplos:

- (239) a. La {apoyo/apoyé/apoyaba/apoyaré/apoyaría} en lo necesario.
b. Ojalá no la {apoyen/apoyaran} tanto.
c. No la apoyen tanto.
d. Me parece mejor no apoyarla tanto.
e. Apoyándola tanto no vas a lograr lo que quieres.
f. Apóyenla ustedes también.
g. *Una vez la apoyado, ya no teníamos qué hacer.
h. *Una vez apoyádola, ya no teníamos qué hacer.

⁸⁵ Entende-se, nesse sentido, que, assim como na língua portuguesa, também em E não existem palavras que, segundo sua classificação morfológica e sua posição na sentença, possam "atrair" os pronomes átonos. Para mais detalhes acerca do PB, ver a seção 5.3.1. Posição com relação ao verbo (para o PB), neste capítulo.

Apesar de menos frequentes, também se dá a ênclise nos casos em que o verbo se encontra no presente (240a) ou no pretérito imperfeito do subjuntivo (240b), iniciando frase e, ao mesmo tempo, indicando mandato ou desejo (GONZÁLEZ 1994: 169):

- (240) a. ¡Válgameme Dios!
b. ¡Dijéraslo antes!

Nessas e em todas as outras ocorrências de posicionamento enclítico, o pronome vem sempre unido ortograficamente ao verbo, com o qual passa a formar uma unidade até para critérios de acentuação gráfica.

Além disso, "a posição enclítica do pronome pode produzir algumas mudanças fonológicas que consistem no desaparecimento de algum fonema ou som" (*idem, ibidem*: 170). Dessa maneira, no imperativo propriamente dito a segunda pessoa do plural seguida do clítico *os* perde o *-d* final (241a), com uma única exceção (241b), e, em formas do presente e do pretérito imperfeito do subjuntivo usadas com valor de mandato ou desejo, a primeira pessoa do plural perde o *-s*, quando na sequência vem *nos* (242a) ou *se* (242b):

- (241) a. Sentad + os > Sentaos.
b. Id + os > Idos.
- (242) a. Sentemos + nos > Sentémonos.
b. Demes + se + lo > Démoselo.

Por fim, cabe mencionar ainda que, justamente em função das regras citadas, são agramaticais, ao menos para o que poderíamos considerar um espanhol padrão, certas ocorrências bastante comuns na interlíngua de brasileiros aprendizes de E. Os exemplos pertencem ao *corpus* analisado por González (1994: 402-406):

- (243) a. *...él vuélvese al pretérito.
 (por: se vuelve)
- b. *De golpe un hombre levántase.
 (por: se levanta)
- c. *Pasáronse muchos días hasta que...
 (por: se pasaron⁸⁶)
- d. *Díjome que...
 (por: me dijo)
- e. *No era una buena opción se quedar allí.
 (por: quedarse)
- f. *Dijo que él iba a me llamar.
 (por: iba a llamarme ou me iba a llamar)
- g. *Amenazó al cajero con un arma le exigiendo...
 (por: exigiéndole)
- h. *Creo que ella está me traicionando.
 (por: está traicionándome ou me está traicionando)
- i. *Ustedes habían me dicho otra cosa.
 (por: me habían dicho)

5.2.1.2. POSIÇÃO COM RELAÇÃO A SEQUÊNCIAS VERBAIS

5.2.1.2.1. PERÍFRASES VERBAIS

Como já foi dito, em certas sequências verbais nem sempre o clítico pronominal se coloca ao lado da forma infinita que o seleciona e lhe atribui papel temático, movendo-se, então, para junto do verbo conjugado que inicia o segmento. Esse fenômeno é conhecido como *clitic climbing* (subida do clítico) e, para que dele não derivem construções agramaticais, é necessário, em princípio, que os verbos dispostos em cadeia passem por um processo de

⁸⁶ No exemplo (243c), o comentário entre parênteses – "por: *se pasaron*" – se refere, exclusivamente, à correção da sentença quanto à colocação pronominal. Isso porque, em E, a forma adequada para indicar o transcorrer do tempo utilizando o verbo *pasar* é, na verdade, sem o pronome *se*.

reestruturação que, por meio do aumento no nível de gramaticalização do item finito, os torne um complexo único, ou seja, uma perífrase (RIZZI 1982, *apud* GROPPPI 1997: 137).

Dessa maneira, como as perífrases compõem um bloco único que, apesar de segmentável em verbo(s) auxiliar(es) e verbo predicador, atua inteiro como núcleo do sintagma, em E os clíticos pronominais selecionados pelo constituinte não pessoal podem se ligar a este último ou ao(s) verbo(s) que o antecede(m), segundo as regras gerais de colocação pronominal já descritas para as formas verbais simples:

- (244) a. Vas a decírnoslo. / Nos lo vas a decir.
b. Te lo he dicho.
c. Con haberle dado el regalo, ya me hubiera puesto contento.
d. ¿Estás mirándolo? / ¿Lo estás mirando?
e. No voy a tener que rendirme ahora.
 No me voy a tener que rendir ahora.
f. He vuelto a enamorarme de la misma persona.
 Me he vuelto a enamorar de la misma persona.
g. No puedes habérselo dicho.
 No se lo puedes haber dicho.

Com base na revisão bibliográfica realizada por González (1994: 175), aparentemente não há estudos quantitativos que comprovem preferências regionais por uma ou outra colocação dos clíticos em ocorrências como as dos exemplos (244a), (244d), (244e), (244f) e (244g), isto é, em sequências em que tanto a posposição a um dos verbos como a anteposição a outro são possíveis. No entanto, nos testes informais feitos pela autora junto a falantes nativos espanhóis e hispano-americanos, a ênclise foi considerada, nos casos em que é opcional, mais formal que a próclise – muito mais, de acordo com alguns, e levemente, segundo outros (*idem, ibidem*: 175-176). Pesquisas com base em

corpora de língua oral e escrita, viabilizadas pelo aparecimento de novas tecnologias, são necessárias para confirmar ou não essas impressões.

É importante notar, contudo, que, nas perífrases de participio de (244b) e (244c), os clíticos só podem se conectar ao verbo auxiliar, pois em E essa forma infinita não admite a associação de pronomes átonos nem em posição proclítica nem em posição enclítica. De fato, nas línguas românicas de um modo geral o participio rechaça a associação do clítico pronominal, tanto nas perífrases verbais como nos demais contextos, e, ao que parece, a única exceção é justamente o PB⁸⁷, algo que constitui, segundo certos autores, uma de suas grandes mudanças e uma real inovação em relação ao grupo linguístico a que pertence.

Por outro lado, o exemplo (244e) configura um caso curioso, pois, embora sejam possíveis as duas colocações pronominais que ele apresenta – *No voy a tener que rendirme ahora / No me voy a tener que rendir ahora* –, não parece ser igualmente boa a posposição do clítico a *tener*, que faz parte de uma perífrase e expressa, de acordo com o contexto, necessidade epistêmica ou deôntica:

(245) ??No voy a tenerme que rendir ahora.

Não obstante, se se elimina o auxiliar de tempo futuro *ir*, ao que parece deixa de haver impedimento para a associação do pronome átono tanto ao verbo principal como ao modal, que agora passa a estar conjugado:

(246) a. Tengo que rendirme ante las evidencias.

b. Me tengo que rendir ante las evidencias.

⁸⁷ Para mais detalhes, ver as seções 5.3.1.2.1. Perífrases verbais e sequências verbais não perifrásticas e 5.3.1.1. Posição com relação a formas verbais simples (para o PB), ambas neste capítulo.

Note-se que, ao contrário do que ocorre em (244e), a impossibilidade de um terceiro posicionamento do pronome em (244f) não chama a atenção, pois, como se pode ler nas observações que se seguem aos exemplos, o participio não admite a associação de clíticos nem em anteposição nem em posposição:

- (247) *He me vuelto a enamorar de la misma persona.
*He vuéltome a enamorar de la misma persona.

O mesmo impedimento também é observado em (244g):

- (248) *No puedes haber se lo dicho.
*No puedes haber díchoselo.

Convém ressaltar ainda que os clíticos resultantes de uma mesma predicação também atuam como um bloco e, por isso, não podem ser separados, de modo que apenas um esteja ao lado da forma conjugada e o outro permaneça ao lado do verbo principal. Em inglês, diz-se que se movimentam em *clusters*, isto é, como feixes:

- (249) *Nos vas a decirlo.

Porém, se o verbo auxiliar é pronominal, é bloqueada a possibilidade de anteposição dos clíticos selecionados pela forma não pessoal, já que, ao haver uma coesão mais forte entre tal auxiliar e o pronome que dele faz parte, outro termo não pode se posicionar entre os dois:

- (250) a. Se puso a contarlo. / *Se lo puso a contar.
b. Empezó a contarlo. / Lo empezó a contar.

Apesar de tal limitação, válida para a maior parte das ocorrências do E atual, deve-se observar que, possivelmente por analogia com construções não pronominais em que o clítico reflexivo atua como um dativo de interesse, chegam a aparecer, mesmo que com menos frequência, casos como:

(251) Me lo puse a comer.⁸⁸

Por sua vez, se é o verbo principal que apresenta natureza pronominal, não há obstáculo para a dupla possibilidade de colocação do pronome átono em perífrases de infinitivo ou gerúndio, pois todos os clíticos do sintagma verbal se originam do mesmo item léxico:

(252) Tengo que irme. / Me tengo que ir.

Finalmente, nas perífrases também são possíveis a anteposição e a posposição da forma pronominal apassivadora ou impersonalizadora *se*:

(253) Suele vivirse bien en este país. / Se suele vivir bien en este país.

5.2.1.2.2. SEQUÊNCIAS VERBAIS NÃO PERIFRÁSTICAS

Em geral, se determinada sequência verbal não constitui perífrase, o pronome da série átona que a acompanha deve vir ao lado do verbo que o seleciona ou, em outras palavras, que o exige como complemento:

⁸⁸ De fato, a esse pode ser acrescentado ainda um novo exemplo que nem sequer constitui uma verdadeira perífrase, mas sim um caso fronteiro, como se demonstra mais adiante em 5.2.1.2.2.1. Casos fronteiros:

(xx) Juan se quedó mirandonos.
Juan se nos quedó mirando.

- (254) a. Me gusta guardar los platos en este armario.
Me gusta guardarlos en este armario.
 *Me los gusta guardar en este armario.
 *Gusta guardármelos en este armario.
- b. Estudiaba escuchando aquella canción.
 Estudiaba escuchándola.
 *La estudiaba escuchando.
- c. Estudiaba el informe escuchando aquella canción.
Lo estudiaba escuchándola.

Como, em (254a), o sintagma verbal *guardar los platos aquí* atua como sujeito de *gustar* e, em (254b) e (254c), *escuchando aquella canción* é adjunto do sintagma verbal cujo núcleo é *estudiaba*⁸⁹, cada um dos exemplos contém uma composição não perifrástica, que, como tal, determina que os clíticos selecionados se posicionem junto às formas verbais das quais eles são complementos.

No entanto, no E atual podem ser observadas algumas ocorrências de não perífrases em que as duas posições do clítico, sim, estão sancionadas⁹⁰:

⁸⁹ Como consta na seção 2.3. As combinações que não constituem um bloco:

- (xxi) a. Me gusta guardar los platos aquí.
Eso me gusta.
 b. Estudiaba escuchando aquella canción.
 Estudiaba así.
 c. Estudiaba el informe escuchando aquella canción.
 Estudiaba eso así.

⁹⁰ Tanto nesse ponto como nos demais em que a palavra "sancionar" e suas formas afins são empregadas neste trabalho, elas não devem ser compreendidas no sentido de uma permissão dada pelas gramáticas normativas do E ou do PB, mas sim no de se tratar de ocorrências possíveis do ponto de vista da "gramática internalizada" dos falantes, que, segundo Possenti (1996: 69), é o conjunto de regras que eles dominam e que os habilitam a produzir frases ou sequências de palavras de maneira tal que sejam compreensíveis e reconhecidas como pertencendo a uma determinada língua.

- (255) a. Nadie me quería contar nada. / Nadie quería contarme me nada.
b. Vino a traernos los huevos.
Vino a traérnoslos. / Nos los vino a traer.
c. Conseguí hacer la tarea.
Conseguí hacerla. / La conseguí hacer.

Para Gómez Torrego (1988: 53), parte delas – exemplo (255a) – pode ser explicada por pertencer ao grupo das já mencionadas estruturas fronteiriças, visto que se trata, segundo o autor, de combinações verbais que, ao se encontrar pelo menos no estágio II de gramaticalização, apresentam traços que as aproximam das perífrases plenas.

Por sua vez, Fernández Soriano (2000: 1.262) oferece uma descrição do fenômeno que compreende tanto esses últimos casos como os demais que, não podendo nem mesmo ser entendidos como casos fronteiriços, admitem o duplo posicionamento dos pronomes átonos. A autora o faz a partir da combinação de critérios sintáticos – a correferência de sujeitos – e semânticos – o valor acrescentado pelos verbos que introduzem a sequência.

5.2.1.2.2.1. CASOS FRONTEIRIÇOS

Assim, apesar de sua constituição ambígua, típica de um elemento em processo de gramaticalização, as estruturas verbais fronteiriças do E já admitem, em sua etapa de evolução, o duplo posicionamento do clítico – unido ao verbo conjugado ou à forma não pessoal, segundo as regras gerais apresentadas anteriormente:

- (256) a. Quisimos entregártelo ayer. / Te lo quisimos entregar ayer.
b. ¿Piensas decírselo a Juan? / ¿Se lo piensas decir a Juan?
c. Juan se quedó mirándonos. / Juan se nos quedó mirando.

Além da colocação, também as possibilidades de substituição dos complementos por pronomes átonos demonstram o caráter ambíguo dessas sequências e como elas parecem se aproximar da perífrase plena no que diz respeito aos pronomes átonos:

- (257) a. – ¿Quieres venir a mi casa?
– Sí, quiero. / *– Sí, lo quiero.
b. Tenía que ir pero no quise. / *Tenía que ir pero no lo quise.
c. – ¿Piensas venir a mi casa?
– Sí, pienso. / *– Sí, lo pienso.

Comparem-se os exemplos de (257) com um caso claro de combinação verbal que não forma um bloco:

- (258) Cree entenderlo todo.
Lo cree.

5.2.1.2.2.2. COMBINAÇÕES QUE NÃO CONSTITUEM UM BLOCO

Já foi dito que, se determinada sequência verbal não constitui uma perífrase, em geral o pronome átono deve vir junto do verbo que o seleciona, exceto se se trata de um caso fronteiroço.

No E atual há, contudo, casos de combinações que, embora não sejam nem perifrásticas nem fronteiroças, sancionam as duas posições do clítico. Retomando os exemplos de (255), tem-se:

- (259) a. Vino a traernos los huevos.
Vino a traérnoslos. / Nos los vino a traer.
*Nos vino a traerlos.
(= Vino a eso. / ¿A qué vino?)

b. Conseguí hacer la tarea.

Conseguí hacerla. / La conseguí hacer.

(= Conseguí eso. / ¿Qué conseguí? / Lo conseguí.)

Note-se que, em (259a), o verbo *venir* vem seguido de uma oração de finalidade cujo núcleo é um infinitivo, enquanto em (259b) *conseguir* seleciona um objeto direto que, nesse caso, também corresponde a uma oração de infinitivo: SV = [*hacer la tarea*].

Fernández Soriano (2000: 1.262) caracteriza, assim, todo o conjunto de não perífrases que admitem o duplo posicionamento dos pronomes átonos como o das construções iniciadas por certas formas verbais de carácter modal (260a) ou aspectual (260b), além das causativas⁹¹ (260c) e daquelas cujo sujeito é correferente com o do verbo incrustado (260d):

⁹¹ Porto Dapena (1987: 27) classifica os verbos causativos ou factitivos como membros de [...] *una clase especial [...] cuyo interés se debe sobre todo a su particular comportamiento sintáctico. Su característica fundamental es que en construcción activa el sujeto no constituye el verdadero agente o ejecutor de la acción o proceso, sino más bien el instigador o causa de que esa acción se lleve a cabo.* Segundo Dubois *et al.* (2006: 103), em português os predicados causativos podem ser expressos: (1) pelo verbo transitivo usado causativamente (por exemplo: em “Pedro construiu uma casa”, quando o sujeito da oração não representa quem de fato edifica, mas sim quem encarrega outro indivíduo de fazê-lo); (2) por um verbo intransitivo ativo usado transitivamente (por exemplo: em “subir um móvel pela escada”); (3) por verbos denominativos derivados a partir do acréscimo de certos sufixos (por exemplo: “eletrificar” – do adjetivo “elétrico”); (4) por verbos denominativos transitivos de formação parassintética (por exemplo: “enfurecer” – do substantivo “fúria”); e (5) por composições com verbos como “fazer” ou “mandar” seguidos de um infinitivo (por exemplo: “Pedro mandou construir uma casa”). Tal descrição também é válida para a língua espanhola (cf.: DAPENA 1987: 27-29): *Pedro construyó una casa* (caso 1); *subir un mueble por la escalera* (caso 2); *electrificar* (caso 3); *enfurecer* (caso 4); *Pedro mandó construir una casa* (caso 5). Alguns autores diferenciam os contextos factitivos dos causativos, associando estes últimos à indicação de um estado resultante da ação realizada e apenas aqueles à ideia de que se leva alguém a realizar uma ação. Entretanto, Fernández Soriano (2000: 1.263) não faz essa distinção e, ao falar em verbos causativos que admitem a adjunção de um clítico que não selecionam, se refere, na verdade, apenas aos elementos que introduzem as ocorrências designadas pelo caso 5 destas explicações.

- (260) a. Ana quiere decírtelo personalmente.
 Ana te lo quiere decir personalmente.
- b. Juan se quedó mirándonos.
 Juan se nos quedó mirando.
- c. Mario hizo a su hijo comer el postre.
 Mario le hizo comer el postre.
 Mario se lo hizo comer.⁹²
- d. Teresa intentó traer el coche.
 Teresa intentó traerlo.
 Teresa lo intentó traer.
 Teresa lo intentó.

Porém, apesar de não existirem dúvidas de que se trata quase sempre de uma exigência para o deslocamento do clítico, a simples indicação de que esse fenômeno ocorre nos casos em que há verbos [...] *cuyo sujeto es correferente con el del verbo incrustado (idem, ibidem)* parece ser excessivamente genérica, já que inclui até mesmo certos tipos de sequência que mais adiante vão ser caracterizados pela própria autora como incompatíveis com o fenômeno em discussão. É o que se observa no exemplo (261):

- (261) Dice conocerlo todo.
 *Lo dice conocer todo.

⁹² Ao referir certa polêmica acerca da interpretação sintática de construções como as de (260c), Cano Aguilar (1987: 243, grifos nossos), afirma que *si "hacer" se une con un verbo intransitivo, el sujeto de este aparece como objeto directo de la construcción entera: "Juan hizo correr a Pedro" > "lo hizo correr". Unido a un verbo transitivo que lleve su propio objeto directo, el sujeto del infinitivo aparece como objeto indirecto del grupo: "Juan hizo traer un paquete a Pedro" > "le hizo traer un paquete", "se lo hizo traer". Não obstante, o autor (ibidem) considera, ao mesmo tempo, que [...] "hacer" es de los verbos que exigen la no-identidad de sujetos con su subordinado; incluso, la identidad nunca es posible con "hacer", pues, cuando aparece una forma reflexiva, indica existencia de identidad entre el sujeto de "hacer" y el objeto directo del infinitivo; o entre el sujeto de "hacer" y el objeto indirecto del infinitivo ("Pedro se está haciendo notar mucho" – "Juan se hizo dar un regalo"). Como se percebe, cada um dos membros que compõem a estrutura em questão apresenta argumentos próprios e tanto isso como os demais parâmetros empregados nesta dissertação para identificar as perífrases de fato levam a pensar que [hacer + infinitivo] não constitui uma expressão desse tipo e que, portanto, seria controverso falar em complementos "da construção inteira" ou "do grupo" (idem, ibidem).*

Por outro lado, a afirmação literal de que, entre as formas conjugadas que têm a capacidade de promover o deslocamento dos clíticos selecionados pelo verbo principal, se encontram *los auxiliares modales y los aspectuales, en suma, los que forman perífrasis verbales de infinitivo o gerundio* (*idem, ibidem*) também se mostra imprecisa, já que, entre outras ressalvas, é importante lembrar que, como foi debatido ao longo dos capítulos 3 e 4, nem todos os verbos modais e aspectuais que contam com essa possibilidade realmente constituem perífrases – exemplos (260a) e (260b). Ainda nesse sentido, outro questionamento que talvez possa ser feito é se de fato todos os modais têm essa capacidade.

Finalmente, observa-se mais uma vez em (260a) e (260b) que, em sua definição, Fernández Soriano (*ibidem*) parece contemplar, inclusive, os casos classificados, segundo Gómez Torrego (1988), como fronteirços. De fato, a autora (*ibidem*: 1.263-1.264) afirma que:

[...] *teniendo presentes los datos que indican que no puede intervenir ningún elemento entre el verbo del complemento y el receptor del clítico, se coincide en suponer que se da algún tipo de proceso de creación de un solo verbo complejo.*

E acrescenta também que, no intuito de explicar tal processo:

Rizzi (1982), por ejemplo, postula que se aplica una regla de Restructuración de los verbos implicados. Strozer (1976) propone que los verbos que admiten clíticos de sus complementos no seleccionan oraciones sino sintagmas verbales. Rivero (1970) y Roldán (1974) sostienen una hipótesis similar. Dentro del marco de la gramática relacional, Aissen & Perlmutter (1976) suponen también que hay un proceso de Reducción de Cláusula, determinado por las propiedades léxicas del verbo principal. Luján (1980) relaciona la posibilidad de la llamada 'subida de clíticos' con el modo de la oración subordinada y las propiedades estructurales de las oraciones en indicativo y en subjuntivo. En

concreto, comprueba que las oraciones infinitivas que permiten que los clíticos aparezcan con el verbo principal se corresponden con oraciones finitas en subjuntivo, mientras que las que bloquean el proceso siempre tienen oraciones finitas correspondientes en indicativo. (idem, ibidem: 1.263-1.264)

Entretanto, a maioria dos verbos de opinião, crença ou conhecimento (*afirmar* e *negar*, entre outros) e os chamados factivos⁹³ de maneira geral (*lamentar* e *sentir*, por exemplo) não admitem clíticos pertencentes a seus complementos (FERNÁNDEZ SORIANO 2000: 1.263):

- (262) a. Afirma saberlo todo.
*Lo afirma saber todo.
- b. Negó conocerla.
*La negó conocer.
- c. Dice habértelo confesado.
*Te lo dice haber confesado.
- d. Aseguraste haberlo terminado.
*Lo aseguraste haber terminado.
- e. Lamento conocerte.
*Te lamento conocer.

É preciso mencionar, todavia, que, ainda que nesse conjunto a posição preferida pelos falantes seja a ênclise à forma não pessoal, tampouco parece ser impossível a próclise a alguns casos que exprimem opinião, já que no E atual, sim, são encontradas construções como a de (263), apresentada por

⁹³ Neves (2000: 32) esclarece que são chamados factivos “[...] os predicados que têm a propriedade de implicar, por parte do falante, a pressuposição de que a proposição completiva é factual, isto é, de que o fato expresso na oração completiva é verdadeiro. A característica dos factivos é ter participantes de estatuto oracional que, para o falante, não indicam um simples evento, mas um fato, que permanece afirmado quer o verbo da oração principal seja afirmado quer seja negado”. Ainda segundo a autora (ibidem: 32-33), os predicados factivos podem ser: de tipo epistêmico (por exemplo: *saber*“saber”, *comprender*“compreender”, *descubrir*“descobrir”, etc.); de atitude sentimental (por exemplo: *admirarse*“admirar-se”, *lamentar*“lamentar”, etc.); de elocução (por exemplo: *vanagloriarse*“vangloriar-se”, *disculpase*“desculpar-se”, etc.); e de tipo avaliativo (por exemplo: *revelar*“revelar”, *extrañar*“estranhar”, *importar*“importar”, etc.).

Fernández Soriano (*ibidem*: 1.263) como agramatical justamente para ilustrar os contextos em que, segundo ela, não se daria a subida do clítico:

(263) Cree saberlo todo. / Lo cree saber todo.

Segundo a autora (*ibidem*), também os verbos impessoais estão impossibilitados de atrair os pronomes seleccionados pela forma não conjugada:

(264) a. Parece pedirlo. / *Lo parece pedir.

b. Conviene hacerlo. / *Lo conviene hacer.

Mas deve-se assinalar, mais uma vez, que, embora ela seja categórica quanto a essas ocorrências, nem todos os exemplos que correspondem a sua descrição parecem se sustentar como impossíveis e, nesse sentido, talvez seja pertinente esclarecer melhor o alcance de tal restrição por meio de novos estudos:

(265) a. Lo hay que hacer pronto.

b. Los exámenes los hay que hacer pronto.

c. La cola la hay que hacer igual.

d. Las obras las hay que hacer igual.

Outra observação importante é que, em muitas estruturas, um dativo de uma forma finita a impede de acolher os clíticos do termo que conclui a sequência. De acordo com Fernández Soriano (2000: 1.263), se esse último pronome átono é um acusativo que corresponde a um complemento de traço [+animado], o impedimento é absoluto (266); porém, quando se trata de seres não animados, os clíticos não têm de permanecer obrigatoriamente junto ao verbo não conjugado, sobretudo nos casos de causativos (267). O primeiro grupo de exemplos pertence à própria autora (*ibidem*), mas o segundo é adaptado de Luján (1980, *apud* FERNÁNDEZ SORIANO 2000: 1.263):

- (266) a. Me permitieron educarla. / *Me la permitieron educar.
 b. Te aconsejaron llamarlo. / *Te lo aconsejaron llamar.
 c. Me hicieron educarla. / *Me la hicieron educar.
- (267) a. Te ordenó corregirlo. / ?Te lo ordenó corregir.
 b. Le ordenó arreglarlo. / ?Se lo ordenó arreglar.
 c. Te prohibió tocarlo. / ?Te lo prohibió tocar.
 d. Te dejó arreglarlos. / Te los dejó arreglar.
 e. Me permitieron corregirlo. / Me lo permitieron corregir.
 f. Me hicieron repetirlo. / Me lo hicieron repetir.

Um aspecto que chama a atenção nos exemplos de (267) é o fato de se tratar de construções nas quais a forma conjugada e o verbo no infinitivo contam com diferentes sujeitos, o que significa um distanciamento ainda maior dessas estruturas com relação ao estágio de gramaticalização em que se pode falar em perífrases ou até mesmo em casos fronteirços.

Por outro lado, talvez seja pertinente observar que, ainda quanto a esses casos, a menção da autora ao fato de que, *cuando se trata de no animados, los clíticos pueden no permanecer junto al verbo no conjugado* (FERNÁNDEZ SORIANO 2000: 1.263, grifo nosso) não parece ser absolutamente precisa e que caberia, então, identificar se, nessas ocorrências, a variação é livre ou se há contextos que desfavorecem o deslocamento do clítico. Nesse sentido, vale assinalar que, embora Luján (1980, *apud* FERNÁNDEZ SORIANO 2000: 1.263) e também a própria Fernández Soriano (2000: 1.263) considerem a sentença (267a) claramente agramatical e a marquem com um asterisco, essa avaliação não é consensual entre todos os falantes e pesquisadores do E, como o atesta Genta (2008: 96). Isso aponta para a necessidade de que sejam realizados novos estudos com *corpora* representativos e explica a nossa opção de empregar apenas os signos de interrogação.

Finalmente, outra característica intrigante de algumas sequências que não constituem um bloco único é o fato de que, ao mesmo tempo, sancionam a dupla possibilidade de colocação pronominal e a substituição do segundo verbo e seus complementos por um clítico:

- (268) a. – ¿Conseguiste hacer la tarea?
– Sí, conseguí hacerla. / – Sí, la conseguí hacer.
b. – ¿Conseguiste hacer la tarea?
– Sí, lo conseguí.

Desse modo, em (268), enquanto as duas posições do clítico poderiam fazer com que se tendesse a interpretar essa composição como uma perífrase, a substituição do segundo verbo e seus complementos por um pronome átono ressalta o fato de que, na verdade, a forma não pessoal faz parte do objeto direto de *conseguir*.

- (269) ¿Conseguiste hacer la tarea?
(oração de infinitivo: objeto direto)
¿Conseguiste eso? / ¿Lo conseguiste?
(objeto direto)

5.2.1.2.2.3. LOCUÇÕES VERBAIS

Nas locuções formadas por mais de um verbo, sempre é o primeiro o responsável pela predicação (GÓMEZ TORREGO 1988: 24) e é por isso que, quanto à colocação pronominal nessas sequências, os clíticos só podem se ligar a essa forma inicial. A opção pela próclise ou pela ênclise depende das regras gerais do E:

- (270) a. Me lo dio a entender. / *Dio a entendérmelo.
b. Les diste que hablar. / *Diste que hablarles.
c. Lo echamos a perder. / *Echamos a perderlo.

Contudo, o primeiro verbo desse tipo de combinação pode fazer parte de uma perífrase e, dessa maneira, o pronome selecionado por ele conta com a possibilidade de se conectar tanto ao auxiliar como ao verbo principal dessa última estrutura. O mesmo ocorre quando a locução se insere em uma sequência não perifrástica que admite a dupla colocação pronominal:

(271) a. No estoy echándolo a perder. / No lo estoy echando a perder.

*No estoy echando a perderlo.

b. No quiero darlo a entender. / No lo quiero dar a entender.

*No quiero dar a entenderlo.

5.2.2. POSIÇÃO COM RELAÇÃO A OUTROS CLÍTICOS PRONOMINAIS

Ao contrário do PB, a língua espanhola admite a adjunção de até três clíticos a um único verbo⁹⁴. Esses conjuntos se organizam de acordo com uma ordem fixa que depende das características das formas pronominais envolvidas.

Nesse sentido, no E atual as regras gerais de posicionamento dos pronomes com relação a outros clíticos são as seguintes (cf.: SECO 1998: 307; FERNÁNDEZ SORIANO 2000: 1.264):

- Independentemente de sua função, a forma se ocupa a primeira posição em uma sequência de clíticos pronominais; e
- Os clíticos de segunda pessoa precedem os de primeira, que, por sua vez, precedem os de terceira.

⁹⁴ Embora não se encontrem questionamentos quanto às sequências de apenas dois pronomes átonos, segundo Fernández Soriano (2000: 1.264) [...] *no todos los hablantes aceptan como buena la sucesión de tres clíticos: "se me lo comieron"*.

Esquemáticamente, configura-se a seguinte ordem (PERLMUTTER 1970, *apud* FERNÁNDEZ SORIANO 2000: 1.264):

SE + 2 ^a . pessoa + 1 ^a . pessoa + 3 ^a . pessoa

Vejam-se os exemplos:

- (272) a. Se {me/te/le/nos/os/les} cae el pelo.
b. Se {lo/la/los/las} voy a entregar.
c. Te {me/nos} escapaste.
d. No {me/nos} lo pueden dar.
e. {Te/os} lo dieron.
f. Todo lo que tenía se me lo han llevado.

No que se refere especificamente ao espanhol peninsular, entretanto, Álvarez Martínez (1989, *apud* GONZÁLEZ 1994: 168) aponta a frequente ocorrência de "erros" no emprego de clíticos duplos, mas cita apenas um caso, que ocorre nas zonas de León, Galícia e Astúrias, onde se escutam frases em que a colocação não segue o primeiro princípio segundo o qual se ocupa a primeira posição em uma sequência de clíticos. Esse fenômeno também é registrado por Martín Zorraquino (1979, *apud* GONZÁLEZ 1994: 168):

- (273) Me se ha caído el plato.
(por: se me ha caído el plato)

Além das regras gerais, existem outras, complementares, que estabelecem novos limites para as cadeias de pronomes átonos. Nesses casos, estão incluídas as restrições quantitativas apresentadas por Bastida (1976, *apud* GONZÁLEZ 1994: 166), que, reinterpretando um conjunto de regras baseadas na estrutura superficial de Permuter para mostrar que elas são insuficientes como filtro, afirma ser preciso levar em conta ainda que só são possíveis as sequências em que haja no máximo: (1) três clíticos no total; (2) um clítico correferencial com cada sintagma nominal; (3) um clítico

acusativo; e (4) um clítico dativo (*idem: ibidem*). Assim, são impossíveis sequências nas quais (cf.: GONZÁLEZ 1994: 166-167; FERNÁNDEZ SORIANO 2000; 1.264-1.268):

- Haja mais de três clíticos;
- Haja a repetição de uma mesma forma pronominal;
- Haja mais de um pronome de primeira ou mais de um pronome de segunda pessoa, independentemente de um deles estar no singular e o outro no plural;
- Formas não reflexivas antecedam formas reflexivas; e
- Formas acusativas de terceira pessoa antecedam formas dativas também de terceira pessoa.

Vejam-se alguns exemplos:

- (274) a. *Tu madre te os ha confiado.
Tu madre me os ha confiado.
- b. *Te me escapé.
Te me escapaste.
- c. *Lo se dije.
Se lo dije.

Em (274c), um fenômeno importante entra em jogo e pode, inclusive, fazer com que, levando em conta a precedência de *se* em qualquer sequência de clíticos, se considere desnecessária a restrição aos pronomes átonos acusativos de terceira pessoa antecedidos por dativos também de terceira. Trata-se do fato de que, em E, as formas típicas para a expressão do objeto

indireto nesses casos – *le*, no singular, e *les*, no plural – são substituídas pela variante *se* quando seguidas de *lo(s)* ou *la(s)*.

Ainda quanto a esse caso, é importante esclarecer que, tal como aparece aqui, a regra complementar final é, na verdade, extraída de Bastida (1976, *apud* GONZÁLEZ 1994: 167), já que, para Fernández Soriano (2000: 1.265), [...] *parece ser imposible obtener secuencias formadas por un acusativo seguido de un dativo* quaisquer que sejam eles e, portanto, a restrição não se limitaria aos pronomes de terceira pessoa. Nesse sentido, um dos exemplos citados pela autora é a oração *me le acerqué*, que seria agramatical, ao contrário de *me lo acerqué* (*idem: ibidem*), para a qual não há impedimentos. Como esta última, no entanto, também aquela construção pode ser facilmente encontrada em E e, para alguns falantes nativos consultados, ela é mesmo bastante usual.

Por outro lado, tampouco é difícil localizar ocorrências que se contraponham a um alcance tão grande da impossibilidade de sequências de acusativos e dativos, sobretudo quando ela vai de encontro às restrições de ordem descritas por Perlmutter (1970, *apud* FERNÁNDEZ SORIANO 2000: 1.264). Para corroborar essa afirmação, são considerados casos como o do diálogo a seguir, em que, na primeira intervenção, a sequência de clíticos corresponde à ordem acusativo-dativo e, na segunda, à ordem dativo-acusativo, sempre de acordo com a obrigatoriedade de que a segunda pessoa anteceda a primeira:

(275) – Hubieras querido entregárteme muerta.

– Sí, hubiera querido entregárteme muerta.

(*Farabeuf*, de Salvador Elizondo)⁹⁵

⁹⁵ Neste ponto, agradecemos ao Prof. Dr. Adrián P. Fanjul pela observação e pelo exemplo, a cuja fonte infelizmente não tivemos acesso direto.

Da mesma maneira, se o acusativo é de primeira pessoa e o dativo de terceira, a ordem também parece ser acusativo-dativo:

(276) No me les entregaré.

5.3. A COLOCAÇÃO DOS CLÍTICOS PRONOMINAIS NO PB

No PB contemporâneo, a colocação pronominal encerra características particulares que fazem com que, em determinadas situações, cheguem a se apresentar possibilidades e restrições que não se repetem nem na variedade europeia do idioma nem nas demais línguas romances, entre as quais se inclui o E. Essas peculiaridades parecem estar associadas ao próprio fenômeno da perda de clíticos no sistema, como o indicam Cyrino (1993), Nunes (1993), Pagotto (1993) e Galves & Abaurre (2002), entre outros autores.

Entretanto, contrariando as inclinações gerais do dialeto brasileiro atual – que, por sua parte, também comporta heterogeneidades –, é preciso considerar que, sobretudo em textos escritos formais, por vezes são encontradas ocorrências de posicionamento dos pronomes átonos que se aproximam mais do que comumente se observa entre os falantes de Portugal. Esses casos não decorrem do funcionamento mais espontâneo do idioma no Brasil, mas sim, ao que tudo indica, da pressão de uma norma artificial que é promovida por gramáticas prescritivas e por instituições escolares mais tradicionais e que parece estar baseada justamente nas regras do português europeu (PE) e/ou do PB anterior ao século XX (cf.: CYRINO 1993). Ainda que em um âmbito mais restrito, a esses fatores podem ser acrescentadas as motivações de ordem estilística, principalmente quando se trata de textos em que há uma maior intenção estética.

Neste trabalho, são discutidas fundamentalmente as colocações pronominais correntes no PB de hoje em dia e não os exemplos que não as confirmem e que se expliquem por esse tipo de influência normativa⁹⁶. No presente, as tendências aqui referidas são observadas tanto no uso culto do idioma como em suas outras modalidades.

5.3.1. POSIÇÃO COM RELAÇÃO AO VERBO

5.3.1.1. POSIÇÃO COM RELAÇÃO A FORMAS VERBAIS SIMPLES

Desse modo, assim como em E, também no PB predomina a precedência dos pronomes átonos às formas verbais finitas que os selecionam (cf.: CYRINO 1993; NUNES 1993; PAGOTTO 1993; GALVES & ABAURRE 2002) e, exceto com os clíticos acusativos de terceira pessoa "o(s)"/"a(s)"⁹⁷, essa posição independe do verbo implicado, da flexão que ele apresenta, do lugar em que se encontra na sentença e dos termos que estejam a seu redor. Os exemplos são adaptados de Galves & Abaurre (2002: 291):

- (277) a. Aí você me pegou.
b. E nos viram sempre jogando.
c. Quando eu te falei da peça Hair.
d. Se pudesse, eu lhe(s) diria umas verdades.
e. A salada se resume a alface e tomate.

⁹⁶ Certamente porque se defrontam com as predisposições espontâneas da língua, as prescrições normativas quanto à colocação pronominal no PB variam, em alguma medida, de acordo com o autor que as expõe. Contudo, para o conhecimento de uma apresentação representativa dessas regras se indica a consulta de Cunha & Cintra (2001: 309-316). Nessa obra, o leitor pode perceber o quanto o que aqui é apresentado se distancia desses preceitos e, nesse sentido, se recomenda ainda que se considerem as ressalvas feitas na mesma gramática, na seção intitulada "A colocação dos pronomes átonos no Brasil" (*ibidem*: 316-317).

⁹⁷ Como vai ser apresentado ao longo desta seção, os pronomes acusativos de terceira pessoa "o(s)"/"a(s)" constituem o principal caso que se contrapõe à orientação geral do PB com relação à direção de cliticização fonológica da esquerda para a direita e quanto à baixa produtividade da associação das formas pronominais átonas ao primeiro constituinte das sequências verbais.

De acordo com Nunes (1993), isso é devido a uma mudança na direção de cliticização fonológica no PB, que a partir do início do século XIX passa a se dar da esquerda para a direita. O autor apresenta tal comportamento como uma inovação dessa variedade do idioma (*ibidem*: 214), já que, segundo suas investigações, no português antigo o sentido da cliticização parece ser da direita para a esquerda, da mesma forma como ocorre ainda hoje no PE (*ibidem*: 213-214).

Ao contrário do que defendem certos autores de gramáticas normativas, entende-se, nesse sentido, que no PB espontâneo não existem palavras que, segundo sua classificação morfológica e sua posição na sentença, "atraem" os pronomes átonos. De fato, se se considera a aludida modificação na direção de cliticização fonológica dessa variedade do idioma, não é válido falar em atratores⁹⁸:

- (278) a. E não me viram ontem na festa?
E me viram ontem na festa?
- b. Adriana falou comigo, porque me esperou.
Adriana me esperou e falou comigo.
- c. Os alunos já nos disseram que têm dúvidas.
Os alunos nos disseram que têm dúvidas.
- d. Alguém lhe(s) entregou isso.
Ana lhe(s) entregou isso.
- e. Quem se machucou?
O João se machucou?

⁹⁸ Quanto a isso, nem mesmo no PE é possível defender a existência de tais atratores, pois nele os clíticos são sempre enclíticos fonologicamente, qualquer que seja a palavra precedente (NUNES 1993: 209). Os exemplos são do autor (*ibidem*):

- (xxii) a. Quem-me vê?
b. Não-te vi.
c. Já-te digo.
d. Vamo-nos encontrar.

f. Que a sorte te ajude!

A sorte te ajuda sempre.⁹⁹

Entre os contextos em que se dá a próclise, se incluem aqueles em que o verbo se encontra no imperativo afirmativo (cf.: NUNES 1993: 214), o que faz com que o PB se distinga significativamente tanto do PE como do E, no qual esse é o único caso em que a ênclise é obrigatória com uma forma verbal conjugada:

(279) a. Pedro, me diga a verdade.

b. Me contem tudo!

Na atualidade, a ênclise dos pronomes "me", "nos", "te", "lhe(s)" e "se" em orações finitas se restringe, portanto, às já mencionadas situações de alta formalidade em textos escritos nas quais o falante optou por seguir os padrões de uma gramática normativa que se distancia do uso espontâneo da língua. É por isso que, apesar de existir marginalmente, a posposição desses clíticos não costuma ser encontrada, na maioria das vezes, nem mesmo nos casos mais recorrentes de gêneros com requisitos estilísticos de formalidade¹⁰⁰.

⁹⁹ Segundo Cunha & Cintra (2001: 310-314), os principais elementos que, do ponto de vista da gramática normativa, determinariam a próclise no PB são: as palavras negativas (279a), as conjunções subordinativas (279b), alguns advérbios (279c) e certos pronomes indefinidos (279d). Além disso, também motivariam a posposição do pronome átono as orações iniciadas com pronomes ou advérbios interrogativos (279e) e aquelas que exprimem desejo (124f) (*idem*, *ibidem*).

¹⁰⁰ Nos *corpora* que avaliam, Galves & Abaurre (2002: 289-291) encontram dados que podem apontar para uma frequência um pouco maior dos casos de ênclise da forma "se" indeterminadora em textos formais. Não obstante, mesmo essas ocorrências estão "fortemente condicionadas por fatores discursivos e estilísticos" (*ibidem*: 291), ao fazer parte de "discursos bem definidos" que "[...] têm natureza prescritiva, favorecem a indeterminação do sujeito e privilegiam um registro de língua em que, marginalmente, a ênclise ainda se mantém [...]" (*ibidem*: 290). Os exemplos são das autoras (*ibidem*: 289):

- (xxiii) a. Então a isso, chama-se de ginecomastia [...]
(texto oral: aula)
b. [...] parte-se um ovo [...]
(texto escrito: receita de cozinha)

Nessa mesma direção e ao contrário do que acontece em E¹⁰¹, também é a próclise que prevalece com esses mesmos pronomes átonos quando em adjunção a formas verbais não pessoais, mais especificamente a infinitivos ou a gerúndios, dado que no PB é anômala a presença do clítico conectado a participípios que não façam parte de perífrases¹⁰²:

- (280) a. Me olhar desse jeito não vai ajudar em nada.
b. Me olhando desse jeito, você não vai conseguir nada.
c. *Depois de me visto, saiu. / *Depois de visto-me, saiu.
Depois de ter me visto, saiu.

Porém, a anterioridade não se mantém com os clíticos acusativos de terceira pessoa "o(s)"/"a(s)"¹⁰³ que complementam um infinitivo, já que, nesse contexto, predomina sua posposição:

- (281) a. Ana disse, ontem, que te ver é sempre um prazer.
b. Ana disse, ontem, que vê-lo é sempre um prazer.

¹⁰¹ Nesse sentido, cabe lembrar que em E todos os pronomes que se ligam a infinitivos ou a gerúndios se colocam em ênclise a essas formas verbais. Quanto ao participípio, já foi dito que, diferentemente do que ocorre no PB – que permite a associação de clíticos apenas no caso de perífrases –, a língua espanhola não admite nem a anteposição nem a posposição de complementos pronominais átonos a essa terceira e última ocorrência não pessoal em nenhum contexto, nem mesmo o perifrástico.

¹⁰² Quando participípios que não fazem parte de perífrases verbais contam com complementos pronominais, as formas escolhidas para realizar sintaticamente esses argumentos são as tônicas e não as átonas:

- (xxiv) a. *Lhe dado o presente, fui embora. / *Dado-lhe o presente, fui embora.
b. Dado a ele o presente, fui embora.

¹⁰³ Sobre esse conjunto de pronomes, é importante recordar que, quando efetivamente é empregado, "[...] está associado ao aprendizado escolar, revela grau de instrução elevado e é identificado com a língua escrita em estilo formal" (NUNES 1993: 207). Isso permite supor que sua posição divergente pode obedecer não apenas a razões de ordem fonológica, mas também a uma influência da norma "oficial", presente com frequência nas formas linguísticas do PB que são adquiridas na escola (cf.: GALVES & ABAURRE 2002: 300).

E, embora não tenha sido encontrada uma descrição bem fundamentada a esse respeito, também parecem constituir exceção a essa forte tendência à próclise os casos nos quais os clíticos acusativos de terceira pessoa "o(s)"/"a(s)" se adjungem a verbos no gerúndio que não fazem parte de perífrases¹⁰⁴:

- (282) a. Há um problema incomodando-as.
b. ??Há um problema as incomodando.

- (283) a. Estudava escutando o seu irmão.
b. Estudava escutando-o.
c. ??Estudava o escutando.

Em todo caso, de acordo com Galves & Abaurre (2002: 291), o tipo de ênclise que se dá com os clíticos acusativos de terceira pessoa "o(s)"/"a(s)" não é como os demais, dependentes em alto grau de motivações discursivas e estilísticas, mas sim "de natureza genuinamente mais sintática, uma vez que é condicionado pela forma do verbo". Tal caracterização se apoia no fato de que esse posicionamento enclítico "nunca aparece com tempo finito e é categórico com infinitivo. [...] Todo o resto é próclise, que se verifica com todos os pronomes [...]" (*idem, ibidem*).

Nunes (1993), por sua vez, defende que esse quadro geral pode ser explicado, por um lado, pela constatação da já mencionada alteração na direção de cliticização no PB, que hoje se dá da esquerda para a direita, e, por outro, pelas especificidades fonológicas das formas acusativas de terceira pessoa.

¹⁰⁴ Não é excessivo recordar, contudo, que, quando não se trata de textos escritos que exigem um grau elevado de formalidade, são pouco frequentes essas ocorrências de "o(s)"/"a(s)" no PB atual.

Para o autor, é ainda por esses fatores que, apesar de muitos falantes – em situação formal e em textos escritos – se mostrarem sensíveis à proibição de situar o clítico na primeira posição da sentença¹⁰⁵, normalmente isso decorre de um condicionamento normativo e, na gramática espontânea do PB, só há impedimento para a colocação dos pronomes átonos no início de orações no caso dos já mencionados "o(s)"/"a(s)" (*idem, ibidem*: 219-220). É também o que indicam, entre outros, os *corpora* analisados por Galves & Abaurre (2002: 294), de onde são adaptados os seguintes exemplos:

- (284) a. Me chocou muito esse seu comportamento.
b. E nos viram sempre jogando.
c. Mas me disseram que é uma miséria.

Segundo Nunes (1993: 214), é novamente a direção de cliticização fonológica da esquerda para a direita que permite que clíticos outros que não os acusativos de terceira pessoa "o(s)"/"a(s)" ocorram no início de sentenças. Por outro lado, o fato de esse sentido ser da direita para a esquerda no PE é uma das razões que bloqueiam sentenças iniciadas por clíticos nesse dialeto (*idem, ibidem*: 209). O exemplo é do autor (*idem, ibidem*):

- (285) *Me diga uma coisa.

No PB, por outra parte, Galves & Abaurre (2002: 294) identificam que a restrição normativa ao clítico em posição inicial é com frequência desconsiderada, inclusive em contextos formais, e, assim, a extensão do fenômeno parece apontar, se não para uma coincidência absoluta, pelo menos

¹⁰⁵ Em geral, as gramáticas prescritivas mais tradicionais condenam a presença de qualquer clítico pronominal no primeiro lugar da sentença e, por isso, vários falantes – em situações formais e em textos escritos – evitam esse tipo de construção. Na gramática espontânea do PB atual, entretanto, os únicos pronomes átonos que de fato não podem começar orações são os já mencionados "o(s)"/"a(s)" (NUNES 1993: 219-220) e, nos *corpora* que analisam, Galves & Abaurre (2002) identificam que, inclusive em contextos formais, se costuma violar a restrição normativa aos clíticos não acusativos em posição inicial.

para mais uma tendência de aproximação entre o PB e o E no que diz respeito ao tema aqui tratado.

Nesse sentido, é preciso esclarecer que, ainda que essa preponderância da próclise também no início de sentenças não seja possível com as formas acusativas de terceira pessoa, o mais "natural" nessas circunstâncias tampouco é o emprego da ênclise e o que se observa, então, é a presença necessária de material fonológico diante do pronome, evitando que este comece a oração (cf.: NUNES 1993: 219-220):

- (286) a. *Q chamo amanhã. / Eu q chamo amanhã.
b. *A vejo sempre. / Eu a vejo sempre.

Como se observa nos exemplos, em um número elevado de ocorrências tal material fonológico parece corresponder ao um pronome de sujeito antes do verbo e isso leva a que se pergunte se, dessa maneira, a mudança na colocação reforça a tendência atual do PB de explicitar esse argumento ou se, pelo contrário, é a presença deste que reforça a mudança no posicionamento do clítico.

A despeito das restrições à próclise de "o(s)"/"a(s)" quando ligados a verbos no infinitivo ou quando não há nada que os preceda na sentença, se deve destacar que, tal como as demais ocorrências pronominais, também eles se situam, em quaisquer outros casos, em anteposição às formas verbais finitas. Os exemplos são adaptados de Galves & Abaurre (2002: 291):

- (287) a. Eu o levo.
b. Eu a coloquei no maternal.

Dessa maneira, como a próclise só não é sancionada com os clíticos acusativos de terceira pessoa em contextos específicos, de novo se confirma o caráter marginal da ênclise no PB, sobretudo porque, quando efetivamente é empregado¹⁰⁶, esse tipo de pronome "[...]" está associado ao aprendizado escolar, revela grau de instrução elevado e é identificado com a língua escrita em estilo formal" (NUNES 1993: 207) e, assim, sua colocação divergente pode decorrer não só de razões de ordem fonológica, mas também de uma influência da normatização, tão presente nas formas linguísticas que se adquirem na escola.

Em resumo, com respeito à colocação dos pronomes átonos do PB em adjunção a formas verbais simples, há o seguinte quadro:

- Os clíticos pronominais não se conectam a verbos no particípio que não são membros de sequências perifrásticas.
- Os pronomes acusativos de terceira pessoa "o(s)"/"a(s)" se posicionam em ênclise quando unidos a verbos no infinitivo e, possivelmente, no gerúndio quando este não faz parte de uma perífrase. Tampouco podem iniciar sentenças, demandando a presença de material fonológico que os anteceda.
- Nos demais contextos, prevalece a próclise.

¹⁰⁶ Nesse sentido, Nunes (1993: 207) afirma que "[...] os clíticos acusativos de terceira pessoa não fazem parte do vernáculo (no sentido de LABOV, 1972) do PB" e Câmara Jr. (1972: 47) esclarece que, para substituí-los, "um dos traços mais característicos do português do Brasil é o uso de 'ele' (e suas variantes de feminino e plural) como acusativo: 'vejo ele', em lugar de 'vejo-o'". O autor acrescenta, ainda, que se trata de um traço geral típico do PB oral de todos os níveis sociais e que só é evitado em certas situações em que aquele que fala sente "toda a sua responsabilidade de homem instruído", embora, mesmo nesses casos, a construção não seja de totalmente eliminada. No PE, por outro lado, "ele", fora da função de sujeito, só se encontra como forma tônica de complemento introduzida por uma preposição (*idem, ibidem*: 48).

5.3.1.2. POSIÇÃO COM RELAÇÃO A SEQUÊNCIAS VERBAIS

5.3.1.2.1. PERÍFRASES VERBAIS E SEQUÊNCIAS VERBAIS NÃO PERIFRÁSTICAS

Nas sequências verbais perifrásticas ou não do PB, a regra geral é a próclise ao termo que atribui função temática ao pronome argumental da série átona, com exceção, uma vez mais, das ocorrências com os clíticos acusativos de terceira pessoa "o(s)"/"a(s)".

Isso se verifica nas situações em que o elemento flexionado é um auxiliar de tempo (perífrases), nas que apresentam verbos aspectuais ou modais (perífrases ou casos fronteiros¹⁰⁷) e ainda nas que contam com formas plenas que subcategorizam orações infinitas (combinações que não constituem um bloco). Novamente, esse posicionamento não é afetado pelas características dos vocábulos que estejam ao redor da estrutura verbal (cf.: CYRINO 1993; NUNES 1993; PAGOTTO 1993; GALVES & ABAURRE 2002):

- (288) a. João não vai me contar esse segredo.
(perífrase)
- b. Essas pessoas nunca tinham se encontrado antes.
(perífrase)
- c. Depois de ter nos visto juntos, não quis mais falar comigo.
(perífrase)

¹⁰⁷ Apesar de também nos casos fronteiros ser clara a forte preferência pela próclise à forma não pessoal, nas atuais sequências formadas por ["querer" + infinitivo] ainda podem ser observados alguns exemplos de anteposição do clítico pronominal ao verbo modal. Marginais ao uso geral do idioma, entretanto, tais ocorrências talvez possam ser explicadas por motivações estilísticas, já que, ao que parece, são encontradas em textos escritos que apresentam aspirações literárias. É o caso do poema "Esmola", do escritor sul-mato-grossense Lobivar Matos (1915-1947):

- (xxv) "Pelo contrário, parece, ninguém me quer ver de pé.
Passam e jogam níqueis no meu chapéu furado."

- d. Ela sempre está te olhando do mesmo jeito.
(perífrase)
- e. Você não quer me dizer a verdade?
(não perífrase: verbo modal)
- f. Decidi lhe telefonar.
(não perífrase: oração subcategorizada)
- g. Dirija me escutando.
(não perífrase: oração subcategorizada)

É importante observar que, ao contrário do que ocorre em E, não se observa o deslocamento obrigatório do clítico em construções temporais com particípio (131b/131c) e também que, nesses mesmos contextos, não há ênclise ao auxiliar, mas sim próclise ao auxiliado, como se nota inclusive pela prosódia.

No entanto, o posicionamento proclítico ao verbo principal não parece contar com a mesma predominância em sequências que configuram núcleos de orações passivas:

- (289) a. Não tinham me mandado nada.
 ??Não me tinham mandado nada.
- b. Não foi me mandado nada.
 Não me foi mandado nada.

Exceto por essa última ocorrência, portanto, o funcionamento do PB sugere um tratamento genérico unificado para construções perifrásticas e não perifrásticas e para qualquer das três formas verbais não pessoais: infinitivo, particípio e gerúndio.

E a prevalência da próclise do pronome átono argumental com relação ao verbo responsável pela predicação é constatada em diferentes modalidades da língua, entre as quais se incluem a oral e a escrita cultas. Vejam-se novos exemplos extraídos do *corpus* analisado por Groppi (1997)¹⁰⁸:

- (290) a. vão me chamar de ignorante (DID SP 161)
- b. deve se esperar um pouco para secar aquilo (DID SP 30)
- c. até hoje eu tenho me divertido bastante (DID SP 30)
- d. [...] e espero que continue me dando (DID SP 111)

De fato, a anteposição ao verbo principal é uma característica do dialeto brasileiro que parece preponderar, inclusive, na língua literária a partir da segunda metade do século XX, como o demonstra Schei (2003: 217), a partir dos romances¹⁰⁹ que analisa: "[...] Montello usa uma colocação mais lusitana e quase nunca emprega a próclise ao verbo principal, mas nos demais cinco escritores do *corpus* esta colocação é a mais comum." Vejam-se alguns exemplos selecionados pela autora e, ainda que escritos, identificáveis como proclíticos pela ausência do hífen:

- (291) a. Já estava fazendo um ano que nós tínhamos nos mudado [...]
(Queiroz)
- b. Dentro de algumas horas Ivan estaria me esperando [...]
(Fonseca)

¹⁰⁸ Trata-se de quatro inquéritos (160 min) coletados pelo Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta no Brasil (NURC). Eles são do tipo DID (diálogo entre informante e documentador) e registram a fala de indivíduos da cidade de São Paulo.

¹⁰⁹ Trata-se de:

DOURADO, A. (1926). *Confissões de Narciso*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

FONSECA, R. (1925). *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos*. São Paulo: Companhia das Letras.

LUFT, L. (1938). *Exílio*. São Paulo: Siciliano.

MONTELLO, J. (1917). *Enquanto o tempo não passa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

QUEIROZ, R. de (1910). *Dôra, Doralina*. In: _____. *As três Marias e Dôra, Doralina* – obra reunida vol. 2. Rio de Janeiro: José Olympio.

SCLIAR, M. (1937). *Os voluntários*. Porto Alegre: L&PM.

Mesmo entre os gramáticos normativos ou tradicionais, admite-se esse quadro, já que, com base em seis obras prescritivas¹¹⁰, a autora (*ibidem*: 79) afirma ainda que, nas perífrases verbais, "a próclise ao verbo principal [...] é uma colocação típica do PB, mencionada em todas as gramáticas menos a de Said Ali".

Contudo, cabe lembrar que, em sequências não perifrásticas, nem sempre o verbo que seleciona os pronomes átonos é o último e, nesse caso, os clíticos não devem vir antepostos a este, mas sim na frente daquele de que realmente são complementos:

(292) A experiência me fez buscar uma nova vida.

*A experiência fez me buscar uma nova vida.

Assim, em (292) se mantém a anterioridade ao verbo do qual a forma pronominal "me" é objeto, embora esse verbo seja "fazer" e não "buscar".

Por outro lado, nas perífrases verbais não parece ser adequado defender a prevalência da próclise ao verbo responsável pela predicação quando o clítico em questão não é argumental. Isso porque, ao que tudo indica, em tais contextos são maiores as possibilidades de posicionamento desses pronomes quando comparadas com as dos que correspondem a objetos indiretos. Vejam-se alguns exemplos:

¹¹⁰ Trata-se de:

BECHARA, E. (1967). *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo: Cia. Editora Nacional.

VÁZQUEZ CUESTA, P. & LUZ, M. A. M. (1983). *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Edições 70.

CUNHA, C. F. da (1985). *Gramática da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: FAE.

CUNHA, C. F. da & Cintra, L. F. L. (1991). *Nova gramática do português contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.

LUFT, C. P. (1985). *Moderna gramática brasileira*. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo.

ROCHA LIMA, C. H. da (1980). *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio.

SAID ALI, M. (1964). *Gramática secundária da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica.

- (293) Com um clítico argumental (objeto indireto):
- Não me conta nada, porque eu não sei guardar segredo.
 - Você não vai me contar nada? Estou tão curioso...
 - ?Você não vai contar-me nada? Estou tão curioso...
 - ??Você não me vai contar nada? Estou tão curioso...

- (294) Com um clítico não argumental (dativo de interesse¹¹¹):
- Não me conta esse segredo para ninguém, ok?
 - Não vai me contar esse segredo para ninguém, ok?
 - ??Não vai contar-me esse segredo para ninguém, ok?
- Porém:
- Não me vai contar esse segredo para ninguém, ok?

De fato, se o contexto é ambíguo, tal divergência nas possibilidades de posicionamento do pronome pode levar o falante a interpretar determinado clítico como argumental ou não. Assim, enquanto em (295a) não é possível afirmar se a forma "me" corresponde a um objeto direto ou a um dativo de interesse, em (295b) o falante tende, aparentemente, a interpretá-la como não argumental:

- (295) a. Você não vai me contar nada.
b. Você não me vai contar nada.

¹¹¹ Segundo González (1994: 130), "[...] as construções de dativo apresentam classificações as mais variadas". Por isso mesmo, é preciso esclarecer que, embora não seja a única possível, adotamos neste estudo a definição de Márquez (1972, *apud* GANCEDO ÁLVAREZ 2002: 31), para quem o dativo de interesse [...] *indica el interés en la acción, es decir, no es el destinatario sin más (Cl [ou complemento indirecto]), sino el afectado por la acción*. Tal dativo: (1) é sempre e exclusivamente um clítico; (2) não desempenha nenhuma função no sintagma verbal, já que não corresponde nem a um argumento nem a um complemento circunstancial; e (3) é opcional, o que não significa que não aporte nada ao sentido do enunciado, mas sim que não assume função sintática e, por isso, sua eliminação da sentença não desfigura a representação do acontecimento (GUTIÉRREZ ORDÓÑEZ 1999: 1.909, *apud* GANCEDO ÁLVAREZ 2002: 31-32). Na descrição gramatical do PB, também se encontra a denominação "pronome de interesse" (CUNHA & CINTRA 2001: 303) para esse tipo de ocorrência.

Nesse sentido, talvez caiba supor que não há variação livre e que, assim, se esteja caminhando para, no que tange à colocação pronominal, uma especialização de formas. Para que se possa passar da hipótese a uma constatação, são necessárias novas pesquisas com análises quantitativas e qualitativas de *corpora*.

Ainda com relação à natureza do pronome envolvido, sabe-se que a anteposição do clítico ao verbo que atribui papel temático tampouco é predominante com os pronomes argumentais acusativos de terceira pessoa, que, entretanto, apresentam uma frequência de uso cada vez mais baixa, sobretudo na oralidade. Para Galves & Abaurre (2002: 300), parece claro que os falantes que usam, marginalmente, essas formas as adquirem na escolarização e, portanto, lhes atribuem um estatuto diferente do dos demais clíticos, uma vez que sua colocação diverge da do restante da classe.

Dessa maneira, tanto nas perífrases como nas estruturas modais com infinitivo, esses pronomes costumam se apresentar em ênclise à forma não pessoal, enquanto nos casos correspondentes com particípio ou gerúndio se dá uma regra particular de adjunção à flexão verbal que os posiciona diante do verbo conjugado (cf.: GROPPPI 1997: 80; GALVES & ABAURRE 2002: 300):

- (296) a. Nós vamos vê-lo. / *Nós vamos o ver.
(perífrase)
- b. Eu quero vê-los. / *Eu quero os ver.
(não perífrase: verbo modal)
- c. Eu gosto de vê-los. / *Eu gosto de os ver.
(não perífrase: oração subcategorizada)
- d. Não as tinha visto. / * Não tinha as visto.
(perífrase)
- d. Quem a está vendo? / *Quem está a vendo?
(perífrase)

Porém, quando o que se observa é uma sequência não perifrástica em que a forma não pessoal faz parte de um argumento ou de um adjunto do verbo com flexão, o clítico selecionado por este último deve vir em próclise a ele, mesmo que se trate de uma construção com infinitivo:

(297) A experiência o fez buscar uma nova vida.

*A experiência fez buscá-lo uma nova vida.

Em resumo, com respeito à colocação dos pronomes átonos argumentais do PB em adjunção a sequências verbais perifrásticas ou não, há o seguinte quadro:

- Em perífrases de infinitivo e estruturas modais com a mesma forma não pessoal, os clíticos acusativos de terceira pessoa "o(s)"/"a(s)" se posicionam em ênclise ao verbo principal, enquanto em perífrases de participípio ou gerúndio eles se apresentam em próclise ao auxiliar.
- Nos demais contextos, prevalece a próclise ao verbo que seleciona o clítico argumental.

Como foi dito, parecem constituir exceções, contudo, as perífrases de voz passiva, nas quais é possível observar a anteposição do pronome à forma conjugada de “ser”, e as situações em que clíticos acusativos de terceira pessoa se adjungem a verbos no gerúndio que, por sua vez, são membros de combinações não perifrásticas.

5.3.1.2.2. LOCUÇÕES VERBAIS

Quanto à colocação pronominal junto a locuções verbais, observa-se uma concordância entre o PB e o E, já que em ambos os sistemas os clíticos só podem se conectar ao verbo predicador, isto é, ao primeiro da sequência:

- (298) a. Não afirmou claramente, mas me deu a entender.
 *Não afirmou claramente, mas deu a me entender.
 *Não afirmou claramente, mas deu a entender-me.
- b. Você lhes deu o que falar.
 *Você deu o que lhes falar.
 *Você deu o que falar-lhes.

5.3.2. POSIÇÃO COM RELAÇÃO A OUTROS CLÍTICOS PRONOMINAIS

Ao contrário do que ocorre em E, no PB contemporâneo não são usuais os casos de mais de um pronome átono em adjunção a um único verbo ou a uma única sequência verbal perifrástica ou modal.

Nesse sentido, não se deve esquecer que, no Brasil, deixaram de ser produtivas as sequências de clíticos anteriormente constituídas nas formas "mo(s)", "ma(s)", "to(s)", "ta(s)", "lho(s)", "lha(s)", que, de acordo com Neves (2000: 466), se restringem "[...] ao uso literário ou a um registro mais formal" e, segundo Cunha & Cintra (2001: 309), quase não se usam, pois "da língua corrente estão de todo banidas e, mesmo na linguagem literária, só aparecem geralmente em escritores um tanto artificiais". Os exemplos daquela autora (2000a: 466-467) são todos extraídos ou de números bastante remotos de certas publicações periódicas – (138d) e (138e) – ou de obras literárias cuja primeira edição tem pelo menos 50 anos – (138a), (138b) e (138c)¹¹²:

- (299) a. Ele folheava o livro que eu deixara dentro da rede. Mostrou-mo:
 – E este livro? (CR)

¹¹² Trata-se de:

CR: HOMEM, H. (1973). *Cabra das rocas*. São Paulo: Ática.

MAD: DONATO, M. (1954). *Madrugada sem Deus*. Rio de Janeiro: José Olympio.

ALE: SALLES, H. (1961). *Além dos marimbus*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

LE-O: *Eu era cego e agora eu vejo*.

FSP: *Folha de São Paulo*.

- b. Em suma, tia Vi: contenta-te com amar-me, enquanto eu to permita! (MAD)
- c. O gerente do Banco era seu amigo: se Robertoni fosse candidato à compra da fazenda, ele lho teria dito! (ALE)
- d. E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. (LE-O)
- e. Recebi aqui uma carta de uns paulistas que andam nos sertões, escrita a meu antecessor, em que lhe pediam umas patentes de Capitão-mor e capitães para conquistarem aqueles gentios, e como isto encontrava (contrariava) as ordens de V. M. lhas não mandei. (FSP)

Por outro lado, tampouco são correntes hoje em dia as combinações dos pronomes "nos" e "vos"¹¹³, de primeira e segunda pessoas do plural respectivamente, com os clíticos acusativos de terceira pessoa "o(s)"/"a(s)", configurando uma combinação semelhante à mencionada antes – objeto indireto seguido do objeto direto –, mas com os dois elementos que constituem a forma resultante unidos por hífen e com redução fonética do primeiro deles. Mais uma vez, os exemplos são de Neves (*ibidem*: 467), que os retira de edições antigas de periódicos¹¹⁴:

- (300) a. Um polícia meio ríspido nos indagou que jornal era: e no-lo foi tomado das mãos. Causou-nos desagrado. (VID)
- b. Estejam sempre prontos a dar razão da vossa esperança a todo aquele que vo-la pede. (FSP)

¹¹³ Embora "vós" e as demais formas pronominais que lhe correspondem praticamente tenham desaparecido da linguagem corrente do Brasil e de Portugal (CUNHA & CINTRA 2001: 285), em discursos enfáticos alguns oradores ainda se servem da segunda pessoa do plural para se dirigir cerimoniosamente a um auditório qualificado (*idem, ibidem*) e, em orações ou outros textos religiosos, também é comum que os fiéis a usem para se referir a Deus ou a algum santo.

¹¹⁴ Trata-se de:
 VID: *Vida doméstica*.
 FSP: *Folha de São Paulo*.

Por fim, menos marcadas, mas ainda assim pouco frequentes, são as associações do pronome "se" aos clíticos "me", "te", "nos", "vos"¹¹⁵, "lhe" e "lhes" – porém, nunca às formas acusativas de terceira pessoa "o(s)"/"a(s)". Abolidas da linguagem oral, essas combinações tão incomuns em qualquer contexto do PB mais recente ainda são previstas por algumas obras prescritivas – como a gramática de Cunha & Cintra (2001: 308), entre outras –, que indicam que, "na escrita, as duas formas [pronominais] conservam a sua autonomia, quando antepostas ao verbo, e ligam-se por hífen, quando lhe vêm pospostas" (*ibidem*). Apenas para ilustrar tal caracterização, apresentam-se os seguintes exemplos, ambos extraídos por autores (*ibidem*) de textos literários do século passado¹¹⁶, sendo que um deles, o de Carlos de Oliveira – (140b) –, pertence, na verdade, a um escritor que, tendo nascido no Brasil, se mudou para Portugal, o país de origem de seus pais, quando contava com somente dois anos:

(301) a. O coração se me confrange...

(O. Mariano, *TVP*, I, 216)

b. A aventura gorou-se-lhe aos primeiros passos.

(C. de Oliveira, *AC*, 155)

¹¹⁵ Ver a nota 113.

¹¹⁶ Trata-se de:

MARIANO, O. (1957). *Toda uma vida de poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio.
OLIVEIRA, C. (1975). *Uma abelha na chuva*. Lisboa: Sá da Costa.

A TÍTULO DE CONCLUSÃO

Esta investigação de mestrado teve como tema as possibilidades de posicionamento das formas pronominais átonas junto a sequências verbais do E e do PB. Nela, partiu-se da hipótese de que, ao se comparar esses dois sistemas linguísticos – sem desconsiderar sua heterogeneidade –, possivelmente seriam encontradas assimetrias acerca de tal fenômeno, com maiores oportunidades para a subida do clítico naquele idioma e, ao contrário, mais restrições nos dialetos de língua portuguesa existentes no Brasil.

No entanto, para que se pudesse tratar da questão dos pronomes propriamente dita, foi preciso antes abordar a configuração das construções verbais das quais eles são complemento, já que se sabe que, para que o alçamento ocorra, é necessário, em princípio, que os verbos dispostos em cadeia passem por uma reestruturação prévia que, através de um aumento nos traços gramaticais do item finito, os torne um complexo único, ou seja, uma perífrase.

Desse modo, no capítulo 1 da dissertação foi descrita a gramaticalização, um gênero particular de mudança na qual um determinado termo perde significados de natureza lexical para adquirir outros de ordem mais abstrata. Procurou-se definir e caracterizar esse processo primeiro de maneira geral, para, a partir daí, compreender como ele se dá especificamente com relação a elementos verbais.

Conforme com o estágio de evolução da forma conjugada que as introduz, as composições verbais do E e do PB puderam ser, assim, discriminadas, sendo que, de um ponto de vista que privilegia a sintaxe, foram produtivas, para a problemática da colocação dos clíticos pronominais, as seguintes classificações: locuções, combinações que não constituem um bloco, casos fronteirços e perífrases. Por sua vez, de uma perspectiva que focaliza

sobretudo a semântica, as duas últimas estruturas foram subdivididas em expressões de voz, tempo, aspecto ou modo.

Nas seções iniciais deste trabalho, foram apresentados, portanto, os parâmetros que permitem tipificar as sequências de verbos quanto aos âmbitos mencionados e, no segmento seguinte – o capítulo 4 –, se selecionaram seis ocorrências dessas construções para que, articulando-se o conteúdo das partes anteriores, suas propriedades fossem confirmadas e se examinasse o alcance das relações entre tal caracterização e as possibilidades de fato oferecidas para o posicionamento dos pronomes átonos e, em particular, para sua subida.

Dessa maneira, buscou-se averiguar, com base na análise de exemplos representativos, se uma mesma categorização de combinações verbais pertencentes a sistemas linguísticos diversos é, por si só, suficiente para assegurar um padrão comum no alçamento de seus clíticos, regularidade essa que, em existindo, teria de ser válida para o E e o PB.

De acordo com os testes realizados, isso não se verificou e, na verdade, eles corroboraram a hipótese de assimetria da qual se partiu, permitindo, ainda, esboçar certas considerações.

A primeira foi justamente a identificação de que, ao se contrastar idiomas distintos, estruturas de cada um deles que contem com níveis de gramaticalização próximos e configurações sintáticas e semânticas análogas não têm de oferecer, necessariamente, as mesmas oportunidades para que o pronome átono argumental selecionado por sua forma infinita se posicione junto ao item conjugado. Nessa mesma direção, advertiu-se também que, embora a subida do clítico esteja estreitamente vinculada ao fato de determinada construção verbal corresponder a uma perífrase, em algumas línguas esse segundo acontecimento não garante o anterior.

Outra constatação importante foi a de que, em consonância com as ponderações precedentes, um mesmo estágio de reestruturação não tem consequências equivalentes para a colocação pronominal em E e no PB. Isso porque, enquanto neste último pareceu no mínimo duvidoso o alçamento em sequências muito gramaticalizadas como as perífrases temporais com participípio e as de futuro, naquele até mesmo o caso fronteiro observado – [*querer* + infinitivo] – revelou essa possibilidade. Apenas a composição de voz passiva constituiu uma exceção a tais divergências, pois nela não se questionou o movimento do pronome em nenhum dos dois sistemas.

Reconheceu-se, por outro lado, um novo afastamento entre eles e, se em E foram atribuídos juízos de gramaticalidade idênticos a qualquer forma pronominal, no PB despontaram assimetrias não só em comparação com o outro idioma, mas também entre os diferentes componentes de seu próprio conjunto de clíticos. Desse modo, tanto as dúvidas como as certezas acerca do deslocamento dos pronomes átonos para junto do termo finito não foram, de um modo geral, os mesmos com os acusativos de terceira pessoa – "o(s)"/"a(s)" – e com os demais casos tratados – "me", "te", "lhe(s)" e "nos".

Paralelamente, os julgamentos apresentados com relação aos exemplos foram categóricos para o E, mas indicaram muitas hesitações para o PB, o que levou à dedução de que, além de haver dissociações quanto à colocação pronominal nos sistemas estudados, também parece ocorrer uma maior estabilidade da língua espanhola no que diz respeito ao tópico em questão. Nela, não se produziram incertezas acerca dos lugares que podem ser ocupados por clíticos que complementam perífrases ou o caso fronteiro que expressa volição. Quanto ao português do Brasil, no entanto, a próclise ao verbo principal desses tipos de estrutura se mostrou uma tendência inequívoca, porém seria temerário afirmar que nunca se dão oscilações.

Concluiu-se, com tudo isso, que outros elementos que não só a gramaticalização devem ser considerados para se retratar as possibilidades de subida do clítico em E e no PB e que, sobretudo no caso deste último, são necessárias ainda novas investigações com *corpora* para, além de corroborar as predisposições atuais observadas, avaliar a gramaticalidade e a produtividade de ocorrências que, apesar de terem sido postas em dúvida nos exemplos, talvez possam caracterizar uma variação.

Assim, com a finalidade de acrescentar mais componentes à discussão e de encontrar, desse modo, respostas mais abrangentes e precisas, no capítulo 5 do trabalho se pesquisaram outras explicações para o fenômeno e essas, por sua vez, também foram debatidas, já que se percebeu que nem sempre eram suficientes ou mesmo totalmente exatas. Por meio dessa revisão bibliográfica, os juízos acerca das sentenças da seção anterior foram confirmados.

Sem desprezar a importância de um maior ou menor estágio de gramaticalização dos itens que dão início às distintas combinações verbais do E e do PB, esse critério foi, portanto, complementado e se identificaram fatores que contribuem, inclusive, para descrever as divergências existentes entre esses dois sistemas linguísticos.

Em E, se verificou, então, que, na colocação pronominal junto a formas verbais simples, predominam os casos de anteposição e que, em geral, a ênclise só se dá com infinitivos, gerúndios e imperativos afirmativos. Quanto aos participios, se reiterou que eles nunca admitem a adjunção de clíticos, independentemente de seu posicionamento. Esse quadro apresenta as propriedades da flexão verbal como seu aspecto fundamental e o tipo de pronome e de verbo implicados, o lugar em que ambos se encontram na sentença ou as características dos demais vocábulos que estejam a seu redor não desempenham qualquer papel na questão.

As mesmas posições válidas para as formas simples do idioma também o são para cada um dos membros de suas sequências verbais. Nessa conjuntura, contudo, é necessário considerar também se pode haver subida do clítico e a literatura atestou que, para que isso aconteça, concorrem outros elementos além da gramaticalização. Como se supôs pela análise das sentenças do capítulo 4, foi confirmado, nesse sentido, que em E o alçamento não se dá apenas nos casos de perífrases.

Dessa maneira, se descobriu que, conforme as constatações feitas acerca do último exemplo, parte das ocorrências não perifrásticas que admitem o deslocamento do pronome átono pode ser explicada por pertencer ao grupo das estruturas fronteiriças. Isso significa que, embora não se trate de um auxiliar de fato, a unidade que introduz tais construções já iniciou seu processo de gramaticalização e nele se encontra pelo menos no estágio II, o que implica que apresente alguns traços que a aproximam dos constituintes das perífrases plenas. Como pôde ser verificado a partir da comparação com o PB, essa condição não tem, por si só, as mesmas consequências em todos os sistemas linguísticos, mas em E ela já é suficiente para que se dê a subida do clítico, pelo menos nas situações concretas analisadas.

Nesse idioma, foram identificadas ainda combinações que, apesar de não serem nem perifrásticas nem fronteiriças, igualmente sancionam as duas posições da forma pronominal. Fernández Soriano (2000: 1.262) as caracteriza, por um lado, como o das expressões causativas e, por outro, como aquelas cujo sujeito é correferente com o do termo incrustado. Não obstante, esse último parâmetro se revelou problemático, pois, além de ser excessivamente genérico, não contempla contextos em que há diferentes sujeitos e, sim, se observa o alçamento.

De acordo com a autora (*ibidem*: 1.263), verbos de opinião, crença ou conhecimento e os chamados factivos de um modo geral não admitem clíticos pertencentes a seus complementos. É preciso mencionar, no entanto, que, mesmo que nesse conjunto a colocação preferida pelos falantes seja a ênclise à forma não pessoal, foram encontradas sequências em que tampouco é impossível a próclise ao primeiro item, o que seguiria exigindo investigações mais conclusivas sobre gramaticalidade e produtividade.

Ainda segundo Fernández Soriano (*ibidem*), também os casos impessoais estão impedidos de atrair os pronomes selecionados pelo elemento não conjugado. Deve-se assinalar, contudo, que se verificou que nem todas as sentenças que correspondem a essa descrição parecem impossíveis e que, mais uma vez, seria pertinente esclarecer melhor o alcance da restrição.

Se, a partir dos exemplos do capítulo 4, o E se mostrou mais estável e previsível que o PB com respeito à subida dos clíticos que complementam perífrases ou composições fronteiriças, é possível notar, ao mesmo tempo, que, na seção seguinte da dissertação, foram manifestadas certas oportunidades de alçamento no idioma que, devido ao baixo nível de gramaticalização das estruturas em que sucedem, em princípio não seriam esperadas. Como se viu, a descrição obtida sobre essas ocorrências não se revelou totalmente precisa e isso pode estar relacionado justamente a uma certa instabilidade.

Apesar de ter apresentado lacunas quanto às construções que não constituem um bloco, a bibliografia confirmou algumas impressões que foram levantadas no quarto capítulo e que assinalam que, respeitando-se os limites para a colocação pronominal junto a formas simples, é aceitável a subida do clítico nos diferentes tipos de perífrases do sistema (voz, tempo, aspecto e modalidade) e, se não em todos, pelo menos em parte das expressões fronteiriças. Ao que tudo indica, o E conta, nesse sentido, com mais possibilidades que o PB.

Essa última consideração também foi associada ao fato de, no PB contemporâneo, o posicionamento dos pronomes átonos encerrar características particulares que, muitas vezes, não se repetem nem na variedade europeia do idioma nem nas demais línguas romances, inclusive o E.

Como parte dessas peculiaridades, a literatura atestou as divergências existentes entre os clíticos mais produtivos – "me", "te", "lhe(s)" e "nos" – e os acusativos de terceira pessoa, que não possuem apoio consonantal. Os integrantes desse segundo grupo se dispõem em ênclise junto a infinitivos e, aparentemente, também a gerúndios que não são membros de perífrases. Em outros casos, eles não podem iniciar sentenças, demandando a presença de material fonológico que os anteceda e talvez contribuindo, assim, para a ampliação do uso do sujeito pronominal.

No restante dos contextos, se verificou uma preponderância da próclise e isso compreende não só a todos os demais pronomes em qualquer situação, mas também a "o(s)"/"a(s)" quando são complemento de formas conjugadas. Como em E, também no PB a presença de clíticos conectados a participios que não são constituintes perifrásticos se revelou anômala. Todo esse quadro independe, uma vez mais, do verbo implicado, do lugar em que ele se encontra na sentença e dos termos que estejam a seu redor.

Quanto às sequências do PB, foi confirmado que, em perífrases e estruturas fronteiriças de infinitivo, os clíticos acusativos de terceira pessoa se posicionam em ênclise ao verbo principal, ao passo que, em perífrases de participio ou de gerúndio, eles se põem em próclise ao auxiliar.

Com relação aos demais pronomes, foi ratificado o predomínio da anteposição ao termo responsável pela predicação, uma tendência que só não parece ser tão forte quando se trata de construções de voz passiva, nas quais é comum observar o deslocamento do clítico para diante da forma finita de "ser".

Exceto pela composição de voz, portanto, a colocação proclítica de "me", "te", "lhe(s)" e "nos" ao verbo não conjugado foi vinculada estreitamente às ocorrências em que o elemento flexionado é um auxiliar de tempo (perífrases), às que apresentam verbos aspectuais ou modais (perífrases ou casos fronteiros) e ainda às que contam com formas plenas que subcategorizam orações infinitas (combinações que não constituem um bloco). Isso permite concluir que, ao contrário do que ocorre em E, no PB não se observa o deslocamento obrigatório do clítico em expressões com particípio e que o funcionamento do sistema sugere um tratamento genérico unificado para construções perifrásticas e não perifrásticas e para o infinitivo, o particípio e o gerúndio.

Foram confirmados, assim, os indícios presentes nos exemplos do capítulo 4 e, ainda que algumas das sentenças avaliadas como duvidosas talvez não cheguem a constituir de fato orações agramaticais, se verificou que, na comparação com o E, o PB tem uma menor produtividade do alçamento do clítico. No entanto, ao se tratar de tendências e não de configurações fixas, são precisos novos estudos com *corpora* para verificar, além das predisposições mais correntes, que variações são possíveis e, no caso de existirem, em que contextos e com que frequência poderiam acontecer.

Ao mesmo tempo, a partir da comparação mais precisa possibilitada por essas análises, caberia também fazer pesquisas na área de aquisição/aprendizagem de línguas estrangeiras, de modo a verificar se as divergências e convergências apresentadas pelas duas línguas têm implicações para a produção e compreensão de brasileiros que aprendem espanhol e de falantes de espanhol que aprendem o PB.

Outro campo fértil de investigação é ainda buscar na história do PB as razões que levam a essa espécie de instabilidade constatada, algo que vem sendo focalizado por diversos pesquisadores que têm se dedicado a apontar uma espécie de divisão entre uma língua considerada “oficial” e outra que flui sem ser por isso totalmente legitimada. Para Mattos e Silva (2004), “o português são dois”, porém, em certos momentos, pareceria ser muitos, nem todos eles claramente configurados, em uma oscilação talvez maior devido a um quadro de, pelo menos por enquanto, não reconhecimento pleno, de ilegitimidade (cf.: ORLANDI 1988; ORLANDI 2002).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCOS LLORACH, E. (1996). *Gramática de la lengua española*. Madrid: Espasa-Calpe.
- ARAÚJO JR., B. J. de (2006). *As passivas na produção escrita dos brasileiros aprendizes de espanhol como língua estrangeira*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Inédita.
- BARALO, M. (1999). *La adquisición del español como lengua extranjera*. Madrid: Arco.
- BOSQUE, I. & DEMONTE, V. (dir.) (2000). *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid: Espasa.
- BYBEE, J. (2003). "Mechanisms of change in grammaticization: the role of frequency". In: JANDA, R. & JOSEPH, B. (eds.) *Handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, pp. 602-623.
- BYBEE, J., PERKINS, R. & PAGLIUCA, W. (1994). *The evolution of grammar: tense, aspect and modality in the languages of the world*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press.
- CÂMARA JR., J. M. (1972). "'Êle' como um acusativo no português do Brasil". In: _____. *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, pp. 47-53.
- CAMPBELL, L. & JANDA, R. (2001). "Introduction: conceptions of grammaticalization and their problems". *Language sciences* 23. Elsevier, pp. 93-112.
- CANÇADO, M. (2003). "Um estatuto teórico para os papéis temáticos". In: MÜLLER, A. et al. (orgs.). *Semântica formal*. São Paulo: Contexto, pp. 95-124.
- CANO AGUILAR, R. (1987). *Estructuras sintácticas transitivas em el español actual*. Madrid: Gredos.
- CASTILHO, A. T. de (1997a). "A gramaticalização". *Estudos linguísticos e literários* 19. Salvador: UFBA, pp. 25-64.

- CASTILHO, A. T. de (1997b). "Língua falada e gramaticalização". *Filologia e linguística portuguesa* 1. São Paulo: Humanitas, pp. 107-120.
- CASTILHO, A. T. de (2003). "Estrutura sintagmática da sentença". Inédito.
- COSTA, S. B. B. (1997). *O aspecto em português*. São Paulo: Contexto.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. (2001). *Nova gramática do português contemporâneo*. Terceira edição revista. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- CYRINO, S. M. L. (1993). "Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, pp. 163-184.
- DICCIONARIO DE LA LENGUA ESPAÑOLA VOX (s/d). Barcelona: Bibliograf.
- DUBOIS, J. et al. (1978). *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix.
- FERNÁNDEZ de CASTRO, F. (1999). *Las perífrasis verbales en el español actual*. Madri: Gredos.
- FERNÁNDEZ SORIANO, O. (2000). "El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos". In: BOSQUE, I. & DEMONTE, V. (dir.). *Gramática descriptiva de la lengua española* 1. *Sintaxis básica de las clases de palabras*. Madri: Espasa, pp. 1.317-1.397.
- FERREIRA, A. B. de H. (s/d). *Novo Aurélio século XXI*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- GALVES, C. & ABAURRE, M. B. M. (2002). "Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica". In: CASTILHO, A. T. de & BASILIO, M. (orgs.). *Gramática do português falado* IV. *Estudos descritivos*. Campinas: UNICAMP/FAPESP, pp. 273-319.
- GANCEDO ÁLVAREZ, M. A. (2002). *La oblicuidad, construcciones de dativos na interlíngua de estudantes brasileiros de espanhol*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Inédita.

- GENTA, F. (2008). *Perífrasis verbales en español: focalización aspectual, restricción temporal y rendimiento discursivo*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Linguística Geral e Teoria da Literatura da Universidade de Granada. Inédita.
- GÓMEZ TORREGO, L. (1988). *Perífrasis verbales. Sintaxis, semántica y estilística*. Madri: Arco.
- GONÇALVES, S. C. L. et al. (2007). "Tratado geral sobre gramaticalização". In: GONÇALVES, S. C. L., LIMA-HERNANDES, M. C. & CASSEB-GALVÃO, V. C. (org.). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, pp. 15-66.
- GONZÁLEZ HERMOSO, A. (1996). *Conjugar es fácil en español de España y América*. Madri: Edelsa.
- GONZÁLEZ, N. T. M. (1994). – *Cadê o pronome? – O gato comeu. Os pronomes pessoais na aquisição/aprendizagem de espanhol por brasileiros adultos*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Inédita.
- GROPPI, M. (1997). *Pronomes pessoais no português do Brasil e no espanhol do Uruguai*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Inédita.
- HEINE, B. (1993). *Auxiliaries – cognitive forces and grammaticalization*. Nova York/Oxford: Oxford University Press.
- HEINE, B., CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER, F. (1991). *Grammaticalization: a conceptual framework*. Chicago/Londres: The University of Chicago Press.
- HOPPER, P. J. & TRAUGOTT, E. C. (1993). "The hypothesis of unidirectionality". In: _____. *Grammaticalization*. Cambridge/Nova York: Cambridge University Press, pp. 94-129.
- HOUAISS, A., VILLAR, M. de S. & FRANCO, F. M. de M. (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- ILARI, R. (2001). *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto.

- LIMA-HERNANDES, M. C. P. (2005). *A interface sociolinguística/gramaticalização: estratificação de usos de "tipo", "feito", "igual" e "como" – sincronia e diacronia*. Tese de doutoramento apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Inédita.
- MARTINS, E. (1997). *O Estado de São Paulo: manual de redação e estilo*. São Paulo: Moderna.
- MATTOS E SILVA, R. V. (2004). *"O português são dois...": novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo: Parábola.
- MELIS, C. (2006). "Verbos de movimiento: la formación del los futuros perifrásticos". In: COMPANY COMPANY, C. (dir.). *Sintaxis histórica de la lengua española*. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, pp. 875-968.
- MENDES, R. B. (1999). *A gramaticalização de ["estar" + gerúndio] no português falado*. Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas. Inédita.
- NEVES, M. H. de M. (1997). *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes.
- NEVES, M. H. de M. (2000). *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP.
- NUNES, J. M. (1993). "Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, pp. 207-222.
- ORLANDI, E. (1988). "A língua imaginária e a língua fluida: dois métodos de trabalho com a linguagem". In: ORLANDI, E. (org.). *Política lingüística na América Latina*. Campinas: Pontes.
- ORLANDI, E. (2002). *Língua e conhecimento lingüístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez.
- PAGOTTO, E. G. (1993). "Clíticos, mudança e seleção natural". In: ROBERTS, I. & KATO, M. A. (orgs.). *Português brasileiro. Uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, pp. 185-206.

- PONTES, E. (1973). *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis: Vozes.
- PORTO DAPENA, J. A. (1987). *El verbo y su conjugación*. Madri: Arco.
- PORTO DAPENA, J. A. (1994). *Complementos argumentales del verbo: directo, indirecto, suplemento y agente*. Madri: Arco.
- POSSENTI, S. (1996). *Por que (não) ensinar gramática na escola?* Campinas: Mercado de Letras.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1973). *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. Madri: Espasa-Calpe.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (1992). *Diccionario de la lengua española*. Madri: Espasa-Calpe.
- RYAN, M. A. (1984). *Conjugação dos verbos em português*. São Paulo: Ática.
- SARAIVA, F. R. dos S. (2000). *Dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier.
- SCHEI, A. (2003). *A colocação pronominal no português brasileiro – a língua literária contemporânea*. São Paulo: Humanitas.
- SECO, M. (1998). *Diccionario de dudas*. Madri: Espasa-Calpe.
- TRAVAGLIA, L. C. (2002). *Gramaticalização de verbos – relatório de pesquisa*. Relatório de pós-doutoramento apresentado à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Inédito.
- VITRAL, L. & RAMOS, J. (2006). *Gramaticalização: uma abordagem formal*. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: FALE-UFMG/Tempo Brasileiro.